



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Bruna Maria de Almeida Luiz

**É devagar, é devagarinho:  
Pai Joaquim da Calunga e as desconstruções de correntes sociais e  
educacionais da colonialidade**

Duque de Caxias

2022

Bruna Maria de Almeida Luiz

**É devagar, é devagarinho:**

**Pai Joaquim da Calunga e as desconstruções de correntes sociais e educacionais da  
colonialidade**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração:

Orientador: Professor Doutor Nielson Rosa Bezerra

Coorientadora: Professora Doutora Andréa Luciane Rodrigues Mendes

Duque de Caxias

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

L953 Tese	<p>Luiz, Bruna Maria de Almeida É devagar, é devagarinho: Pai Joaquim da Calunga e as desconstruções de correntes sociais e educacionais da colonialidade / Bruna Maria de Almeida Luiz - 2022. 149f.</p> <p>Orientador: Nielson Rosa Bezerra.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.</p> <p>1. Religião e educação – Teses. 2. Cultos afro-brasileiros – Baixada Fluminense (RJ) - Teses. I. Bezerra, Nielson Rosa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 299.6:37</p>
--------------	---

Bibliotecária: Lucia Andrade – CRB7/5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

Data

Bruna Maria de Almeida Luiz

**É devagar, é devagarinho:**

**Pai Joaquim da Calunga e as desconstruções de correntes educacionais e sociais da  
colonialidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:

Aprovada em 05 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Nielson Rosa Bezerra (Orientador)  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréa Luciane Rodrigues Mendes (Coorientadora)  
Universidade Estadual de Campinas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Luiz Rufino Rodrigues Junior  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof. Dr. Eduardo Possidonio  
Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos

Duque de Caxias

2022

## DEDICATÓRIA

A espiritualidade amiga e a toda ancestralidade que hoje inclui meu pai (Cesar), que atravessou há um ano a linha da kalunga; base firme, força, inspiração... sempre presente

## AGRADECIMENTOS

Chegar ao encerramento desta etapa dos caminhos que vão se construindo nas experimentações da vida, traz uma sensação extremamente alegre e reconfortante. Muitas coisas aconteceram nesses dois anos de mestrado e uma mistura de sensações me faz riscar essas palavras de agradecimento com o coração transbordando, pois para aqueles que acompanharam mais de perto, sabem que essa pesquisa vai para além da possibilidade de um título a ser alcançado!

Sempre agradecerei as pessoas que me inseriram no espaço sagrado do Mensageiros de Oxalá (TMO) e ao professor Wolney Malafaia por aquela conversa que alargou minhas possibilidades de seguir em trabalhos que me dessem prazer!

São quase oito anos de pesquisa de campo nesse mesmo Terreiro de Umbanda onde fui muito bem recebida, agradeço aos dirigentes da Casa e a todo corpo mediúnico. Dona Ica, que era a Mãe de Santo quando comecei as pesquisas e me recebia sempre sorridente. Jorge Oliveira, atual Pai de Santo, sempre disponível aos diálogos, esclarecimentos e negociações em torno das possibilidades da pesquisa; agradeço pela confiança!

Pai João da Mina que conversou algumas vezes comigo, inclusive sobre a importância de respirar, se refazer, amadurecer e voltar para as batalhas e aprendizados; além disso, Pai João fez com que fosse possível a entrevista gravada com Pai Joaquim!

Exu Tiriri foi o primeiro a me deixar a vontade no Terreiro, me convidando para uma conversa inicial na Casa do Compadre, me visitando e protegendo meus caminhos!

Na proteção, também contei com Seu Tranca Rua das Sete Encruzilhadas que em uma das conversas, ao me abraçar, disse que estava me cobrindo com sua capa! Laroyê! E como escapei, Exu! Por isso estou aqui com mais força para falar dos saberes que me atravessaram nas palavras encantadas como potência de vida no Terreiro!

Caboclo Taomi, guia-chefe do TMO permitindo todo esse enredo desde o ano de dois mil e quatorze, com confiança e reconhecimento!

Doum, seus pulos me fizeram sair dos eixos referenciais congelados, girando nas possibilidades diversas, cruzos e ciclos encantados como seu pirulito colorido!

Cabocla Jurema agradeço pelo acolhimento, apoio e incentivo nessas caminhadas; ainda nos falaremos de novo com mais frequência, espero que em breve!

Pai Joaquim da Calunga, meu professor, (ori)entador nessas caminhadas, agradeço pela pesquisa, pelas entrevistas-consultas, pelas palavras montadas na sabedoria ancestral, pelo cuidado (não só comigo) e pela força!

Ao meu pai Cesar Luiz, emano energias de carinho e amor, com saudade de todo compartilhamento que fazíamos das descobertas nas pesquisas, de suas histórias nas macumbas, das músicas e vídeos que assistíamos, das risadas, brincadeiras e encrencas que envolveram nossa partilha terrena!

A minha mãezinha Lurdes Almeida que tanto amo e que tanto me fortalece e inspira nas caminhadas, sendo meu aconchego!

Meus avós Maria do Céu e Américo Ferreira, agradeço por estarem presentes nesse plano e minha tia Diva Almeida por sempre realizar meus pedidos em curto espaço de tempo e perguntar se estou precisando de material escolar!

Meu irmão Augusto Cesar, grande parceiro que meus pais me deram nessa vida! Carinhoso, cuidadoso e incentivador! Obrigada!

Cátia Carvalho, *“consta nos astros, nos signos, nos búzios / eu li num anúncio, eu vi no espelho / tá lá no evangelho, garantem os Orixás / serás o meu amor, serás a minha paz”*, que sorte que nossos caminhos se cruzaram, obrigada pela parceria, conforto, amizade, companheirismo e Amor!

Minha cunhada Mariana Pontes que me tira boas risadas, agradeço pelas conversas, pelo apoio e compartilhamentos nos caminhos!

Meu sobrinho lindo Rafael Pontes Luiz, força de renovação e encantamento da vida!

Minha cunhada Rosa Malena Carvalho, grata pelos incentivos e pelas disponibilidades, além da receptividade carinhosa na família!

Minha concunhada Andreza Berti, agradeço pelas partilhas, encontros e PDF's para estudos ao ingresso do mestrado!

Joana Marques, obrigada pela presença desde criança! Pelo primeiro show do Alceu na minha vida! Obrigada pela insistência naquele concurso de dois mil e quatorze! Só você me via como professora... (ou não)!

Mariana Marques, só em escrever seu nome a gargalhada não cabe em mim! Obrigada por todas as conversas, auxílios e presenças virtuais e presenciais, inclusive nos eventos!

Marta Ferreira, queridíssima que sai espalhando dendê por aí, obrigada pelas trocas, pelos ensinamentos, pela disponibilidade de sempre e incentivos por esses caminhos! Uma referência!

Eduardo Possidônio, professor querido e uma de minhas referências, obrigada pela ênfase para que eu fizesse a prova do mestrado e continuasse nessas pesquisas!

Professor Luiz Rufino, referência para esses riscados cruzados, grata pela disponibilidade na entrevista para o vídeo etnográfico!

Agradeço a todos os estudantes e ex-estudante do CIEP 032 Cora Coralina que integraram o Projeto Tocando Corações! Vocês foram um respiro revigorante e inspirador diante de tempos difíceis, além de serem a certeza da juventude que pulsa em potencialidades! Isso é Baixada Fluminense!

Muito grata a direção do CIEP 032 Cora Coralina que permitiu que as filmagens acontecessem, também, no espaço da escola; entendendo a importância de fazer circular em outros espaços o Tocando Corações!

Especialmente grata aos ex-estudantes Alexandre Ohnesorge, Ana Beatriz Alves, Carlos Eduardo Camelo, Gabriella Motta, Rayane Martins, Miguel Martins e Mizael Oliveira por toparem fazer parte do vídeo etnográfico! Vocês são incríveis!

Marize Vieira, Para Rete, agradeço pela disponibilidade em gravar para o vídeo etnográfico e por todas as suas partilhas muito pertinentes e inspiradoras dentro e fora do Projeto Tocando Corações!

Lady Almeida, muito feliz e grata pela parceria nesse tempo todo de Tocando Corações! Obrigada pela disponibilidade em fazer parte do vídeo etnográfico e por todo ensinamento que obtive com você nesses processos! Sua amizade foi um presente do Cora Coralina!

Silvania Brito, uma inspiração para o trato docente no envolvimento e cuidado com estudantes! Obrigada por topa entrar nessa experimentação e viagem do Tocando Corações, quando tudo parecia quase impossível! Obrigada, também, pela gravação para o vídeo etnográfico!

Beatriz Pessanha, e aquele ônibus que veio em nossa direção na seletiva da Linha Amarela? Quantas risadas de quase me obrigar a parar o carro, nas idas e vindas do Cora Coralina! As viagens são longas quando adicionadas ao engarrafamento, mas se tornavam muito agradáveis com a sua companhia. Muitas histórias, trocas e incentivos! Obrigada por também fazer parte desse caminho!

Lucas Ianni, quantos exageros tecidos em cada live assistida e partilhas lá nos almoços do IPN! Obrigada, meu amigo, inclusive pelos tantos PDF's!

Caio Silva, sempre grata pela amizade de anos e por manter meu computador funcionando, aos trancos e barrancos, a fim de fazer tudo que eu queria sem potência para isso!

Éllen Vieira, querida amiga de anos, com quem compartilho as alegrias e tropeços da vida; obrigada pela parceria, amizade e carinho!

Jessica Oliveira, parceira nos caminhos, obrigada pelas conversas, pela amizade, carinho e participação em um dos materiais do Tocando Corações!

Raquel Piedade, amiga tiktoker famosa! Seus vídeos fazem muitas aulas minhas! E sua amizade faz meu caminhar mais potente! Obrigada pelas partilhas, pelos incentivos e pelas risadas!

Tatiana Vasconcelos, quantas risadas! Quantas construções, partilhas e (re)conhecimentos! Presente que o mestrado me deu! Obrigada pelas brincadeiras, leituras, conversas variadas, incentivos e amizade!

Leticia Aires, ufa! Como foi difícil ajustar as imagens no texto final! Obrigada por fazer muito mais do que a solicitação de meu grito de socorro tecnológico e tornar novamente possível a permanência de todas as fotografias na dissertação! E foi muito bom construir com você parte de nosso evento de “Seminário Discente” do PPGECC!

Vitória Daier, “oh, God”, “sem or”! Nem sei como agradecer nessas linhas a exploração! Muito grata pelo auxílio na parte final, formal, que menos me interessava...!

Andrea Mendes, minha orientadora, não tenho palavras para agradecer esse acompanhamento! Quanta alegria ao ler seus comentários e emoções recíprocas! Em sonho, nos encontrávamos em algum lugar familiar e o abraço rodopiava pelo espaço! Obrigada!

Nielson Bezerra, meu orientador, muito grata por me apresentar Andrea e por toda compreensão nos momentos mais difíceis dessa caminhada; além do incentivo e possibilidades outras!

Por fim, agradeço a banca de qualificação que foi composta pelo professor Ricardo Freitas (UNB) e professora Ana Paula Ribeiro (UERJ-FEBF), assim como a banca de defesa com o professor Eduardo Possidonio (IPN) e professor Luiz Rufino (UERJ-FEBF); as ponderações, sugestões, reconstruções, reconhecimentos e cismas me fizeram potencializar ainda mais as possibilidades de caminhos, com alegria!

Viver é um sonho  
Incerto na verdade  
Vamos mergulhar nessa fantasia  
Chamada realidade

*Bruna Almeida*

## RESUMO

ALMEIDA, Bruna. **É devagar, é devagarinho:** Pai Joaquim da Calunga e as desconstruções de correntes sociais e educacionais da colonialidade. 2022. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

A presente dissertação terá as palavras firmadas com o cuidado de construir-se a partir das filosofias dos Terreiros, locais que diante do precário recriam formas de contornar o terror colonial que se arrasta, tentando apagar os modos de ser e viver dos povos em suas heranças africanas e indígenas. Para isso, Pai Joaquim da Calunga, Preto Velho que baixa no Terreiro de Umbanda Mensageiros de Oxalá localizado na zona norte do Rio de Janeiro, risca seu ponto como professor ancestral que (ori)enta formas de praticar a Educação em um CIEP na Baixada Fluminense, reivindicando sabedorias outras dos corpos plurais que circulam nesse espaço e que contam, ainda de forma precária, com as Leis 10.639 e 11.645 como forma obrigatória do ensino da história e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nas escolas. Com pesquisa de campo, vivenciando o espaço do Terreiro, praticando a escola nas experiências e experimentos docentes, fazendo entrevistas em profundidade com entidades, estudantes e professoras, a pesquisa foi se construindo na costura com imagens e um vídeo etnográfico. *Nego Veio* vai inspirando caminhos, pisando devagar, fortalecendo, amparando e potencializando os indivíduos nos ciclos da vida.

Palavras-chave: Educação. Baixada Fluminense. Preto Velho.

## ABSTRACT

ALMEIDA, Bruna. **It is slow, it is slow:** Pai Joaquim da Calunga and deconstructions of social and educational currents of coloniality. 2022. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2022.

The present dissertation will have the words signed with the care of being built from the philosophies of the Terreiros, places that, in the face of precariousness, recreate ways to circumvent the colonial terror that drags on, trying to erase the ways of being and living of the people in their heritages. Africans and Indigenous peoples. For this, Pai Joaquim da Calunga, Preto Velho who lives in the Terreiro de Umbanda Mensageiros de Oxalá located in the north of Rio de Janeiro, traces his point as an ancestral teacher who (ori) finds ways to practice Education in a CIEP in Baixada Fluminense, claiming other wisdoms from the plural bodies that circulate in this space and that rely, still precariously, on Laws 10,639 and 11,645 as a mandatory way of teaching African, Afro-Brazilian and indigenous history and cultures in schools. With field research, experiencing the Terreiro space, practicing the school in teaching experiences and experiments, conducting in-depth interviews with entities, students and teachers, the research was built in sewing with images and an ethnographic video. Nego Veio inspires paths, treading slowly, strengthening, supporting and empowering individuals in the cycles of life.

Keywords: Educação. Baixada Fluminense. Preto Velho.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exu Tiriri riscando o fogo para o descarrego geral.....	18
Figura 2 - Pontos riscados para o descarrego geral .....	19
Figura 3 - Estudante ensaiando Maculelê para o projeto Direitos Humanos .....	33
Figura 4 - Estudante do 3º ano ornamentando a sala para o projeto Direitos Humanos .....	34
Figura 5 - Bloco Unidos do Cora na quadra da escola preparando para sair às ruas .....	47
Figura 6 - Material construído pela turma de 2º ano - Ensino Médio .....	49
Figura 7 - Caboclo Sete Flechas na Gira de homenagem a Oxóssi.....	58
Figura 8 - Planta de situação do TMO.....	60
Figura 9 - Planta de situação do TMO.....	60
Figura 10 - Atabaqueiros do TMO .....	62
Figura 11 - Pai Joaquim da Calunga com seus instrumentos de trabalho .....	64
Figura 12 - Preto Velho Pai João da Mina .....	64
Figura 13 - Pirulito de Doum da Praia.....	67
Figura 14 - Ponto riscado de Pai Joaquim da Calunga .....	75
Figura 15 - Pai Joaquim da Calunga desfazendo os nós da palha .....	77
Figura 16 - Pai Joaquim da Calunga.....	85
Figura 17 - Pai Joaquim da Calunga.....	86
Figura 18 - Pai Joaquim da Calunga e Caboclo Três Estrelas .....	88
Figura 19 - Pai Joaquim da Calunga em trabalhos .....	89
Figura 20 - Ponto riscado de Pai Joaquim da Calunga envolvido no Rosário.....	94
Figura 21 - Trabalho sobre Potências Femininas.....	97
Figura 22 - Trabalho sobre Potências Femininas / Ensino Médio.....	98
Figura 23 - Pai Joaquim da Calunga acendendo seu cigarro de palha .....	100
Figura 24 - Arrumação dos assentos de Pretos e Pretas Velhas.....	101
Figura 25 - Pai Joaquim da Calunga em momento de incorporação .....	106
Figura 26 - Pai Joaquim da Calunga com Rosário cruzado e as guias .....	107
Figura 27 - Pedaco de tronco de árvore [toco] que Pai Joaquim senta para realizar os trabalhos .....	108
Figura 28 - Captura de tela de mensagem de WhatsApp do Projeto Tocando Corações .....	113
Figura 29 - Capturas de tela do aplicativo WhatsApp – Tocando Corações .....	117
Figura 30 - Captura de tela do aplicativo WhatsApp – mensagem de estudante do Prjeto....	119
Figura 31 - Capturas de tela da página, no Facebook, do projeto Tocando Corações.....	122

Figura 32 - Captura de tela de mensagem de profissional da escola, no aplicativo WhatsApp .....	122
Figura 33 - Estudantes preenchendo o Questionário Socioemocional .....	126
Figura 34 - Desenho oficial do Projeto.....	130
Figura 35 - Prospecto do projeto Tocando Corações.....	131

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
1 <b>DEIXA A FUMAÇA ENTRAR NA SALA: o invisível que reexiste na disputa .....</b>	28
1.1 “Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.....	32
1.2 Educação na pandemia: um ato responsável para tocar corações .....	37
1.3 Okê Aro: lançando flechas de reencantamento de mundo na pluralidade de saberes .....	40
1.4 “Ê! Ah! Pisa na Umbanda!” .....	51
2 <b>NA BANDA E NA QUIMBANDA DE UM <i>NEGO VEIO DA CALUNGA</i> .....</b>	70
2.1 <b>O chão do terreiro como espaço forjador de conhecimentos .....</b>	73
3 <b>QUEBRANDO AS CASCAS DE COCO: nos caminhos de uma educação plural e democrática.....</b>	109
3.1 <b>Os caminhos do projeto .....</b>	111
3.2 <b>Afetamentos nas experiências de envolvimento.....</b>	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	138
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	143

## INTRODUÇÃO



*“Defuma, defuma  
Com arruda e guiné  
Ô cheirou a guiné  
O Terreiro de meu pai  
Defuma, defuma  
Oxalá o Gongá”*  
(Ponto de defumação)

Alguns cuidados são necessários antes e durante a entrada em um local de iniciação à pesquisa, como despir-se ao máximo de ideias pré concebidas, sentir e experienciar o contexto de imersão, a fim de que a pesquisa flua com seriedade e atinja um de seus propósitos, ser mais uma semente de reflexões e possíveis desconstruções de preconceitos e violências que assolam a sociedade; exaltando a pluralidade de existências e o respeito a essa diversidade, através da visibilidade e conhecimento; transformando-se, portanto, em um pequeno instrumento de melhorias em algum momento, em algum lugar, nas lutas diárias, percebendo a pesquisa como uma atividade social.

Meu caminho é iniciado em dois mil e quatorze após ter conhecido, na graduação em Ciências Sociais, a Jurema, um enteógeno nordestino, descrito pelo professor e antropólogo Marcos Albuquerque<sup>1</sup> (2002). Em sua pesquisa, Albuquerque visita um Terreiro de Umbanda na Paraíba e relata algumas questões da Jurema em várias faces, inclusive como uma Cabocla. Entre árvore e bebida sagradas, rituais e uma entidade corporificada em cavalos de santo<sup>2</sup>, meu interesse despertou para a Cabocla e fui procurá-la no Rio de Janeiro.

Meu encantamento pela possibilidade de outros mundos e a comunicação entre eles foi sempre geradora de pensamentos que pudessem compor filosofias de vida e caminhos variados nesses conflitos terrenos, nas idas e vindas. Ouvindo meu pai contando histórias do

---

<sup>1</sup> Meu orientador na monografia “A Umbanda e sua Jurema: o imaginário sobre o indígena em um terreiro carioca”, na graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Nome dado, pelas pessoas de Terreiro, aos médiuns que incorporam as entidades. Kávalu é um termo originário do kimbundo que significa companheiro, camarada, pessoa com que se tem relações de amizade. (JUNIOR, 1967, p.110)

Terreiro de dona Uilta, em Parada de Lucas, ou nas entregas de bois, com meu avô, nas macumbas da região, fui entrando em contato com pessoas que pudessem colaborar nessa busca a Cabocla. Enfim, Jurema me leva ao Terreiro Mensageiro de Oxalá (TMO), onde inicio minha pesquisa para a graduação com essa entidade de Umbanda. O TMO, então, ao abrir suas portas, me permite a oportunidade de mergulhar na história de um Brasil complexo, cheio de problemáticas ainda a serem trabalhadas no arrastar das correntes da colonialidade. E é na batalha e na disputa que as entidades praticam a encantaria por um mundo possível de alegria e caminhos diversos.

A Cabocla Jurema me lança na Umbanda, até então, conhecida, por mim, de forma muito rasa. Na primeira sessão assistida, apenas sabia que espíritos seriam manifestados nos corpos que começavam a girar no Terreiro, em paralelo, uma cambona<sup>3</sup> me ajudava a decifrar certas ações. Essa sessão é intitulada “Descarrego geral” e acontece sempre após o dia vinte de cinco de dezembro, na última segunda ou sexta feira do ano, seguindo os ensinamentos do mentor e fundador do Terreiro, Caboclo Taú. Pontos de Seu Tiriri, Seu Zé Pelintra, Seu Tronqueira e Seu Marabô, Exus que tomam conta e dão conta dos trabalhos do TMO, são riscados no chão do Terreiro e todos ali presentes se posicionam ao seu redor, mentalizando coisas boas para o novo que está por vir, deixando para trás as problemáticas, carregos e más energias que possam atrapalhar os caminhos, as entidades solicitam que as pessoas sacudam as roupas para tal ação; os atabaques soam e os pontos são cantados com ênfase no meio do fogo incitado pela pólvora onde Exu Tiriri faz a fumaça surgir.

Após isto, os médiuns vão para a encruzilhada arriar uma mesa para Exus e Pombagiras agradecendo pelo ano que está no fim, pela realização dos trabalhos no Terreiro e pedir paz, harmonia, prosperidade e proteção para o novo ano.

---

<sup>3</sup> Auxiliar das entidades, de médiuns e das pessoas que compõem a assistência do Terreiro, fazendo fluir os trabalhos na Gira.

Figura 1 - Exu Tiriri riscando o fogo para o descarrego geral



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Quando o sol aqui não mais brilhar  
Quando da lua seu clarão refletir  
É sinal que está na hora  
É ele quem chega agora  
Já deu meia-noite  
Tranca Rua é quem chega aqui  
Jurou amar alguém na encruzilhada  
Jurou fazer o bem de madrugada  
Hoje com fé, companheiro e amigo leal  
Quebra feitiço e também desfaz o mal  
E toda vez que na rua eu caminhar  
E ouvir de longe sua voz a ecoar  
Tenho certeza que agora eu não ando sozinho  
Seu Tranca Rua é dono do meu caminho

(Ponto de Exu Tranca Rua)

Figura 2 - Pontos riscados para o descarrego geral



Fonte: Acervo Pessoal, 2019

Diversas entidades chegaram mais perto de mim, para cumprimentos, boas-vindas e o tom brincante de Exu Sete Catacumbas me desconcertou no instante em que liguei a câmera no decorrer da gira e ele disse: “*Tá filmando? Cuidado com o que vai ver nas fotos...*”, gargalhou e se integrou a todo Povo de Rua<sup>4</sup> que ali chegava para os trabalhos da noite.

Foram as idas constantes e as conversas variadas com as entidades que me fizeram compreender e instigar mais questionamentos e aprendizados em torno daquelas sabedorias e os próprios fazeres cotidianos.

Nas observações participantes, registrando cada sessão através das lentes de uma modesta câmera e anotações em um diário de campo, passei a frequentar quase todas as sessões do Terreiro, de dois mil e quatorze até o início de dois mil e vinte, convivendo com os membros da Casa, dialogando, participando de confraternizações, fazendo entrevistas e, posteriormente, filmagens a pedido, também, da própria diretoria; uma das solicitações, inclusive, foi a festa em comemoração aos oitenta anos de dona Ica, a Mãe de Santo que, ainda em vida, passou sua responsabilidade a Jorge Oliveira, atual Pai de Santo do Terreiro.

---

<sup>4</sup>Como também são conhecidos os Exus e as Pombagiras nos Terreiros. As referências aqui presentes são baseadas, fundamentalmente, na Umbanda praticada no Terreiro Mensageiro de Oxalá, assim como os termos enunciados pelos próprios integrantes da Casa e entidades.

Minha companheira de campo, na época em que inicio a primeira pesquisa, a geógrafa Lucia Santos, em toda sessão de Preto Velho conversava com uma entidade chamada Pai Joaquim, um velho negro que fora escravizado em canaviais dessas terras pindorâmicas e *baixava*<sup>5</sup> no Terreiro trazendo seus conhecimentos dessas e outras *Eras*. Muitas foram nossas conversas sobre este Velho senhor que indicava, muitas vezes, leituras instigando reflexões sobre nossas próprias ações, desconstruindo concepções milagrosas de entidades de Terreiro. Aproveitando as falas, também li os livros sugeridos e aguçando ainda mais minha curiosidade, fui conversar com ele.

As sessões de Preto Velho são bastante espaçadas nesse Terreiro, mas, pude observar a entidade em trabalho e a forma com que conduzia seus consulentes me chamou atenção; seus cânticos ao dar passes, fazendo a limpeza, suas rezas cantadas, sua maneira carinhosa de falar e apaziguar as mazelas dos encarnados<sup>6</sup>, envolvendo-os em abraços e embalos de um pai, diante de um filho assustado, perdido ou acorrentado em seus próprios medos, preconceitos e inseguranças. Porém, quando precisava de mais rigidez, também, não deixava de lado o afeto. Um dia, em meio a conversas difíceis em que esse Preto Velho descortinava meus próprios cativeiros, questionei: “*Como vou fazer isso, Pai Joaquim?*” e *Nego Veio* rebateu com a pergunta: “*Xunxê não tem as pata<sup>7</sup> de xunxê?*”.

Ai vovô, eu tenho medo  
 Ai vovô, eu tenho medo  
 Da fumaça do cachimbo  
 Descobrimo o meu segredo

(Ponto de Preto Velho)

Em concomitância, tivemos diálogos com o aparelho<sup>8</sup> de Pai Joaquim que, gentilmente, emprestava os livros sugeridos por este espírito trabalhador de Umbanda.

Finalizada uma etapa com a Cabocla Jurema, continuei indo ao Terreiro, levando a pesquisa pronta para conhecimento daqueles que, até certo ponto, foram co-autores do texto e do vídeo etnográfico. No dia vinte e oito de dezembro de dois mil e quinze, último dia no

---

<sup>5</sup>Uma das formas de se fazer referência a chegada, a incorporação de uma entidade.

<sup>6</sup>Seres que estão no planeta Terra, envolvidos em corpos físicos, ou seja, com o invólucro carnal.

<sup>7</sup>Pai Joaquim referindo-se aos meus pés, a possibilidade do caminho, de ação independente.

<sup>8</sup>Medianeiros dos espíritos para a comunicação com os seres da Terra, encarnados; médiuns de incorporação. Aparelho é o termo utilizado por Pai Joaquim para se referir a sua medianeira, a médium Cátia Carvalho.

TMO antes da defesa de minha monografia, Jurema da Cachoeira me presenteia com um cordão de dois pingentes: arco de flecha e um crucifixo. Ao colocar, ela mesma, em meu pescoço, jogou a fumaça de seu cigarro, dizendo que aquele objeto material seria para sempre me inspirar felicidade e desejou que meu trabalho me trouxesse muitas alegrias e contribuísse para aberturas de novos conhecimentos, sempre constantes.

As observações continuaram no Terreiro e a possibilidade de prosseguir com os estudos naquele espaço surgiram.

O tempo foi passando, conversas aconteceram, mais observações em campo, leituras e vivências me levaram a novas possibilidades, dentro de temáticas agora referentes à escravidão negro-africana, culturas afro-ameríndias e Educação. Trazendo comigo as aprendizagens de Terreiro desde a Jurema, a mata de Caboclos e Caboclas me traz nova perspectiva, o canavial.

Convite feito e aceito, Pai Joaquim da Calunga, trabalhador da Banda e da Quimbanda, firma ponto na presente dissertação, ori-<sup>9</sup>entando (FERREIRA, 2021) a construção dessa pesquisa mergulhada em cotidianos variados; o Velho Joaquim como um professor ancestral inspirando caminhos, pisando devagar, fortalecendo, amparando e potencializando os indivíduos nos ciclos da vida.

Os dirigentes do TMO sempre me deixaram bastante a vontade para a realização das pesquisas, algumas negociações foram feitas, diálogos que buscaram um equilíbrio em uma troca de gentilezas. Alguns entraves se desfizeram com novas conversas e entendimentos mútuos, inclusive com entidade quase falando ao telefone com membros do Terreiro a fim de permitir determinadas ações minhas em prol da pesquisa. Tal enredo se deu quando fui explicar a um dos espíritos dirigentes da Casa minha intenção de filmagem com Pai Joaquim, porém, alguns membros não concordaram e a pessoa fundamental para o processo de aceite não estava na Gira. A entidade, que não via problema na entrevista gravada, pediu que eu chamasse essa pessoa, ligasse para ela pois precisava falar com urgência.

Além da entrevista se dar com Pai Joaquim, que já tinha aceitado a proposta se o Terreiro não se opusesse, outro Preto Velho, Pai João da Mina<sup>10</sup>, participou desse primeiro encontro e após isso, afirmou que sempre que eu quisesse conversar e, também, gravar em imagens e sons Pai Joaquim, que eu ficasse à vontade.

---

<sup>9</sup>Ori: cabeça.

<sup>10</sup>Segundo o Pai de Santo, Jorge Oliveira, Pai João é o mensageiro direto do Caboclo Ogum Matinata, entidade que traça os direcionamentos da ritualística do TMO. Caboclo Taomi é o caçador de almas, tendo como função fazer com as regras sejam cumpridas.

Tendo, em todo o processo traçado, dados de campo e inspirações para essas linhas, procuro seguir uma ética de pesquisa sempre com a preocupação de não desrespeitar aquele lugar sagrado, me inserindo além do permitido ou expondo caracterizações equivocadas que pudessem servir como mais uma tentativa de fundamentar preconceitos ou criar impactos desnecessários, irreais a partir das construções feitas com a minha convivência e diferenças culturais. Sou, a princípio, alguém de fora buscando lançar para além dos muros do Terreiro as sabedorias ali assentadas e com o passar dos tempos, sou *alguém* de dentro, que reconhece naquele espaço e práticas, firmezas de nossa brasilidade (SIMAS, 2021, p.15). Caboclo Ogum Sete Ondas, na Gira de Caboclos no TMO, em maio de dois mil e vinte e dois, afirma que caminha na Umbanda e pode caminhar em qualquer lugar, não necessariamente sendo um Caboclo umbandista, exemplificando ao cantar o ponto:

Caboclo não tem caminhos para caminhar  
Caboclo não tem caminhos para caminhar  
Caminha por cima das folhas  
Por baixo das folhas  
Em qualquer lugar

Seguindo por uma possibilidade da Antropologia interpretativa inspirada por Clifford Geertz (2008), é necessário formular descrições (densas) que devem ser vistas, em um texto desse caráter, como construções em cima das próprias construções das pessoas que estão inseridas no contexto estudado. Nada que seja intocável, que não possa ser complementado, reconstruído ou (por que não!?) refutado. É mergulhando no conhecimento enterreirado (nascimento, 2020) que caminho nas construções provisórias e nos aprendizados constantes na coletividade da pesquisa.

Um pensamento enterreirado é um modo de pensar que emerge no terreiro e do terreiro, desde seus objetivos de resistência. Toma em consideração os eixos desde os quais a resistência se faz necessária, evitando a opressão e assumindo um compromisso com a comunidade desde a qual se pensa. Um pensamento enterreirado caminha e expressa uma ancestralidade que lhe atravessa, na tentativa de fortalecer a comunidade, buscando tanto quanto possível desatar os nós coloniais que insistem em formar sujeitos subalternizados, ensimesmados, destituídos de sua potência criativa. Explicita e valoriza as matrizes africanas e originárias de nosso continente que lhe conformam as direcionalidades plurais. (nascimento, 2020, p.203)

Dessa forma, as palavras aqui firmadas, terão o cuidado de enunciarem-se, também, a partir das filosofias dos Terreiros, locais que diante do precário recriam formas de tratar o terror colonial que se arrasta, tentando apagar os modos de ser e viver dos povos em suas heranças africanas e indígenas. É nos Terreiros, nos Quilombos e nos territórios indígenas que é possível termos o encanto da brasilidade, em oposição ao Brasil amarrado à colonialidade, imerso no sangue da diversidade ancestral que firmou esse chão. Esses locais que inspiram, abraçam e recriam as brasilidades foram territórios, na diáspora, onde era possível realizar as práticas culturais subalternizadas por aqueles obcecados pelo caminho e verdade única; sendo, então, espaços de transgressão que permitem a realidade de ser o que se é, como uma estratégia de fresta, nos vazios deixados pela violência que fundou o Brasil Institucional ancorado em bases eurocentradas, branca, heteropatriarcal e de domesticação dos corpos. Esse conceito de brasilidade, discutido pelo professor Luiz Antonio Simas, portanto, é uma das formas de libertação pela alegria<sup>11</sup>, como um ato político contra a colonialidade. A alegria é o maior combatente do ódio e seus discursos afins, sustentando as rodas de Capoeira, Jongo, Sambas, Candomblés e Umbandas...

É fundamental manter-se aberto a novas possibilidades e saberes, não se fixando nas ideias pré concebidas e afetar-se positivamente com as imprevisibilidades, que são dados importantes de pesquisa. Simas e Rufino (2018) comparam o pesquisador a um cambono que permite afetar-se pelo outro e atua em função do outro; desconfiando das certezas, assim como dos caminhos alternativos; é, portanto, não acreditar completamente na primeira percepção, mas testar, praticar, cismar, questionar e, fundamentalmente, vivenciar as experiências naqueles espaços, praticar o Terreiro na ação tática da ignorância para se disponibilizar aos saberes ao se lançar de corpo aberto aos cotidianos.

A sensibilidade de uma pesquisa nasce das comunicações, dos diálogos permanentes, das vivências, do contato entre os seres; é um exercício do encontro, encontro de consciências individuais, onde é interessante perceber o conflito com a subjetividade. A pesquisa passa pela pesquisadora e os vieses podem surgir deste encontro, devendo ser reconhecidos e minimizados pelas metodologias de pesquisa, tendo atenção em não naturalizar ou censurar dados importantes devido aos vieses. Diferente das ciências naturais em que o pesquisador tem uma objetividade nas relações com os objetos externos observados, nas ciências sociais lida-se com os sujeitos de pesquisa, valores, emoções e subjetividades. Por isso, é importante

---

<sup>11</sup> Alegria é a base do pensar Nagô, de acordo com Muniz Sodré em sua obra “O Terreiro e a Cidade” (2002).

perceber que “*quanto maior a consciência de suas motivações, mais o pesquisador é capaz de evitar os desvios (ou bias) próprios daqueles que trabalham com a ilusão de serem orientados apenas por propósitos científicos*” (GOLDENBERG, 1998, p.69).

O trabalho etnográfico é uma construção de convívio com os indivíduos do grupo estudado, com variadas informações e vivências que precisam ser reduzidas para o texto final. Além disso, muitas percepções não são contempladas em um texto linear como, por exemplo, nossa relação com os interlocutores pelos silêncios, olhares, risos, lágrimas, gestos, etc., as pessoas não são objetos passivos; sendo assim, Rita Amaral e Vagner Silva (2006), sugerem a utilização de um trabalho multivocal, buscando costurar a escrita com os sujeitos presentes na pesquisa e suas perspectivas, junto a utilização de imagens e vídeos etnográficos, deixando, portanto, a possibilidade da interação do próprio leitor às suas interpretações na percepção dos sons, imagens e descrições multivocais. Para que o texto linear não seja um meio de sobreposição de uma autoridade de quem pesquisa, os autores indicam uma etnografia em hipermídia, justamente para haver múltiplas leituras e não um encerramento nos caminhos indicados pela própria pesquisadora.

Este trabalho, portanto, será desenvolvido em um exercício antropológico sobre a estética social daqueles que estão inseridos no contexto estudado, na reestruturação dessa realidade, buscando uma possibilidade de compreensão do modo de perceber-se no mundo, em uma narrativa que permita o entendimento de determinados conceitos, hábitos, valores e comportamentos na busca, sempre, das interações e envolvimento. Nesse sentido, venho firmando uma rede de negociações com o Terreiro para fotografias e vídeos das Giras, utilizando, também, as entrevistas a fim de obter dados em profundidade, reconhecendo que existem limites na compreensão da pesquisadora em relação aos saberes e fazeres do grupo estudado.

A interferência da pesquisadora está no próprio ato de circunscrição do sujeito de pesquisa, mostrando, portanto, o interesse individual de um ponto que se acha o mais importante no momento do tema em questão, sendo sempre construído em processo e nunca inventado, conservando-se a meta do esforço de conter a subjetividade, como sugere a antropóloga Mirian Goldenberg, em uma vigilância epistemológica constante.

De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa etnográfica vem sendo mais aceita no campo da Educação, devido ao seu potencial para estudos relacionados à Escola, tendo em vista, também, a importância de não restringir-se somente ao espaço escolar, mas compreender a Educação em um contexto cultural mais amplo, que transborde, portanto, os muros da Escola.

Dia vinte e seis de dezembro de dois mil e quatorze, piso na linha de Umbanda no bairro de Inhaúma, na cidade do Rio de Janeiro, a fim de mergulhar gradativamente nos níveis diversos de consciência das realidades visíveis e invisíveis, nessa interligação de diversos seres de múltiplos planos existenciais.

Os trabalhos do Velho Joaquim desenvolvidos no Terreiro nos apresentarão a ritualística de Umbanda, fazendo perceber como médiuns, seguidores e frequentadores da religião, identificam-se e praticam o cotidiano; assim como haverá o entrelaçamento com a Escola Pública Estadual na Baixada Fluminense, no município de Duque de Caxias, buscando compreender como estudantes, professores e professoras vivenciam a diversidade dentro desse outro espaço que vai forjando<sup>12</sup> conhecimentos, tendo em vista a afirmação das diversas formas de se praticar a vida e o respeito a elas, na luta por uma Educação democrática e plural, em contraposição as amarras curriculares e sociais na perspectiva colonial, baseada nas exclusões e violências variadas; uma das formas de cativo na perspectiva de Preto Velho.

Muitas vezes no próprio chão da Escola temos práticas ancestrais, vivências e percepções de mundo que não são visibilizadas, como por exemplo, de estudantes indígenas, imigrantes, netos de mãe de santo, filhos de santo, capoeiristas, compositores de samba, etc...; e as Leis (10.635 e 11.645) que nem sempre são cumpridas, podem ser implantadas, também, às avessas, fortalecendo estereótipos e estigmas sociais.

Nos vazios deixados é onde existe a possibilidade de nos encaixarmos e tomarmos espaço na coexistência, plantando a semente das desconstruções e, pouco a pouco, relativizando a hierarquia cultural imposta, quebrando barreiras e construindo uma sociedade mais harmônica. São os saberes incorporados vivenciando o mundo nas possibilidades e poéticas de reinvenções da vida. E é nos pensamentos incorporados (nascimento, 2021) que Pai Joaquim também vai à Escola como um professor ancestral, onde muita coisa vivenciada e praticada está dentro de um desdobramento de culturas africanas e indígenas, das sabedorias invisibilizadas e inferiorizadas pela lógica colonial.

Através da Umbanda, outras presenças se erguem versando sobre as pessoas que são desassistidas desde tempos atrás, podendo nos trazer à reflexão estudantes de Escola pública e todos os corpos que fogem ao padrão normativo eurocentrado, branco, heteropatriarcal, judaico-cristão. Na Umbanda, esses corpos são expostos sob outras perspectivas. E hoje? A

---

<sup>12</sup>Referência ao Itan/História de Ogum, que forja o metal e faz esse metal se transformar; para mais detalhes ver FERREIRA (2022).

escravidão acabou? E o colonialismo? Pai Joaquim da Calunga sempre questiona seus consulentes: qual é o seu cativo?

É preciso desconstruir o carrego colonial (RUFINO, 2019) que torna forte o projeto de mundo baseado na pressão do subalternizado pensar epistemicamente como o colonizador, dessa forma, é preciso investir na desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008); diante dessas violências, o intelectual Frantz Fanon afirma que uma das faces mais cruéis do racismo é inculcar no indivíduo marginalizado a sua dita inferioridade humana. O que Fanon critica não são os europeus e suas culturas, mas o eurocentrismo como a única forma de entendimento o mundo e, por consequência, seus mecanismos políticos e ideológicos de hierarquizar os seres humanos e suas culturas. Não é sobre negar a existência da Europa, mas a transgressão à colonialidade, é o cruzo (SIMAS; RUFINO, 2018), é a coexistência, são as possibilidades sem o extermínio das outras formas, esquinas plurais do mundo, com suas filosofias e práticas; quebrando as amarras da centralidade única.

A Educação, para além dos muros da Escola, precisa ser praticada com ética e responsabilidade no que diz respeito à própria vida; um fenômeno que é importante estar comprometido com a diversidade, credibilizando formas de ser e estar no mundo; Educação como um princípio inacabado, do “vir a ser” freiriano, sem amarras aos movimentos plurais de corpos no mundo, mas como um fortalecimento da abertura de posições outras diante da violência colonial.

Início a aventura e disputa do discurso com um capítulo abordando a temática da Educação entrelaçada com vivências periféricas, comunicações em Aruanda<sup>13</sup>, Terreiro e projetos com estudantes da escola pública na qual leciono, principalmente nos tempos mais acirrados de pandemia; fazendo emergir culturas afro-ameríndias que foram e vão construindo os processos identitários e em constantes transformações no vir a ser de um humano inacabado.

É no segundo capítulo que Pai Joaquim *arria*<sup>14</sup> de uma forma mais expressiva, construindo a história desse Preto Velho tanto nos anos de escravidão, quanto nos trabalhos desenvolvidos na espiritualidade e no Terreiro Mensageiro de Oxalá; Nego Veio vai riscando seu ponto e fazendo os atravessamentos possíveis com as heranças africanas e indígenas, com a Banda e a Quimbanda e alguns de seus discursos como reivindicação de presença e

---

<sup>13</sup> Uma das cidades espirituais denominadas pelos povos de Terreiro; de onde vêm e para onde vão as entidades. Morada mítica de Caboclos e Encantados; para mais detalhes ver MENDES (2014).

<sup>14</sup> Desce, baixa, vem para o TMO, através da medianeira, trabalhar na Gira.

legitimação de práticas de vida; auxiliando, também, aqueles e aquelas que vão ao seu encontro para que vivam da maneira mais plena possível essa passagem terrena.

No terceiro capítulo escrevo sobre todo o processo de criação de um projeto em meio a pandemia com atividades remotas em dois mil e vinte e dois mil e vinte e um e, também, no retorno às aulas presenciais no final do ano de dois mil e vinte e um no Centro Integrado de Educação Pública Cora Coralina, localizado no município de Duque de Caxias/RJ. Além disso, perpasso pelas problemáticas enfrentadas devido a COVID-19; a falta de investimento real na Educação pública; as batalhas dentro da Escola, incluindo, a manutenção da vida. Por fim, instigo a relação de Pai Joaquim da Calunga com todo esse enredo experienciado de mundo.

Oxalá criou a Terra, Oxalá criou o mar  
Oxalá criou o mundo, onde reina os Orixás  
A pedra deu pra Xangô, meu pai é Rei justiceiro  
As matas deu pra Oxóssi, caçador, grande guerreiro  
O mar com pescaria farta, ele deu pra Iemanjá  
Os rios deu pra Oxum, os ventos para Oyá  
Grandes campos de batalha, deu para Ogum guerreiro  
Campinas, Pai Oxalá, deu para Seu Boiadeiro  
Jardim com lindos gramados, deu para as crianças brincar  
Oxalá criou o mundo, onde reina os Orixás  
O poço deu pra Nanã, a mais velha Orixá  
E o Cruzeiro Bendito, deu pras Almas trabalhar  
Finalmente deu as ruas com estrelas e luar  
Para Exu e Pombagira nossos caminhos guardar

(Ponto de Umbanda)

## 1 DEIXA A FUMAÇA ENTRAR NA SALA: O INVISÍVEL QUE REEXISTE NA DISPUTA



*“O sino da igreja faz belém blém blom  
Deu meia-noite o galo já cantou  
Seu Tranca Rua que é dono da gira  
Ô corre gira que Ogum mandou”*  
(Ponto de Exu)

Histórias de muita poeira e um absoluto “nada” avistado após cerca de vinte dias em alto-mar, com a leve sensação de arrependimento e vontade de voltar andando para casa, são os relatos que escuto até hoje nas narrativas de meu avô, um português de noventa anos, ao chegar na Baixada Fluminense. Minha mãe lembra-se do coaxar de sapos, dos grilos e insetos voadores que habitavam as noites escuras da região. A ida para a escola era recheada de aventuras, dentre as quais o desviar de vacas e o cuidado em não escorregar na lama. “*Velho brejo, velho brejo*”<sup>15</sup>, é lá que passo vinte e sete anos de minha vida.

Começo estudando em escolas perto de casa e meus pais, incentivados por meu irmão mais velho, matriculam-me, aos oito anos, em uma escola preparatória, na zona norte do Rio de Janeiro. Assim vou construindo minhas vivências e começo, mais a diante, a perceber a diferença que era morar na Baixada Fluminense em variados aspectos.

Para chegar em qualquer lugar, primeiro era preciso pegar um ônibus até o Centro de Duque de Caxias e caminhar para a rodoviária “Shopping Center”, local cheio de camelôs e um mau cheiro que acabava por se confundir em meus sentidos com o barulho dos vendedores, dos carros, dos motoristas e cobradoras brincando, gritando com despachantes... A opção era, também, pegar um ônibus direto para a Central do Brasil, descer no terminal rodoviário Américo Fontenelle e passar por alguns locais não muito agradáveis onde o mau cheiro reinava, também. Dependendo do tempo e do dinheiro, era possível seguir até a Pavuna e caminhar para o metrô.

---

<sup>15</sup> Trecho do Hino da cidade de Belford Roxo/RJ.

Ingresso à faculdade e o trem, depois de um tempo, passa a fazer parte de minha rotina no transporte coletivo. Subir a rampa de acesso aos trens e metrô, a famosa passarela do furto, no Maracanã, fazia com que a malhação das panturrilhas estivesse “paga” de tão rápido que subia. Às dez e meia da noite costumava entrar no ramal Gramacho, seguindo para o Centro de Duque de Caxias onde deveria caminhar até o ponto de ônibus que me deixaria perto de casa, por volta da meia-noite. Minha mãe, observando o movimento noturno pela janela, quando me avistava, avisava meu pai, que rapidamente descia as escadas do prédio e tirava algumas pessoas em situação de rua ou bêbados do portão, fazendo cara de mau, desobstruindo a passagem.

As idas ao trabalho eram, também, repletas de caminhadas e, às vezes, dois ou três transportes. Ao encerrar o expediente, quando caminhava cerca de trinta minutos e conseguia chegar no horário do ônibus “Passeio”, era só este que necessitava para que de duas a três horas, finalmente, chegasse em casa. Sem contar o escurinho predileto das baratas, companheiras de viagem, no chão, nas cortinas, subindo pelos bancos do coletivo; fui obrigada a desconstruir o medo pela convivência diária.

Realizando meu trabalho de campo para concluir a graduação na escrita da monografia, me vi obrigada a amanhecer no local das observações e vivências por algumas vezes; passados alguns sustos de carros seguindo à noite, barulhos suspeitos, muita demora de ônibus, Uber enguiçado em Vigário Geral, o melhor a ser feito era esperar às sete horas da manhã e voltar para casa.

Tenho recordações de, quando criança, assistir de camarote (da janela de meu quarto) os blocos de carnaval enchendo a rua ao som de marchinhas e a tão esperada, por mim, apresentação do bumba-meu-boi. Minha tia-avó e um tio dormiam por lá para curtir o carnaval!

O parquinho aos domingos era certo. O X-Tudo que meu pai me ensinou a comer fazia parte do lanche, variando com o cachorro-quente que eu devorava de colher, deixando de lado o pãozinho.

Festas de Rock em Moto Clube, com ações beneficentes, uma Feirinha Literária com poesia na Rodoviária do bairro estiveram rapidamente em minhas percepções na Baixada. Porém, eu queria estar mais perto de meus amigos, amigas e menos distante de todas as atividades que passaram a fazer parte de minha rotina. Tudo fora da Baixada Fluminense. Minha ideia era mudar, não pelo local em si, mas por todo um distanciamento daquilo que eu vinha construindo a partir dos oito anos de idade.

Caso. Mudo para a zona oeste. O trajeto do trabalho torna-se o contrário; do Rio para a Baixada, em uma loja de artigos diversos. Passado alguns meses, sou convocada no concurso docente; professora em Duque de Caxias; caminho inverso. Um dia, nos dois empregos, parada no sinal, sentindo-me segura, em local familiar, onde passei toda minha vida circulando pelas ruas, meu carro é invadido por um bandido. A troca de condutor é realizada e o acidente acontece. Barulhos, gritos, correria e polícia. Minha vontade era nunca mais passar por ali. Sumir. Apagar da memória as horas de terror e da violência que assola a mulher.

Muito já foi conquistado, porém, a estrada ainda é longa! As mulheres, na luta, na resistência, vêm transgredindo o que lhes é imposto. É de extrema importância o fortalecimento de laços coletivos de proteção e incentivo à batalha traçada contra uma sociedade heteropatriarcal, branca, fundamentada, também, na colonização do corpo da mulher, adequando e objetificando esse corpo feminino ao domínio da masculinidade criada em um processo cultural de longa duração. Através de uma percepção feminina, vislumbro um espaço bem iluminado de possibilidades múltiplas, da diversidade tão brilhante que ofusque olhares intimidadores para o mal, para a dor; da força que reflete a incapacidade de se auto afirmar sem as amarras de uma cultura de violência. Deixar fluir a possibilidade dos movimentos dos corpos circulando nos espaços, é perceber que todos e todas têm o mesmo direito à rua, ao botequim, à praça, à festa, ao dia e à noite.

Deu meia-noite, a lua se escondeu  
 Lá na encruilhada dando a sua gargalhada  
 Pombagira apareceu  
 Figueira, Mulambo, Padilha do Cabaré  
 Sete Encruilhadas, Cemitério  
 Isso é que é mulher  
 Abre todos os caminhos com força e devoção  
 A Cigana vem na frente com seu baralho na mão  
 Sete Saias vai faceira rodando no Barracão  
 Dona Sete é quem comanda com seu marafo na mão  
 [...]

(Música 7 Marias – Rita Benneditto)

Esse corpo político feminino que risca essas linhas e continua a circular, na poética da resistência e (re)criações tenta prosseguir seus processos de retomada dos encantamentos com o pedido de transferência de unidade escolar. Mas, não vai adiante. Além da burocracia, o local onde ocorrera o infortúnio também era de afetos. Nos intervalos das aulas, almoçava com minha mãe, lanchava com meus avós, aguentava as brincadeiras de meu irmão quando deixava o carro longe para evitar a fadiga de manobras em vagas muito estreitas, tomava café

da manhã com meus pais, fazia compras, pedia favores a minha tia, resolvia muitas questões pessoais e profissionais em torno daquele lugar de precária infraestrutura e diversas problemáticas, mas familiar e de potências diversas. Recordo-me, no envolver dessas palavras, dos churrascos no terraço, do futebol no material de construção com os meninos da rua, das bolas de gude que enchiam as garrafas de plástico, das andanças a cavalo, das aulas de violão, das práticas de direção bem estressantes com meu pai, das sextas-feiras indo à missa com minha avó, das histórias repetidas do meu avô, dos almoços na casa do meu irmão e de tantas outras vivências e aprendizados, inclusive com estudantes e profissionais da Escola onde laços estavam sendo criados em minha prática docente.

Maria é dona do corpo  
 Rodeada de alegria  
 Deus sabe que não tá morto  
 Um corpo que rodopia  
 [...]  
 Canta povo para saudar dona Maria  
 Canta povo para a dona da alegria

(Música de Luiz Antônio Simas)

Temos conhecimento de toda precariedade e abandono, pelo poder público, das áreas periféricas, mas é necessário conhecer a história e reconhecer as potencialidades das pessoas que moram nesses locais e, por consequência, reivindicar melhores condições de vida; fortalecendo a luta com a própria afetividade que criamos nas vivências e laços construídos no lugar. A memória, portanto, pode ser grande aliada na disputa contra o esquecimento social, histórico e ancestral de determinadas partes integrantes do todo que vão sendo postas à margem em detrimento de um centro ávido por poder que construiu e insiste em firmar bases nas violências e verdades universais.

Conforme nos inspira Krenak (2020) é preciso ampliar as subjetividades, ou seja, ampliar as formas de entendimento do mundo que vai muito além da pobreza de pensamento utilitário da vida (que classifica, discrimina e destrói); é importante ancestralizar o local, as memórias, para, dessa forma, (re)conhecer as histórias, através de variadas narrativas afetuosas e construir a identidade junto ao entendimento de quem nós somos.

Continuo na Baixada Fluminense, além de tudo, na Faculdade de Educação localizada na Vila São Luis<sup>16</sup>. É na força de trabalhadores da rua, inseridos nas ritualísticas de Umbanda

---

<sup>16</sup> UERJ/FEBF, cursando Mestrado.

que renovei a alegria das vivências cotidianas. É na representação e representatividade da Pombagira que me fortaleço, na lógica de uma corporeidade feminina que reivindica sua potência e sua liberdade!

[...]  
 Guerrilheira das guerras do Brasil  
 Macumbeira!  
 Dei um drible na morte  
 Ela caiu!

(Música “Macumbeira” de Luiz Antonio Simas)

Exu Tranca Rua das Sete Encruzilhadas, Seu Tiriri, Seu Caveira, Zé Pelintra e várias outras entidades clamadas por mim em situação de perigo devem ter inspirado o livramento. Em uma Gira de Exu, no TMO, Seu Tranca Rua disse que estava lá e sugeriu que eu acendesse velas e jogasse cachaça na encruzilhada, após essa ação, toda aquela agonia e assombro seriam dissipados. Odara<sup>17</sup>! Laroyê<sup>18</sup>, Exu, Mojubá<sup>19</sup>!

Lá na encruza existe um homem valente  
 Com sua capa e cartola  
 Com seu punhal e tridente  
 É madrugada e ele está ao meu lado  
 Por isso eu te peço, Tranca Rua  
 Seja o meu advogado

(Ponto para Exu Tranca Rua)

### 1.1 “Não existe saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”<sup>20</sup>

Mergulho, enfim, no magistério de forma encantada, o gosto de estar no chão da escola abriu-me outros caminhos que não imaginava. Em dois mil e dezenove, no Projeto *Direitos Humanos*<sup>21</sup>, o espaço escolar funcionou em uma dinâmica incrível com estudantes desenvolvendo variadas temáticas em salas ornamentadas com a atmosfera escolhida. A turma

---

<sup>17</sup> Alegria.

<sup>18</sup> Saudação à Exu.

<sup>19</sup> Demonstração de respeito à Exu.

<sup>20</sup> FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 66º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

<sup>21</sup> Desenvolvido no CIEP 032 Cora Coralina, em Duque de Caxias/RJ.

que orientei, apresentou aos visitantes o samba, a Pequena África, aspectos das culturas afro-brasileiras e nomes como Donga, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, Tia Maria do Jongo, com alguns instrumentos musicais em exposição (berimbau, agogô, atabaque); seguindo com um estudante da turma puxando, através de palmas, “*paranauê, paranauê, parana*”<sup>22</sup> e fechando o encontro com maculelê ao toque de um pequeno atabaque:

Oi, boa noite pra quem é de boa noite  
Oi, bom dia pra quem é de bom dia  
A benção, meu papai, a benção  
Maculelê é o rei da valentia  
Tindolelê, auê, cauiza  
Meu pai é filho, eu sou neto de Aruanda  
Tindolelê, auê, cauiza  
Cauiza, de onde é que vem?  
Eu vim de Angola ê!

Figura 3 - Estudante ensaiando Maculelê para o projeto Direitos Humanos



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

---

<sup>22</sup> Música de Capoeira.

Figura 4 - Estudante do 3º ano ornamentando a sala para o projeto Direitos Humanos



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

O estudante responsável pelo atabaque e que puxou os dois pontos cantados, a princípio buscou explicar para mim que não se tratava de macumba, argumentando que não era por tocar atabaque e jogar capoeira que ele era macumbeiro, “pelo contrário”, era evangélico. Dialogamos sobre o assunto, ele escutou atento, reivindicou algumas coisas e continuou o diálogo, na escuta atenta; não sei ao certo como ficou, deixei a fumaça entrar na sala em uma lógica da possibilidade de limpeza de cativeiros de ignorâncias e preconceitos. Espero ter lançado o desafio de outra aprendizagem (tanto para mim, quanto para ele) naqueles momentos de encerramento de um ano letivo de festa.

Deixa a fumaça entrar  
 Deixa a fumaça entrar na sala  
 Já botei casca de alho  
 Alfazema, benjoim, alecrim  
 Esse meu defumador  
 Está em ponto de bala  
 Tem segredos de alguém  
 Que sofreu lá na senzala  
 [...]  
 Ela quebra os quebrantos  
 Quando seu odor exala  
 [...]

(Música gravada por Martinho da Vila)

É interessante observar que a própria letra do maculelê exposto, pode nos remeter a cosmologia Bakongo. Os Bakongo, assim como outros povos da África Centro-Occidental (ovimbundos, monjolos, dentre outros), representaram a maioria dos escravizados trazidos para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro.

Em sua cosmologia, o mundo é compreendido como sendo duas partes espelhadas; uma é o mundo dos vivos e a outra, o mundo dos mortos. A linha horizontal que divide esses dois lados é denominada calunga. Portanto, saúdam-se os dois lados da calunga. Abaixo da linha, estão os espíritos desencarnados, acima, está o mundo dos vivos; o movimento do sol vai gerando a claridade em cada um desses mundos em tempos opostos, por isso, quando se saúda com “bom dia” em um dos lados, é “boa noite” no outro. (MENDES, 2018)

Todo esse enredo faz parte de uma das culturas invisibilizadas, mas bastante presente de forma, por vezes, imperceptível ou automática nas falas, gestos, ações, musicalidade, corporeidade das pessoas que nem sequer identificam-nas, por, também, fazer parte de um silenciamento praticado por um mundo eurocentrado, preconceituoso, violento, etnocida.

No dia seguinte, tivemos uma apresentação de Capoeira e palestra realizadas por Mestre Lula, com estudantes entrando na roda! Para finalizar o dia, uma turma de terceiro ano que, também, orientei no Projeto Direitos Humanos, fez encenação a partir da música “*Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*”, da banda O Rappa, encerrando com um estudante declamando poesia de sua autoria, enrolado com a bandeira do Brasil.

O ano de dois mil e vinte é assolado pela COVID-19, gerando uma pandemia onde foi extremamente necessário, porém, pouco executado, o isolamento social. Foi preciso toda uma adequação e reinvenção em vários aspectos da vida, gerando impactos ainda mais perceptíveis na sociedade.

A falta de investimento em saúde e o descaso com a vida ficaram ainda mais exacerbados nesse contexto; poucas foram as reais propostas governamentais para o combate ao coronavírus; por pouco tempo as pessoas usaram medidas protetivas, de fato, para evitar contágios.

Além dessas questões, existe outro lado, onde a necessidade da exposição do corpo a atividades remuneradas sem protocolos põe a vida em risco. Esses trabalhos, longe da residência, fazem com que as pessoas transitem nos transportes coletivos lotados, onde a máscara nem sempre é utilizada, as janelas muitas vezes emperradas impedem a circulação adequada de ar, junto à problemática da aglomeração no interior do veículo.

Noticiou-se um primeiro caso de contaminação e morte por COVID-19, no Brasil, em uma mulher que saiu da Baixada Fluminense para trabalhar em uma casa localizada no Leblon, zona sul do Rio de Janeiro, onde a moradora havia testado positivo para o vírus.

As periferias estão ainda mais abandonadas nesse contexto pandêmico vivido; ou, na verdade, mais visivelmente deixadas de lado; as pessoas precisam escolher, desde o início, entre a fome e o risco de contrair o vírus, duas faces de uma possível morte antes do tempo, o que enfatiza a lógica do desencantamento de mundo argumentada por Simas e Rufino (2020). Existe, ainda, uma manutenção de políticas racistas nas cidades!

Ouvi muitos relatos durante esse tempo, um deles, por exemplo, foi de um morador da periferia que trabalha com obras; contratado por uma arquiteta para trabalhar em um apartamento na zona sul, após algumas semanas, foi alertado de que a moradora do local, a cliente, portanto, estava de cama com COVID-19; porém, pouquíssimos dias depois (fora do protocolo de quarentena), melhor, pressionou a arquiteta e o rapaz a voltarem ao trabalho. A moradora, segundo a narrativa da história, nunca usou as medidas protocolares para evitar possíveis contágios, recebia pessoas em sua casa, promovia aglomerações até, de fato, ser contaminada, junto com sua filha. A arquiteta, por sua vez, comunicou ao profissional da construção civil a situação de pressão da cliente e o risco que estariam envolvidos com esta volta em um curto espaço de tempo ao apartamento dela. A resposta do rapaz foi simplesmente: “*eu preciso pagar meu aluguel*”. Duas pessoas, nesse contexto, queriam a volta da obra o mais rápido possível, uma delas precisava de sua remuneração urgente, enquanto a outra, tinha uma viagem marcada, a passeio, para fora do país.

A Baixada Fluminense é uma região bastante empobrecida e abandonada pelo poder público, embora algumas regiões sejam mais abastadas, como é o caso de Duque de Caxias, as cidades são bastante desiguais, basta comparar Caxias com Belford Roxo, por exemplo. De

qualquer forma, mesmo havendo certo investimento econômico, isso não resulta em qualidade de vida para a população, ou seja, a injustiça social é preponderante.

No documentário “*Covid na Baixada*” (PERILLO, 2020), o professor Nielson Bezerra argumenta que para caracterizar o que é a periferia, de fato, é preciso observar o investimento local em relação à qualidade de vida de sua população, ou seja, quem está à margem dos investimentos públicos em vários sentidos, inclusive cultural. O mesmo documentário mostra o impacto da COVID-19 nas famílias da Baixada, onde 92,3% usam o SUS, 72,8% moram com pessoas portadoras de alguma comorbidade, 16,8% com fornecimento irregular de água. Além de elegerem como as piores consequências da pandemia, o desemprego e a fome.

## 1.2 Educação na pandemia: um ato responsável para tocar corações

Com a necessidade de fechamento das escolas e o isolamento social, criei, no Centro Integrado de Educação Pública em que trabalho como professora de Sociologia<sup>23</sup>, um Projeto online intitulado *Tocando Corações*, onde estudantes e ex-estudantes participariam de formas diversificadas, vislumbrando uma possibilidade de fortalecimentos de vínculos e solidariedades recíprocas nesses tempos difíceis. São materiais informativos trabalhados, criados, pesquisados por esses jovens, lançados nas redes sociais virtuais como forma de propagação positiva para o público em geral a fim de que, mediante conhecimento e arte, existisse esse fortalecimento mútuo de combate a COVID-19 e seus desdobramentos tanto sociais, quanto políticos e econômicos. São jovens, estudantes, livres e diversos em potencialidades que criam as bonitezas poéticas na luta contra o desencantamento da vida, enfatizando, em ações, que através do entrelace desses laços citados, é possível resistir e transformar de alguma forma a realidade vivida.

As temáticas são diversas, em uma delas incentivamos o reconhecimento do lugar habitado pelos estudantes, uma pesquisa sobre a origem do nome e as ancestralidades do local, como conversas com moradores, dando visibilidade aos *griot*<sup>24</sup> da sua região, na possibilidade de descobrir uma série de histórias e acontecimentos de seu próprio território, assim como a historicidade das redondezas da escola. Essa percepção nos atenta ao respeito e

---

<sup>23</sup> Trabalho no CIEP 032 Cora Coralina desde o final do ano de 2018, quando fui convocada no concurso público da SEEDUC.

<sup>24</sup> Indivíduos que mantêm a história de seu povo, sua cultura viva; aqueles que transmitem as histórias a fim de preservá-las na comunidade. Na África Ocidental, os *griot* têm essa vocação.

a importância das pessoas mais velhas da comunidade; são elas que detêm o acúmulo das vivências e sabedorias que compartilha com suas falas e construção de histórias, sendo de grande importância para a memória coletiva. Os *griot* usam a palavra como principal instrumento; a palavra que rompe barreiras de dominação no campo de batalha do colonialismo, onde é possível criar, construir narrativas. Falar, segundo Frantz Fanon, é fundamental para existir.

Devido à pandemia, toda essa trajetória é cheia de cuidados e protocolos, preferencialmente através dos meios virtuais. E essa atividade referida traz à tona, por exemplo, a própria história da Baixada Fluminense e suas cidades dormitórias, onde o trabalho na agricultura foi sendo substituído por atividades em locais distantes, nas indústrias e comércios na cidade do Rio de Janeiro, diante de todo um processo de escravização e liberdade vivido neste Recôncavo da Guanabara.

O professor Nielson Bezerra argumenta que no século XVII chegaram os primeiros africanos na Baixada vindos da Guiné. Os portugueses, ao colonizar essa região, tentam o cultivo de cana-de-açúcar para a produção do açúcar refinado e água ardente, utilizando-se da mão de obra escravizada desses africanos, assim como ocorria no nordeste do Brasil. Porém, não havia aqui, nesse contexto, grande poder de investimento, dessa forma, a opção foi transformar os engenhos de cana em engenhos de farinha de mandioca para a produção em grande escala. A produção de farinha obtinha mais demanda de consumo pelos mercados, por ser parte básica de alimentação; necessitando, também, de menos pessoas para a produção e um tempo menor para a colheita da mandioca, se comparada à colheita de cana e produção de açúcar.

Vários rios na Baixada Fluminense foram usados para transportar as mercadorias que entravam e saíam da região, sob a responsabilidade dos africanos denominados lancheiros ou barqueiros, fazendo, também, o transporte de pessoas; sendo fundamentais, portanto, na dinâmica econômica.

No Pilar, por exemplo, onde está situada a escola Cora Coralina, existem histórias de africanas quitandeiras. Essas mulheres já dominavam a arte da comercialização antes mesmo do transladado forçado para o Brasil, por isso, eram as escravizadas mais bem-vistas pelos senhores para colocar ao “ganho”, ou seja, as quitandeiras venderiam seus quitutes e parte do dinheiro era dado ao seu senhor que, por sua vez, não tinha mais o compromisso moral de manter um local de moradia e alimentação. Bezerra inclusive salienta que alguns senhores enriqueceram com o dinheiro advindo do “ganho” dessas quitandeiras que negociavam,

revendiam (doces, frutas, etc.) contratavam ajudantes e tornavam a compra de seu próprio corpo ainda mais rentável.

Graça Maria da Conceição é relatada por Nielson Bezerra como uma negra comerciante na cidade do Rio de Janeiro. Quando consegue sua alforria e a de seu marido, os dois se mudam para a Baixada Fluminense e se tornam donos de casas de farinha, tendo escravizados como mão-de-obra. Após a morte de Graça Maria, é verificado que a mesma deixou uma parte de seus bens para uma Irmandade e a outra parte para estes escravizados que trabalhavam em suas casas de farinha.

Em seu livro “*A cor da Baixada*”, Bezerra explicita a questão do enraizamento da população “de cor” no Recôncavo da Guanabara mesmo com o fim do cativo. O argumento desenvolvido opera na lógica dos laços de pertencimento criados na região e as mínimas condições de sobrevivência econômica; além do trabalho escravizado, constituíam-se redes familiares, casamentos, nasciam os filhos, enterravam seus entes, lutavam cotidianamente pela vida.

Por certo que esses fatores da condição humana e social confrontavam-se ininterruptamente com os fatores da condição escrava. Em muitos casos, os escravos que viviam no Recôncavo por ocasião da lei de 1888 já eram de segunda ou terceira geração naquelas localidades, contando com os ingênuos nascidos após a lei de 1871. (BEZERRA, 2011, p.147)

Nielson Bezerra também descreve a problemática do alto custo habitacional no Rio de Janeiro, a então capital, forçando, portanto, as pessoas a procurarem locais mais viáveis em relação aos recursos que dispunham e onde houvesse a oportunidade de cultivo da terra para a própria subsistência. Mesmo assim, isso não anulava a possibilidade de enraizamento local com a construção da família, gerando, batizando e criando seus filhos na Baixada Fluminense.

Mas o livro de batismos ainda revela como essas mulheres estavam distribuídas no âmbito da freguesia do Pilar. Nos assentos de batismo, foi possível identificar os lugares onde aquelas mulheres moravam. Em muitos casos, essas mulheres viviam em lugares diferentes de seus senhores. Isso demonstra que havia mais do que mobilidade espacial, mas também autonomia, como o cultivo de roças próprias e a formação de famílias. (BEZERRA, 2011, p.150)

A questão do enraizamento levantada, também pode estar ligada às condições econômicas e sociais fazendo com que as gerações posteriores aos indivíduos escravizados continuassem nos locais onde seus antepassados sofreram os anos do cativo. Todo esse

contexto justificaria, por exemplo, a presença de culturas afro-brasileiras na Baixada Fluminense, dentre elas a Umbanda, além da Folia de Reis, Capoeiras e Candomblés.

É importante refletir em torno da população da Baixada Fluminense, buscando entender toda essa construção populacional de pretos e pardos; de onde vieram, como viviam e, hoje, como é essa herança e vivência na região. Essas pessoas, portanto, têm descendência africana e, também, indígena. Muitos locais na Baixada têm seus nomes advindos do tronco linguístico tupi-guarani, como é o caso de Saracuruna, Imbariê, Xerém, Guapimirim, Suruí, Iguaçu, Capivari, Magé, Amapá, dentre outros.

### 1.3 Okê Aro<sup>25</sup>: lançando flechas de reencantamento de mundo na pluralidade de saberes

A professora Marize Vieira<sup>26</sup>, indígena Guarani de nome Para Rete, levanta a questão dos pardos, por exemplo, nas sub notificações de mortes por COVID-19, argumentando uma negação do Estado no reconhecimento étnico dos povos indígenas. O fato de estarem nas cidades, não anula suas identidades e muitos, a procura de tratamento de saúde nas áreas urbanas, ao morrer, são lançados nas estatísticas como pardos; segundo Para Rete, o “não lugar”. A professora também explicita o senso do IBGE do ano de dois mil e dez<sup>27</sup>, como outro mecanismo de invisibilidade étnica, ao coletar dados onde quem marcasse a opção de indígena, deveria responder uma série de outras questões como etnia, terra, língua; questões estas de difícil conhecimento por se tratar de uma diáspora dentro do próprio território. Dessa forma, isso pode ser um dos fatores para que muitas pessoas deixem de declararem-se indígenas, principalmente nos contextos urbanos, o que vai dificultando a geração de políticas públicas para os povos indígenas, por exemplo.

O primeiro recenseamento do Brasil ocorreu em 1872. Foi aplicado aos homens livres, que preenchiam um questionário que poderia ser corrigido pelo inspetor responsável. O quesito raça abrangeu as categorias branco, preto, pardo e caboclo. O gentio, os índios bravos dos sertões, não foi contabilizado. A categoria caboclo provavelmente se referiu ao índio considerado civilizado e fluente em língua portuguesa (BARRETO, 2014, p. 34). Sobre a utilização da categoria pardo, que foi

---

<sup>25</sup> Saudação à Oxóssi, Orixá, Rei das Matas.

<sup>26</sup> Presidente da Associação Indígena Aldeia Maracanã (AIAM), coordenadora do Instituto de Saberes dos Povos Originários (ISPO) Aldeia Jacutinga. Professora da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro. cursando doutorado em Educação na Universidade Federal Fluminense.

<sup>27</sup> Neste senso, foram registradas autodeclarações de 865 indígenas.

utilizada para a população mestiça, Barreto (2014) acredita que fazia parte de um discurso que visava diminuir a população negra e indígena da população nacional. Os caboclos totalizaram 387.234. Se considerarmos que parte da população classificada como parda se entendiam como indígena, a possibilidade do número de indígenas convivendo junto ao restante da sociedade imperial ser bem maior que a apontada pelo censo é muito grande. (SILVEIRA, 2016, p.31)

Na Baixada Fluminense o Instituto de Saberes dos Povos Originários Aldeia Jacutinga, foi inaugurada no ano dois mil e treze em Duque de Caxias, no intuito de promover atividades culturais na cidade em prol dos povos indígenas. Porém, dias depois, ocorreu um incêndio no local; a oca foi reconstruída e novamente incendiada. Atos frutos de um racismo ainda enraizado em nossa sociedade.

Jacutinga foi a maior aldeia que existiu na Baixada Fluminense; seu nome foi dado devido ao pássaro tido como sagrado, de mesmo nome, pelo povo Tupi que habitava o local. A Aldeia Jacutinga continua seus trabalhos, mesmo sem a oca, vislumbrando futuramente nova construção, lutando para garantir os direitos dos povos indígenas tanto em contexto urbano quanto para aqueles que vivem nas aldeias.

Nas escolas, estudantes negros e indígenas muitas vezes não se veem nos debates, histórias e cotidianos curriculares; não fazendo tanto sentido para eles e não se reconhecendo, acaba por desestimular o processo de “aprendizagem” nesse contexto. Thais Silveira (2016) explicita em sua dissertação que, para a construção de materiais didáticos que considerassem as culturas indígenas, aplicou um questionário para entender o volume de estudantes, na escola onde lecionava, que se declaravam indígenas ou tinham alguma proximidade com este grupo étnico; o retorno foi surpreendente para a pesquisadora que percebeu como os povos indígenas estão presentes na Baixada Fluminense, mesmo invisibilizados dentro e fora do espaço escolar.

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos. (KRENAK, 2019, p.18)

O currículo turístico (SANTOMÉ, 2011), onde se comemora o dia do índio em dezenove de abril, fala-se de questões negras no dia vinte de novembro, pontualmente, sem um trabalho interdisciplinar, construindo sentimentos de pertencimento dessas culturas diversas, afro-indígenas, que são constitutivas e presentes nos povos do Brasil, pode reforçar a problemática da invisibilidade. Apenas calendarizar (FERREIRA, 2021) as ações não faz com

que haja, de fato, um entendimento da disputa histórica, das aniquilações que impactam a sociedade até os dias de hoje. À escola está reservada, geralmente, a reprodução de cultura e ideologias sobre que se diz como sociedade oficial, branca; formando pessoas iguais e domesticadas a esta lógica, desdobra-se uma série de problemas nas próprias identidades dos indivíduos, pois todo o processo de construção de Brasil foi alavancado em cima do distanciamento e incessantes tentativas de apagamento da ancestralidade desse chão.

Normalmente as meninas dão a ver rapidamente os sintomas: alisamento de cabelo, uso de maquiagem apropriada para pele branca, não entendimento de sua cor, raça, sempre se auto referindo como 'morena', as vezes até mesmo branca. Desculturar a pessoa negra é entregá-la de bandeja para a cultura do recalque. Recalcada, a pessoa negra deve se adequar, se encaixar na frente dominante do país. Passa a consumir seguindo padrões, fazendo a moeda branca girar, afastando-se cada vez mais de sua realidade, dos modos de se perceber no mundo. Sem referências, torna-se silenciado. (FERREIRA, 2021, p.103)

É no desenvolvimento e prática da desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008), quebrando as correntes do currículo como um grande curral aniquilador, que existe a possibilidade da inclusão, trazendo as culturas dessas crianças e adolescentes para dentro da sala de aula. As Leis 10.639 e 11.645, para além de uma reparação histórica, são instrumentos reivindicadores de que os saberes subalternizados sejam postos na Educação e nas escolas; saberes que também são ricos em suas estruturas e que seu conhecimento funciona como prática de libertação e experiências outras de mundo, dentro de toda diversidade existente; ampliando, inclusive, o repertório de mundo dos estudantes, cultivando o respeito à pluralidade de existências, através do conhecimento, das trocas, dos aprendizados mútuos.

A Secretaria de Educação da cidade de Duque de Caxias, através de documento, reconhece que o município tem negros e indígenas como a maior parte de sua população, contabilizando 63,6%; o que enfatiza, ainda mais, a necessidade de ações no espaço escolar que valorizem essa diversidade.

Vera Candau explicita a escola como importante espaço para a reflexão e fortalecimento de produções culturais, observando suas representações na sociedade, ou seja, a grande importância de valorizar o que estudantes trazem consigo para o espaço escolar, suas práticas, suas culturas, suas vozes não podem ser silenciadas para que seus corpos e mentes sejam domesticados, dominados e encarcerados à lógica da verdade e história única; tendo em

vista que quando não há diálogos, pensamentos críticos e exposição da diversidade, existe um espaço bastante propício para o crescimento dos opressores, conforme afirma Paulo Freire. A violência dessas ações não pode ser naturalizada, assim como as condições de desigualdades, inspirando resistência, através do conhecimento e consciências críticas, fortalecendo os indivíduos nas batalhas da vida, semeando um futuro melhor, mais plural e democrático.

Refletindo em uma base de Educação como transgressão (hooks, 2013), é interessante perceber a sala de aula como um espaço comunitário, onde professores e estudantes têm a responsabilidade por criar a atmosfera saudável e instigante de aprendizados. Através de práticas pedagógicas, que vão variar de acordo com o contexto, valorizando todos os estudantes e demonstrando a importância de cada um deles nesse processo, existe um caminho para a Educação como prática da liberdade, diante de consciências críticas que se percebem como parte desse todo, desconstruindo os cativeiros da linha abissal, da educação bancária, onde o docente é um mero instrumento que leva informações já prontas e congeladas para que o discente as armazene e memorize. bell hooks enfatiza a importância do professor ser um sujeito consciente na participação do crescimento intelectual daqueles indivíduos em sala de aula que precisam de sentido nessa aprendizagem, ou seja, com conexões às suas experiências globais de vida.

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (hooks, 2013, p.50)

Nessa responsabilidade mútua objetivando um bem comum, no ideal de uma sala de aula virtual democrática, a implementação do Projeto Tocando Corações buscou fazer com que estudantes entendessem que são partes integrantes e fundamentais para a própria existência do Projeto; sentindo, portanto, a responsabilidade de contribuir de variadas formas nas propostas, discussões, montagens e divulgação de todos os materiais criados, incentivando o diálogo, o respeito, transpondo cativeiros de medo, indiferença, em uma lógica da pedagogia transformadora (hooks, 2013), fortalecendo o desenvolvimento intelectual crítico de estudantes para uma ênfase na capacidade de cada um viver de forma livre e plena.

Oi professora, bom dia! Como a gente tá no projeto eu gostaria de compartilhar com a senhora uma experiência que eu tive. Já tem um tempinho, eu tava indo pra Caxias de manhã e daí o ônibus tava muito cheio, começou a encher, encher, encher e aí uma moça entrou, né, ela não era idosa, ela era jovem ainda, daí ela tava com a bolsa indo trabalhar, aí eu fui e perguntei pra ela se ela queria que eu segurasse a bolsa dela, né. Ela era uma jovem negra, também. Ela não pensou duas vezes e me deu a bolsa e eu segurei a bolsa dela até chegar o ponto dela. Passou. Aí semana retrasada, se eu não me engano, eu fui ao banco, na hora da volta, fiquei esperando o trem pra voltar pra casa e aí tinha uma menina lá, eu apenas fui pedir uma informação pra ela, uma menina branca; professora, o jeito que ela me olhou e me olhava eu fiquei constrangida, tipo, porque ela me olhava de um jeito como se eu fosse, sei lá, parecia que eu ia fazer alguma coisa de ruim com ela [...] e sem contar que ela parecia que tava meio nervosa quando eu perguntei pra ela, nem me respondeu direito e saiu de onde eu tava [...] Pode ser que eu esteja errada, “ah... isso é coisa da sua cabeça, isso não foi racismo, ela não fez isso com medo de você querer assaltar ela ou fazer alguma coisa”, mas o quanto a cabeça das pessoas ainda é pequena, sabe? Porque no outro dia, no ônibus, a menina não pensou duas vezes e me deu a bolsa dela [...] e a outra ficou, sabe... [...]. Eu fiquei pensando, aí eu lembrei do projeto, né, Tocando Corações [...] a cabeça das pessoas ainda está muito pequena em relação a muitas coisas, inclusive a isso porque, tipo, eu pretinha, agora eu raspei a cabeça e pintei de louro; então, só Deus sabia o que passou na cabeça dela, sabe? Quando eu fui pedir informação, nem me respondeu direito, me olhava como se eu fosse fazer alguma coisa com ela. Esse dia, não vou falar pra senhora - “nossa! Fiquei arrasada, fiquei muito mal” - não! Porque dentro de mim, eu sei do meu caráter e sabia que eu não ia fazer nada com ela, eu apenas queria uma informação. Mas, eu fiquei - “como que a mente do ser humano é pequena, não evolui de maneira alguma” - assim como também cortei o meu cabelo, as pessoas - “nossa! Você virou lésbica?” - como se isso fosse uma doença; eu cortei o meu cabelo, obviamente, porque eu queria me sentir confortável, [...] preciso ser lésbica pra cortar o meu cabelo? E se eu for? Qual o problema em ser? Eu não vejo problema algum, não vejo que é uma doença. A cabeça do povo tá muito pequena ainda.

(Mensagem enviada, para o meu WhatsApp, por uma estudante que integrou o Projeto Tocando Corações)

Relacionando a violência e suas consequências na Educação, José Cláudio Alves (2015) discute a importância da voz da periferia, do estudante pobre em espaços educacionais a fim de fortalecer as contraposições críticas e descentralizações de poder em acessos ao prazer, ao aprendizado e a criatividade, fazendo com que esses indivíduos percebam que podem e devem ser sujeitos diferentes do que lhes é imposto ou traçado como natural; um lugar inferiorizado para a manutenção do status quo numa sociedade capitalista, marcada por diversas violências e preconceitos. Diferente disso, a escola precisa ser um local de comprometimento com a diversidade, emancipação e autonomia dos indivíduos, sendo assim, Alves explicita a necessidade de transposição de um estado de consciência alienada para a superação do estado de classe desses estudantes, embarreirando, por consequência, a substituição, cada vez mais, de uma Educação de qualidade para uma Educação de quantidade, visando mãos de obra adestradas de uma massa explorada para as vontades dos

detentores do poder; são corpos que precisam transgredir a essa lógica cruel capitalista imposta.

Diante desses caminhos escritos pelo sociólogo José Cláudio, Pai Joaquim, em sua oralidade, também, explicita a necessidade de mostrar aos estudantes que é possível disputar seu espaço nessa sociedade ainda tão marcada por discriminações diversas, que é importante entender e se reconhecer enquanto sujeito social que não pode estar fadado a determinado fim imposto, que existem possibilidades outras e que o coletivo é fundamental para a reexistência e a rasteira na precariedade.

Êxi quando xunxê leva êxi uma esperança pa êxis gafanhoto<sup>28</sup>, xunxê tá mostrando que esse cá pode caminhá num ciclo mais formoso pa êxi, êxi!? E que êxi pode ter um início de uma outra história, êxi!? Êxi xunxê quando pega esses gafanhoto, êxi, e faz esse ensinadô, êxi mar meió, êxi mais completo, êxi que num enxerga esse [Pai Joaquim mostrando o crucifixo e se referindo e cruz da encruzilhada, das possibilidades], êxi enxerga só esse cá desse cruz, êxi [Pai Joaquim falando sobre o Cristo morto, crucificado], mas nós falô com xunxê que tem vários outros caminhos, êxi, possibilidades, êxi o que que xunxê tá ensinando pa êxis gafanhoto, êxi!? O que que êxi tem êxi não tem fim e o que que êxi não tem início, êxi!? Êxi muitos desses chegam lá, onde xunxê dá esses aprendedô, êxis muitos chegam lá achando que não tem êxi um fim, êxi!? Que êxi vidaco desse vai caminhá sempre por essa direção, êxi!? Quando xunxê pega êxis e aponta outras direção e diz êxi pode ser essas outras possibilidades pa xunxê, xunxê tá junto com Nego Veio traçando o rosário na vida desse cá, êxi!?

(Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

A periferia é um local onde seus habitantes reconstroem dia a dia suas condições de existência diante da escassez gerada pela desigualdade social, carência de políticas públicas em prol de uma melhor qualidade de vida da população. A questão da violência além de estar em fatores internos ao espaço escolar, também está para além de seus muros através de contato, por exemplo, com grupos que dominam a região.

O professor José Cláudio, em seu artigo, cita dois exemplos que podem ser considerados como formas de contraposição e resistência em um contexto de violências. Na escola Estadual Guadalajara, em Duque de Caxias, considerada uma das melhores escolas no ano de dois mil e treze e premiada pela UNESCO, foram desenvolvidos projetos no âmbito da reciclagem, preservação ambiental, formação cultural e histórica com geração de renda para a população local. Passar a conhecer sua história, fortalecendo as identidades culturais é um dos caminhos para construir laços de pertencimento e preservação do espaço, existindo, por consequência, a possibilidade da resistência.

---

<sup>28</sup> Pai Joaquim se refere a estudantes da escola onde leciono, mas, também, afirma, em entrevista, que “gafanhoto” não é só criança e jovem, mas todos aqueles que estão apequenados em ignorâncias variadas.

O Museu Vivo do São Bento é um exemplo de Educação para além dos muros da escola, no reconhecimento do território e práticas coletivas inspirando o sentimento de pertencimento dos moradores, vislumbrando a defesa do patrimônio, intervenções em questão ambiental, social, econômica e cultural do território. Além disso, o Museu Vivo conta com percurso histórico, exposições, cursos de extensão e formação continuada.

Conduzido por professores da rede pública, a partir de uma conquista obtida pelo Sindicato dos Profissionais da Educação – SEPE, em uma greve municipal, junto à Prefeitura de Duque de Caxias, o projeto corresponde a um museu de percurso. Professores, pesquisadores, estudantes e visitantes realizam um trajeto dentro do bairro São Bento, que vai dos sambaquis, com esqueletos e fósseis pré-históricos, passa pela fazenda colonial dos beneditinos, a Fazenda do São Bento, atravessa o Núcleo Colonial São Bento, implantada na era Vargas enquanto projeto agrícola e chega às ocupações urbanas dos anos 1980 e 1990, que concentram a maioria dos habitantes do bairro. O museu, esta aula viva a céu aberto, desqualificado pela própria Prefeitura de Duque de Caxias, que não destina recursos suficientes e não reconhece o trabalho dos professores, busca, junto a grupos de mulheres locais estimular a produção de artesanato e de materiais didáticos sobre a história do bairro. (ALVES, 2015, p.12)

Em dois mil e dezessete, as professoras do CIEP Cora Coralina, Marize Vieira e Silvania Brito, iniciaram o Projeto “*Brasil pelo Clima*”, visando à interdisciplinaridade, contaram posteriormente com alguns professores da escola para a conscientização de estudantes no que se refere à problemática do aquecimento global e a necessidade da mudança de hábitos em prol da defesa do Meio Ambiente. Foram feitas palestras com indígenas e rodas de conversas dentro dessa temática. Além disso, foi estimulado o desenvolvimento de artesanatos baseados na reciclagem. Por fim, realizou-se uma caminhada na comunidade, onde estudantes fizeram o bloco “*Unidos do Cora*” objetivando uma campanha contra a proliferação do mosquito *aedes aegypti*, ao som de marchinhas de carnaval em paródias. A imagem a seguir foi retirada do Facebook da professora Marize Vieira de Oliveira.

Figura 5 - Bloco Unidos do Cora na quadra da escola preparando para sair às ruas



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

A discussão sobre Meio Ambiente é algo bastante caro na sociedade e de extrema importância a ser abordado na escola. As cidades vêm surgindo em processos de sedentarização, onde são fixados territórios, mudando completamente a relação do ser humano com a Natureza; o que nesse decorrer de tempos, tem gerado grande problemática ambiental, pois a cidade vira uma espécie de mercado e aqueles que deveriam ser cidadãos, transformam-se em consumidores, como afirma Krenak (2020, p.16). O espaço torna-se uma luta política em uma cidade segregadora que gera aumentos em habitações e, por consequência, maior número de pessoas direcionando-se para as favelas e periferias, onde a precariedade é latente e a estigmatização se dá como espaços desviantes e habitações “subnormais” que tirou, também, o indivíduo do campo para ser mão de obra barata em centros urbanos. Nesse sentido, Ailton Krenak lança à reflexão que tipo de humanidade é essa dita por seres humanos que fazem uso da violência, da colonização, impondo uma verdade única e único modo de ser e estar nesse mundo, em um discurso de civilidade onde a invisibilidade de diversos povos é o que há de mais vivo frente a morte do ser.

Em “*O Amanhã não está à venda*” (2020), Ailton, da etnia Krenak, argumenta o uso excessivo e predatório da Natureza em função do capitalismo em uma lógica separatista entre ela e o humano, onde uma parcela da população, uma sub-humanidade, não consegue sair do penhasco prestes a desabar. Krenak sugere que a dor das perdas na pandemia do novo coronavírus pudesse responder se somos, de fato, humanidade, dentro dessa ideia naturalizada em que estamos habituados a pensar e reproduzir, sem reflexões.

Êxi se xunxê pensar êxi na Era atual, êxi igreja diz todo o andadô da vida de todos de cá como vai ser; êxi xunxês tão vivendo esse momento êxi desse que prendeu xunxês em casa [Pai Joaquim se referindo a pandemia] êxi desse que fez xunxês botá êxi cá [Pai Joaquim apontando a máscara que seu aparelho estava usando] e êxi xunxê pensá êxi povaraco êxi que movimenta a vida de xunxês, êxi mudou êxi lua de quando é êxi festa da carne, êxi!? Hihi... Êxi festa da carne cá, vai acontecer quando êxi cá veio pra cá [Pai Joaquim se referindo a Jesus Cristo na cruz], êxi quando êxi cá ficou sepultado e quando êxi cá vortô cá, êxi!? [Pai Joaquim se referindo a ressurreição de Jesus Cristo]. Hihi...! Êxi, fia, êxi já é uma quebra desse todo que sempre foi. Êxi nós sabe que é uma quebra, êxi, por esse motivo da ganância financeira, êxi!? Êxi pela não valorização da vida, êxi!?

(Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

As queimadas, o avanço dos desmatamentos, a invasão de terras indígenas, em uma exploração sem limites dos recursos naturais, vêm ocasionando mortes de variados seres da nossa casa comum, o planeta Terra! Toda essa fúria por dinheiro e poder, gera danos imensuráveis aos próprios seres humanos; pensando a floresta como uma grande usina de chuva, com seu amplo corredor de nuvens, que são os rios voadores; com a poluição do mar, como os plânctons garantirão o oxigênio? É fundamental perceber que a floresta é parte da vida de todos os seres vivos, nos ofertando remédios, alimentos e chuva, garantindo os cursos dos rios que vão desaguar no mar nesse ciclo potente de Pacha Mama<sup>29</sup>; dando a refrescância contra o aquecimento global.

A partir de uma posição mais humilde do ser humano perante a Natureza, é possível refletir sob outras possibilidade de ser e estar no mundo: somos parte desse todo e não somos os únicos seres que habitam esse lugar, quebrando, assim, a abstração civilizatória em que estamos mergulhados, onde a diversidade de formas de vida, de existência e de práticas cotidianas são simplesmente apagadas, a fim de seguir um curso único de hábitos, línguas e “civilidade”.

[...] 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. (KRENAK, 2019, p.41, 42)

Diante disso, realizei com uma turma de segundo ano do Ensino Médio, em junho de dois mil e vinte e dois, discussões sobre algumas das violências sofridas pelos povos originários (estupros, genocídios, invasão de terras, Marco Temporal). As atividades foram desenvolvidas em etapas: vídeos com anotações, leitura e pequeno debate sobre o livro de

---

<sup>29</sup> Denominação dada por povos indígenas a Mãe Terra, nossa morada comum.

Ailton Krenak “*A vida não é útil*”, onde a turma foi dividida em cinco grupos, contemplando cada capítulo do livro com uma resenha. Com a perspectiva de não tratar a vida como algo utilitário, pensar na vida com um dom, como fruição e não atos de negociações de sobrevivências, estudantes percorreram a escola e questionaram as pessoas o que vinha na cabeça delas ao ouvir a frase “*A vida não é útil*”; anotaram e, por fim, montaram uma árvore mesclando as pétalas com as ideias coletadas na escola e a perspectiva de Krenak. Por fim, um desenho foi criado por uma estudante desta turma, um rosto indígena feminino, na ideia de representar a raiz dessas terras pindorâmicas.

Figura 6 - Material construído pela turma de 2º ano - Ensino Médio



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2020) afirma que a Natureza vai se defender de nossas agressões; não é vingança, é defesa para continuar existindo.

Nesse jogo político de extermínios, onde a economia não pode parar, saltam em nossas percepções as problemáticas dos moradores das periferias, bairros sem infraestrutura, sem

saneamento básico, com falta de água, muitas pessoas morando em locais pequenos, a escassez de serviços públicos, sendo ainda mais violentados nos tempos mais acirrados de pandemia, dessa forma *“os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida”* (KRENAK, 2019, p.42).

Refletindo na interligação do humano e a Natureza, estamos inseridos em toda essa destruição ambiental, não só como sujeitos ativos, mas como as partes, talvez, mais vitimadas, somos capazes de autodestruição; estamos projetando nosso próprio fim. Por isso, é preciso agir por outros caminhos para retomar essa interligação real, em uma lógica de reestruturação existencial com todo esse organismo vivo, combatendo essas destruições que operam na individualidade e ignorância de uma acumulação nociva e desnecessária, despotencializando a pluralidade de vidas.

Sou filho do guerreiro de uma flecha só  
 Sou filho de Oxóssi Caçador  
 Ele é mensageiro do Pai Maior  
 E cumpre sua missão com muito amor  
 O Rei das Matas, meu protetor  
 Saravá, meu pai Oxóssi  
 Sua benção, meu senhor  
 Okê Arô!

(Ponto de Oxóssi - Sandro Luiz / Marcus Musk)

A professora Marize Vieira, em encontros virtuais no grupo de Whatsapp do projeto Tocando Corações, apresentou a história de Anhangá, um espírito protetor das florestas e dos animais. Ela conta que Anhangá está sempre a postos, portanto, quando alguém entra na floresta, ele está lá. É preciso antes, pedir licença e respeitar o local. Se entram e promovem o desmatamento, Anhangá se enfurece e vai atrás de quem fez o mal. Toda essa destruição do Meio Ambiente, acordou o espírito protetor. Marize enfatiza que essa história é uma alusão para ensinar as crianças indígenas a respeitar e proteger a Natureza.

Entrei na mata  
 Sem pedir licença  
 Só pra ver a força que a Jurema tem  
 Ô Juremê, ô Jurema  
 Capitão das Matas mandou lhe chamar

(Ponto de Caboclo)

Entrar nas matas, com desconhecimento e desrespeito, é um perigo com a nossa própria possibilidade de continuação existencial nesse contexto, inclusive no que diz respeito a epidemias, pandemias, micro-organismos que podem infectar seriamente os seres humanos. A Natureza é um organismo vivo e reage.

É por isso que não conheço coisa mais bonita que os mistérios do encanto. Enquanto o mundo se consome em um desvario produtivista que enxerga o grande rio – um Orixá! - como um potencial gerador de energia para grandes empreendimentos e restringe a isso o seu papel, eu, com um olhar insistente de menino que cresceu na guma, digo que a coisa estaria muito melhor se todos vissem a natureza com o respeito do povo do tambor. (SIMAS, 2013, p.49)

Transitando, então, por caminhos outros de entendimento da Natureza em uma teia interligada de ciclos dos seres plurais, é interessante pensar no Terreiro, como espaço onde são forjados conhecimentos outros, que muitas vezes fazem com que os seres humanos reconectem-se a essa dimensão de integração, de Natureza. Em suas práticas rituais, as Casas de Santo<sup>30</sup> trabalham com a biointegração, no ideal comunitário.

#### 1.4 “Ê! Ah! Pisa na Umbanda!”<sup>31</sup>

Na presente dissertação, a Umbanda é um dos caminhos para refletir sobre culturas que transbordam a dimensão religiosa. Pensar, por exemplo, a própria história do Brasil e o tratamento atual de nossos povos, enraizado, ainda, na colonialidade.

O historiador Bruno Rohde (2009) argumenta não ser possível estabelecer um marco inicial da Umbanda no dia quinze de novembro de mil novecentos e oito, pois seria deixado para trás todo um processo de construção longo e complexo da religiosidade inserida ainda em um contexto mais amplo que é da cultura afro-brasileira. Para enfatizar este aspecto, Rohde relata a história de Luzia Pinto, uma negra que nasceu já sendo escravizada; vinda de Angola, foi batizada no Brasil, morando na Bahia até os vinte anos de idade e depois se mudando para Minas Gerais. Luzia comprou sua alforria aos trinta anos e organizou seu calundu-angola em Sabará entre os anos de mil setecentos e vinte e mil setecentos e quarenta.

Informações sobre esse culto denominado calundu<sup>32</sup>; foram possíveis de se obter devido ao fato de Luzia Pinto ter sido presa e torturada pela Inquisição em Lisboa, tendo que

---

<sup>30</sup> Como também podem ser denominados os Terreiros.

<sup>31</sup> Música “Pisa na Umbanda” gravada pela banda Cordel do Fogo Encantado.

responder a interrogatórios, além das descrições dadas por testemunhas do caso. Sendo assim, nas descrições das práticas continham a maneira pela qual Luzia conduzia as cerimônias que eram abertas ao público, frequentadas por negros e brancos, com objetivo de realizações de curas, purificações, adivinhações para esclarecer os que ali estavam. O som de atabaques e cânticos também compunham a ritualística e faziam com que Luzia Pinto entrasse em transe e pudesse incorporar variadas entidades. Rohde, portanto, exemplifica, nesta história, a existência de um culto onde diversas características, práticas e elementos estão hoje nos rituais de Umbanda ou de forma bem parecida.

Enfatizando o pensamento sobre a matriz africana, Eduardo Possidônio (2015) expõe como os habitantes da África Centro Ocidental tiveram forte influência no Rio de Janeiro do século XIX, utilizando-se de relatos de viajantes, documentos policiais e publicações de jornais da época. Inclusive, nos processos e inquéritos analisados por Possidônio, não havia negação das práticas realizadas quando eram interrogados pelas autoridades. Apenas afirmavam não serem feiticeiros, pois a feitiçaria era remetida à negatividade em uma dualidade onde o Nganga<sup>33</sup> poderia fazer o bem ou o mal dependendo do ponto de vista do tribunal, por exemplo, em Mucano (Angola), onde aqueles que fossem condenados por feitiçaria, poderiam ser vendidos como escravizados para as Américas.

Nas culturas Bantu<sup>34</sup> (África Centro Ocidental) o indivíduo não existe fora de sua comunidade, ou seja, não existe sozinho, fora do plano do universo; todas as coisas e seres estão conectados. Os centro-africanos já detinham conhecimentos sobre agricultura e agropecuária muito antes do processo de escravidão que os levaram a atravessar o Atlântico e, devido a este fato, formaram o grupo de preferência ao trabalho em novo solo. Outra questão interessante a ser observada, é a melhor adaptação dos Bantu por questões culturais, se adaptando à nova terra desde que recriassem laços de parentesco e pertencimento, dando o devido valor aos donos da terra, pois os pioneiros, ou seja, os povos indígenas, detinham o conhecimento vital, conheciam o território, as ervas e tudo que fosse necessário para que a vida fluísse com boa sorte; pela filosofia centro-africana, era importante reverenciar e se

---

<sup>32</sup> O termo calundu foi explicado por Rohde (2009), de maneira resumida, como os primeiros e variados cultos que agregavam a cultura indígena, negra e europeia no Brasil.

<sup>33</sup> Os ngangas eram aqueles que tinham a possibilidade do contato com o sobrenatural e também o conhecimento do poder das ervas, sendo capazes de produzir remédios para a cura de variados males; eram responsáveis por desenvolver cerimônias rituais objetivando a saúde e prosperidade dos indivíduos do mesmo grupo.

<sup>34</sup> Tronco linguístico. No Brasil, “Bantu” se tornou o termo “genérico” para se referir aos povos oriundos da África Centro-Ocidental no Brasil. No entanto, os povos Bantu no continente africano se espalham desde Camarões até a África do Sul, cobrindo toda a extensão da África Meridional.

relacionar com os povos originários, inclusive com a espiritualidade destes. Além disso, as semelhanças do clima e da flora auxiliaram que esses africanos conseguissem ervas, plantas que costumavam utilizar em seus territórios de origem. Segundo Leda Maria Martins (2002), a cultura negra é de encruzilhadas, não se encerrando em si mesma, em uma forma única, mas sempre se reconectando por onde passa.

Por volta de mil oitocentos e oitenta e três e mil oitocentos e oitenta e quatro, o cenário da cidade São Paulo de Luanda (Angola) era bem parecido com o do Rio de Janeiro da mesma época, sendo assim, é possível que este seja mais um aspecto importante para a melhor adaptação dos centro-africanos à nova cidade.

De acordo com Possidônio (2015) alguns nomes importantes figuraram em jornais e documentos policiais indicando como a cultura centro-africana foi disseminada no Rio de Janeiro, reconhecendo divindades, mesmo que descritas de maneira pejorativa. Os Ngangas, chefes religiosos, dirigiam rituais em suas casas e muitas vezes eram presos, acusados de feitiçaria e de fazer com que as pessoas acreditassem no ganho de fortuna fácil, ou seja, no imaginário de parte da população que apoiava e fazia as denúncias nos jornais, era a casa onde blasfemavam uma sorte, ganho, fortuna sem esforços. Em mil oitocentos e noventa e um o novo Código Civil criminaliza a prática de feitiçaria e curandeirismo.

O Diário de Notícias, do dia dois de outubro de 1870, levantou-se como de costume do período, contra a atuação dos chamados feiticeiros, afirmando atuarem movidos por um poder invisível, que não era do conhecimento dos leitores, nem de Deus, mas sim oriundos de “um pedaço de pau enfeitado de brancas penas de galinha, e fios de miçanga”. Segundo o jornalista, era diante dessa imagem que o líder religioso invocava os milagres e, principalmente, fazia as adivinhações. A referida notícia estava no contexto de Juca Rosa, preso quarenta dias depois dessa notícia. Porém, mesmo sem figurar o nome, a narrativa do jornalista nos aproximava de objetos semelhantes encontradas na casa de Felipe Miguel e de Juca Rosa. Os manipansos, por sua vez, atravessaram o Atlântico e ao longo de todo século XIX, representaram a continuidade das manifestações religiosas centro-africanas em solo brasileiro. (POSSIDÔNIO, 2015, p.123-124)

Os manipansos eram pequenas estátuas feitas em madeira, com panos, miçangas e outros materiais em que o Nganga cuspiam água ou água ardente, dizia algumas palavras em seu ouvido para depois, aumentar o tom de voz ao falar novamente, havendo todo um preparo de encantamento. A estátua tinha semelhança com formas humanas e quando o objetivo era alcançado, o líder religioso entrava em transe, descrevendo, para as pessoas que participavam do ritual, as informações recebidas pela divindade. Um espelho de vidro também compunha a estrutura da estátua; localizado na barriga, ele era responsável por mostrar as respostas

esperadas, que somente o adivinho poderia enxergar. Antonio Brandão de Mello, europeu que viveu um longo período em Angola, mostrado na dissertação de Eduardo Possidônio, tentava aproximar as práticas africanas com as práticas europeias. Ao fazer pedido à estatueta chamada manipanso, Antonio de Mello compara a mesma invocação a santos católicos feitos em madeira ou pedra. Esse fato pode ter sido influenciado no momento em que questionando um africano do Congo em relação ao valor que uma escultura, segundo ele, tosca, feita em madeira poderia ter, o africano responde com a indagação: existiria algum valor os santos de madeira ou pedra dentro das igrejas para os católicos?

A música, a dança e o transe faziam parte da ritualística dos centro-africanos também no Brasil e é interessante observar que em festejos permitidos pelo “senhor”, o toque de atabaques era presença certa para as danças e cânticos dos negros; canal de comunicação com o mundo dos ancestrais. O historiador Jorge Prata, citado no mesmo trabalho de Possidônio, encontra relatos entre senhores e oficiais sobre o uso de pólvora, de origem centro-africana, por integrantes de uma sociedade secreta que se reuniam à noite em um ritual denominado “mesa”, tendo como líderes curandeiros ou feiticeiros e sendo o ponto culminante a ação contra os “senhores” que ocorreria no dia de Santo Antônio ou São João<sup>35</sup>.

Qualquer tipo de má sorte era afastada diante de rituais desenvolvidos pelos Ngangas e Quibombos<sup>36</sup>, os cultos de aflição, portanto, eram para fazer com que o espírito criador do infortúnio fosse acalmado para, então, dar fim a aflição do indivíduo.

Em um culto de aflição onde José Português, um líder conhecido com “mezinheiro”, praticava o ritual em torno de uma imagem de Santo Antônio, a sociedade mística, de acordo com Robert Slenes, era nomeada como *ubanda*: “O autor destaca que o termo umbanda vem do kimbundo e significa ‘a arte [...] de curar, [...] de adivinhar [...] e induzir [os] espíritos humanos [mortos] e não humanos [os gênios da água e da terra] [...] [a origem] para o bem ou para o mal humano’”. (POSSIDÔNIO, 2015, p.154).

Em 1840, o chefe da polícia relata a existência de um grupo que se reunia na floresta, usando pólvora e fazendo beberagens, intitulando-se como *ubanda*.

Em seu livro “*Umbandas*”, Simas invoca a influência das culturas Bantu no próprio nome “umbanda” proclamado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, afirmando que esta palavra já era conhecida em África e que, segundo Nei Lopes, “mbanda” significa médico

---

<sup>35</sup> Ver mais detalhes em Possidônio (2015).

<sup>36</sup> Na linguagem Banto, o termo significa Pai de Santo.

tradicional, tendo seu plural como “imbanda” em umbundo. Já em quimbundo, o singular é quimbanda. (SIMAS, 2021, p.101).

A Umbanda é reconhecida no século XX depois de todo um processo que leva à reflexão da necessidade de legalizar-se para fugir de perseguições, diminuindo as repressões policiais às Casas de Santo. A Federação Espírita Umbandista (1939) e o I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda (1941) auxiliam esse percurso com assessoria jurídica e discursos de distanciamento da Umbanda à práticas consideradas primitivas e bárbaras de cultos africanos. As práticas malignas, de exploração, ligadas a espíritos imorais foram enquadradas, pelos congressistas, no termo de “Quimbanda”. A diferenciação de Umbanda e Quimbanda era crucial nesse contexto, sendo a Umbanda, portanto, a magia branca, a prática do bem e da caridade. Apesar de um reconhecimento das heranças afro-indígenas pelos próprios umbandistas, havia uma percepção evolucionista baseada no kardecismo, onde essas heranças em contato com a cultura ocidental, civilizaram-se. *“Era exatamente assim, também, que o Estado Novo getulista propagava em suas cerimônias cívicas e em seus manuais de propaganda os fundamentos do ser brasileiro”* (SIMAS, 2021, p.128)

Sonhei que no meio da mata  
 Junto a uma cascata  
 Um Caboclo encontrei  
 E disse pro meu Pai Oxalá  
 Pra Xangô e Iemanjá  
 Minha aldeia deixei  
 Oh, filho, quando ouvi seu chamado  
 Cruzei terra e mar e aqui eu cheguei  
 Na alegria e na dor  
 Sou Taú, sou lá das matas  
 Sou teu Pai, teu protetor

(Ponto para Caboclo Taú)

Dona Glória, dona Ica, senhor Adelir, senhor Edson e dona Ceinha (junto ao seu marido, senhor Dezinho) fizeram uma reunião para dar início aos rituais de Umbanda. Senhor Dezinho e dona Ceinha cederam o espaço do terreno de sua casa, até então, alugado, em Inhaúma, na cidade do Rio de Janeiro. As primeiras sessões foram realizadas na sala da casa de dona Ceinha, a Mãe de Santo; móveis eram arrastados dando espaço para as Giras. Funda-se, portanto, o Terreiro Mensageiro de Oxalá no dia oito de dezembro de mil novecentos e sessenta e um, com a mentoria de seu Taú, Caboclo vindo de Aruanda.

Com o passar dos anos, o terreno foi comprado e construiu-se um local para as Giras fora da casa de Mãe Ceinha, onde hoje reside dona Ayr, conhecida como Ica, que assumiu a direção do Terreiro após o falecimento de dona Ceinha.

O início de minha pesquisa se deu antes mesmo da minha primeira entrada na Casa; por intermédio de uma cambona, fui autorizada a desenvolver o trabalho naquele campo sagrado. A dirigência reuniu-se e me recebeu, abrindo as portas do Terreiro; permitindo que lápis, papel, câmera e corpos circulassem livremente naquelas dependências.

Além da autorização dos dirigentes do TMO e da então Mãe de Santo Ica para realizar o trabalho etnográfico, já sabendo que a autorização vinha, também, dos seres espirituais, a certeza foi completa e exposta aos meus olhos, quando uma Preta Velha ao lhe pedir um passe, questionou-me a respeito de minha pesquisa. Ao respondê-la, Vovó Maria, com sua caneca de café, enfatizou que aquela Casa permaneceria aberta e que eu poderia retornar sempre que fosse necessário. Afirmando que as entidades ali presentes, só desejam ajudar a quem precisa e no envolver da conversa, me ofereceu um gole daquela bebida amarga.

Café margoso numa xícara sem lavar  
 Ê! ê!  
 Café margoso numa xícara sem lavar  
 Vovó me deu café margoso  
 Numa xícara sem lavar

(Ponto de Preta Velha)

Inesperadamente, algo, portanto, que não tinha sido pré estabelecido em um possível cronograma de pesquisa, deparei-me conversando com um Exu conhecido como Tiriri. De risada fácil, brincalhão e bastante comunicativo, este Exu convidou-me a entrar em sua casa, a Ronda, deixando-me à vontade, sentada em um puff, enquanto ele se acomodava no chão, desabando de uma só vez. Não percebi ao certo o quanto a conversa durou, porém independente de tempo, foi bastante produtiva. Seu Tiriri expôs ali as Sete Linhas de Umbanda, cada uma delas exemplificadas como sendo uma profissão; as justificativas das “vestimentas” utilizadas pelas entidades e os constantes aprendizados. Mostrou, também, imagens de diversos Exus; explicou que não é sempre possível fazer o que as pessoas encarnadas pedem e que é muito comum, no mundo em que vivemos, as coisas serem mais complicadas porque nós mesmos as complicamos e o que se faz no Terreiro são ações, inspirações e ensinamentos para que os consulentes vivam melhor essa passagem terrena; simples e ao mesmo tempo algo bastante complexo.

Questionado por mim sobre alguns aspectos da pesquisa, muitas vezes Exu Tiriri olhava com ar meio confuso e dizia “*Tu fala difícil pra caramba hein! Não entendi nada! Fala de novo pra mim!*”. Reformulava a pergunta e lá fluía novamente nossa conversa até o momento que eu não entendia sua forma de enunciar as palavras e ele as transformava para continuarmos na fluidez. Na hora da despedida, dizendo ter gostado de mim e querendo sempre me ver bem, dois abraços bastante fortes foram dados, de alterar minha respiração. Ao final, um mais leve, desejando que eu fosse em paz e que Oxalá me acompanhasse; o caminho era longo, de Inhaúma à Baixada Fluminense na madrugada.

Se você quiser  
 E for uma pessoa de fé  
 Vá a uma encruzilhada  
 Peça licença e faça uma oração  
 Para o Exu Tiriri  
 Ele faz lá sua morada e é seu guardião  
 Com marafo do bom  
 Não esqueça de levar  
 Um pito e uma vela de cor  
 Para ele trabalhar  
 Joelho esquerdo no chão  
 Fé, amor e humildade  
 Exu Tiriri vai afastar de ti  
 Toda maldade

(Ponto de Exu Tiriri)

Certa vez, aguardando o momento de conversar com as entidades, “Seu” Tranca Rua veio em minha direção cambaleando para trás ao som de seu brado<sup>37</sup>: “Uh! Uh! Uh! Ha-ha-ha-ha-ha!”; pediu para que eu me aproximasse, me deu um abraço agradecendo por levar os *trabalhadô* de Umbanda a outros lugares. Disse não saber falar bonito, apesar de portar-se com extrema elegância, gostando das roupas sempre bem passadas. Sugeriu que para melhores entendimentos e detalhes, eu conversasse com o Preto Velho que seu aparelho incorporava, Pai Joaquim da Calunga. Fechando nosso diálogo da noite, Tranca Rua das Sete Encruzilhadas me alertou, com gestos de envolvimento, que sua capa me protegeria nos caminhos diversos. Laroyê!

---

<sup>37</sup> Som característico emitido pela entidade.

Seu Tranca Rua  
Me cobre com sua capa  
Quem tem sua capa escapa  
Quem tem sua capa escapa  
A sua capa é um manto de caridade  
Sua capa cobre tudo  
Só não cobre a falsidade

(Ponto de Exu Tranca Rua)

O atual guia-chefe do Terreiro, Caboclo Sete Flechas, também, conhecido como “Seu” Taomi, pois foi o último nome que teve quando encarnado na Terra, me deu seu aval para filmagens, fotografias e exposições dos rituais realizados na Casa, enfatizando a sua confiança em mim e a importância do conhecimento da Umbanda para aqueles que tanto a discriminam.

Figura 7 - Caboclo Sete Flechas na Gira de homenagem a Oxóssi



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Em seus quase sessenta e um anos de funcionamento, o TMO acolhe diversas pessoas nos bancos da assistência; os atendimentos são gratuitos e livres, deixando cada pessoa consultar-se com a entidade de sua preferência. O corpo mediúnico é responsável por pagar uma mensalidade no valor de vinte reais a fim de manter a Casa em funcionamento; além disso, são aceitas doações de materiais de trabalho das entidades, materiais de limpeza e produtos necessários ao atendimento do público.

Segundo o atual Pai de Santo, Jorge Oliveira, o Terreiro foi registrado através do CGC e agora está sendo atualizada a documentação para registro de CNPJ. O TMO também faz

parte da Federação de Umbanda e Nações Africanas (FUNA), fundada em mil novecentos e setenta e nove a fim de atender aos adeptos das religiosidades de matrizes africanas. O objetivo dessa associação, por exemplo, é ter respaldo jurídico e direito à ir em cachoeiras realizar rituais específicos a qualquer momento, pagando uma mensalidade para isso. Além de isenção em IPTU, como entidade religiosa e proteção contra o crime de racismo religioso.

É interessante observar a estrutura física do Terreiro, entendendo a posição de cada “peça” encaixada no grande “quebra-cabeça” ritual. Para uma melhor construção visual do espaço, a seguir exponho duas plantas que demonstrarão essa engrenagem.

A primeira planta apresenta o espaço fora de onde acontecem as Giras. Logo de início, antes da entrada, de fato, do Terreiro, existe uma firmeza<sup>38</sup>, denominada Porteira, para Exu Tronqueira, que pertence a moradora da casa 01. Caminhando pelo espaço, chegamos à Ronda, a Casa do Compadre (Exus e Pombagiras), com firmezas que tem como objetivo não deixar passar energias negativas que possam atrapalhar o bom andamento dos trabalhos. Ao lado esquerdo, observa-se o Cruzeiro das Almas, firmeza para os Pretos e Pretas Velhas, finalizando, por fora, com a Pedra de Xangô.

Dentro do local destinado ao início e término do ritual, existe o espaço para os frequentadores, consulentes e curiosos assistirem a sessão, que é denominado assistência; o vestiário feminino, os atabaques, o Gongá com a imagem do Caboclo Taú e o mini Altar, onde são guardados instrumentos de trabalho das entidades, colados avisos e onde fica o som manipulado para orações iniciais ou de homenagens.

É interessante refletir sobre a imagem do Caboclo Taú que, junto com Mãe Ceinha, fundou o Terreiro; a ancestralidade da Casa é sempre reverenciada com os devidos respeitos e reconhecimento de sua importância. Assim como para seu Taú, em todas as Giras, canta-se para o Caboclo Rompe Mato (entidade que incorporava no Pai Pequeno que hoje não trabalha mais como médium rodante devido a problemas de saúde) e seu Ogum Menino (entidade que incorporava em Dona Ica). Todas elas reverenciadas no propósito do reconhecimento da história, das direções da espiritualidade do local e mantendo as vibrações presentes, firmando a identidade local.

---

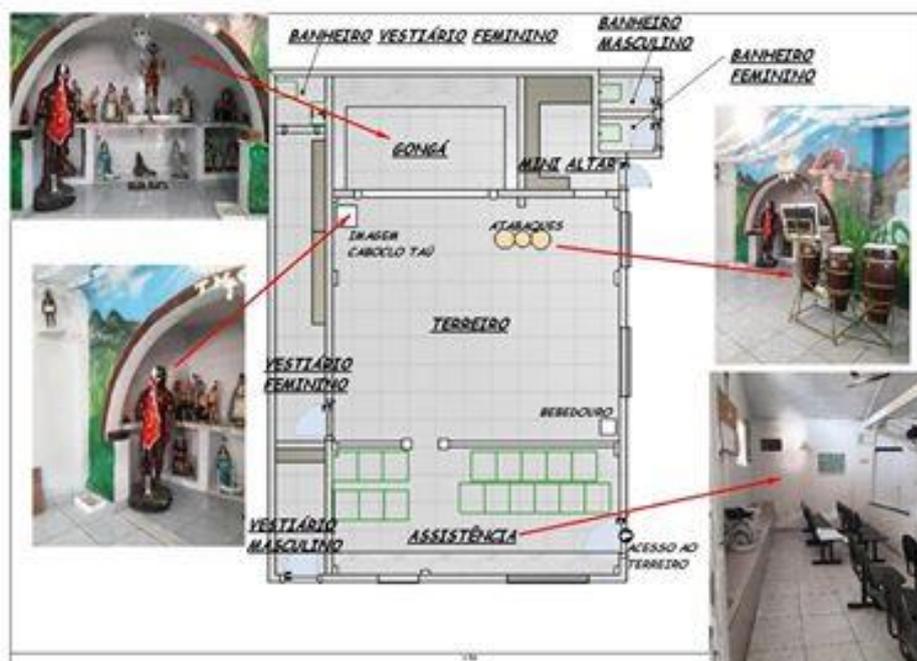
<sup>38</sup> União de alguns elementos a fim de potencializar determinada força para uma finalidade; é a conexão com o sagrado.

Figura 8 - Planta de situação do TMO



Fonte: CARVALHO, 2018.

Figura 9 - Planta de situação do TMO



Fonte: CARVALHO, 2018.

Além das sessões realizadas aos sábados, geralmente, de quinze em quinze dias, o TMO também desenvolve trabalhos nas matas, cachoeiras, praias, na casa de algum

consulente ou mesmo médium, quando uma entidade afirma uma necessidade de limpeza astral no local.

A bebida alcoólica foi permitida pelo Caboclo Ogum Menino, entidade que incorporava em dona Ica. Porém, é dado limite em seu uso, somente algumas entidades podem utilizar este líquido, muitas vezes dependendo do desenvolvimento mediúnicos de seu aparelho.

Bebidas e fumos têm fundamento na religiosidade da Umbanda, ao contrário do que muitas pessoas enfatizam em seus preconceitos relacionados à religião, caracterizando essa ritualística como “baixo-espiritismo” ou primitivismo. Os elementos presentes na bebida e no fumo são utilizados pelas entidades não porque elas, em específico, necessitam; mas porque os encarnados muitas vezes precisam de materializações para que haja efeitos positivos na matéria. Os guias espirituais, na Umbanda, portanto, agem na manipulação energética dos elementos vegetais que estão por trás de cada elemento desse, na composição do que é utilizado como um instrumento de trabalho das entidades.

O Terreiro Mensageiros de Oxalá realiza toda sua ritualística das sessões com os pontos cantados ao som dos atabaques e chocalhos, exceto na sessão Científica<sup>39</sup>. Elevando as boas vibrações, funcionam, também, como preces aos seres que habitam outras regiões dessa imensidão astral; ajudam no acoplamento de energia da entidade com seu medianeiro, na desincorporação, nas fluidificações, defumações, desenvolvimentos mediúnicos, além de serem interessantes fontes para conhecer muitas histórias espirituais.

Todos esses pontos que são cantados, que são os pontos de louvação, né, todos eles têm uma força dentro do Terreiro. A força que faz a conexão, né, entre o médium e as entidades. Eu costumo muito falar que você vê que a sessão é bem diferente, uma sessão quando tem um ponto, quando tem um atabaque pra uma sessão que não tem. [...] as entidades vêm bem mais firmes, vêm com mais disposição, você vê que eles chegam com mais disposição; não quer dizer que vá trabalhar mais ou menos, mas a força que eles chegam, a força vibratória deles é diferente [...] Então sem sombra de dúvida, eu acho que a sessão muda muito, eu acho que o atabaque tem esse poder, o atabaque e a palma, né, de tá trazendo uma energia diferente pra Casa. (Trecho da entrevista concedida por Jorge Oliveira)

---

<sup>39</sup> O mentor do Terreiro, Caboclo Taú, de acordo com a entrevista concedida pelo atual Pai de Santo, solicitou que tivesse uma sessão de mesa na Casa e ao longo do tempo, iam muitos Freis e Freiras para essa sessão, ensinando muitas coisas; devido a isso, deram o nome de Sessão Científica, seguindo uma linha de cura (semelhante a uma mesa kardecista), mencionando o doutor Bezerra de Menezes. Essa mesa tem como objetivo trazer e guiar espíritos desencarnados que ainda não aceitaram o desenlace terreno, conduzindo-os para um caminho melhor.

De acordo com um Preto Velho do Terreiro, um determinado local da mão<sup>40</sup> dos Atabaqueiros que bate no tambor, gera uma energia que reequilibra o ambiente. Ou seja, de modo algum é um simples tocar vazio. De acordo com alguns umbandistas, existem na mão inúmeras ligações nervosas que entram em conexões, gerando energias ao chegar até mesmo no próprio cérebro, no pensamento. Essa ativação, portanto, provoca um impacto nos neurônios sensitivos do indivíduo. Essa mesma explicação prolonga-se, também, no sentido da importância de se bater palmas, tanto os médiuns quanto a assistência.

A identidade desses seres espirituais pode ser construída nos pontos riscados (imagética) e também nos pontos cantados, com toda a questão performática das entidades; servindo, também, como fonte importante ao entendimento das características e dos trabalhos desenvolvidos pela espiritualidade.

Mauss (2003) chama a atenção para a importância do nome, elemento responsável pela perpetuação das tradições dos grupos, de suas cosmologias, heranças e legados, materiais e imateriais. Assim, é possível compreender porque frequentemente ouvimos dos nativos a máxima “sem as curimbas, não há Umbanda”. [...] Em nível espiritual muito mais profundo, as curimbas são as enunciações das dijinias das entidades espirituais em comunhão com aqueles que se dedicam de forma intensa a religião, os médiuns. (ROCHA, 2015, p.24-25).

Figura 10 - Atabaqueiros do TMO



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

---

<sup>40</sup> Região chamada Monte de Vênus que quando acionada no estalar de dedos, faz com que haja um reequilíbrio dos chacras do corpo humano.

Stela Caputo (2012) cita como a permissão oficial para a realização dos batuques foi uma ação geradora de possíveis reuniões entre diferentes nações negras (inclusive, algumas rivais) a fim de diálogos que acabaram conduzindo a uma fusão de cultos e ritualísticas de diferentes regiões de África em um único espaço sagrado.

Algumas entidades trabalham cantando, sendo Pai Joaquim da Calunga um exemplo delas, explicando o motivo dos cânticos entoados em meio aos trabalhos no Terreiro:

Êxi, fia, quando nós canta nós faz rezadô, êxi!? Êxis ponteira de nós cá, êxi, são oração, êxi!? São formas de nós trabalhar com êxa energia, êxi, de uma maneira, êxi, que circula, êxi!? Êxi povaraco quando faz êxi cantadô e êxis batedô, êxi, de cá [Pai Joaquim batendo palmas], êxi tá fazendo circular êxi energia em Terreiro, êxi!? E fazendo com que flua êxas energia. Quando nós faz esse estalante cá [Pai Joaquim estalando os dedos], nós tá fazendo essa vibração, êxi!? Êxi cada, êxi, cantadô de nós, êxi, é uma oração; ao invés de nós ficar cá com esse Rosário, êxi, em povaraco da assistência fazendo essa oração, invocando êxi nosso Senhor por êxi cá e ensinando êxi povaraco a fazer exa oração, nós faz esse cantadô, êxi!? E êxi toca mais êxi cá [Pai Joaquim põe a mão no coração] desse povaraco, êxi entra cá [Pai Joaquim põe a mão na cabeça] e êxi vem tocando êxi cá [Pai Joaquim torna a colocar a mão no coração]; êxi vem fazendo essa limpeza nesses chacras, êxi!? (Trecho da entrevista concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Pai Joaquim afirma que isso acontecia quando possível, pois muitas vezes era vetado aos escravizados realizarem seus rituais, danças e cânticos; além do manuseio de ervas, generalizando todas as ações negras como magias negativas, que eram designadas como feitiçarias, deixando, portanto, certo ar de receio constante para a Casa Grande. A entidade descreve essas afirmativas como parte de sua história de vida na senzala. Nascido já no Brasil, Pai Joaquim morreu ainda como um ser escravizado.

Êxi nós também aprendeu a manipular as erva pra fazer êxi trabaiadô com êxis outro que sofriam dessas ferida junto com nós, êxi!? E todos nós aprendia a manipular erva porque nós num tinha o que xunxês têm de comprar êxis coisado pra ficar formoso, êxi!? Êxi nós tinha que saber dessas erva. E quem escravizava nós num queria que nós ficasse muito formoso, êxi!? Queria o tempado que nós fosse útil. [...] a maior resistência que nós poderia dar pra esse povaraco era nós ter exa alegria, fazendo êxi cantadô, êxi rezadô de nós e exa manipulação das erva, êxi!? Êxi muitas vezes êxis maltratava pra matar mermo, êxi!? Mas quando viam que êxis sobreviviam, êxis num ficavam satisfazido e aí aqueles que se revoltavam e aqueles que sofriam da carne mais do que tinha que sofrer, êxis que davam mais alegria pra êxi. (Trecho da entrevista concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Figura 11 - Pai Joaquim da Calunga com seus instrumentos de trabalho



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Pai João da Mina, Preto Velho incorporado em Jorge Oliveira, afirma que a tríade de Umbanda (Erê – Caboclo – Velho) trabalha, cada uma, com uma determinada força da natureza, sendo que o Preto Velho pode trabalhar com todas, tendo todo um arcabouço das etapas da vida.

Figura 12 - Preto Velho Pai João da Mina



Fonte: Acervo Pessoal, 2018

É interessante pensar a Umbanda com um dos caminhos para o entendimento das relações que os indivíduos traçam em solo brasileiro; sendo composta por um cruzamento de

experiências variadas que vão dando o contorno do que é o Brasil com todas as suas problemáticas, violências, racismos, desigualdades, assim como também a potência de reinvenções, resistências e reexistências diante de todo esse contexto.

Cada Terreiro vai realizar seus rituais de acordo com o dirigente espiritual da Casa e seu aparelho, o Pai ou a Mãe de Santo, por isso, é possível refletir sobre inacabamento da Umbanda, sua contínua construção e transformação nos procedimentos anunciados em Aruanda e como ela vai se organizando com o passar dos tempos em variados contextos. Dependendo do local onde está situado o Centro umbandista, a ênfase pode ser dada ao Caboclo, em outras localidades, ao Preto Velho, marcando uma identidade negro-africana ou uma perspectiva mais embranquecida com uma conexão ao kardecismo, por exemplo. E isso, vai desenhando a forma com que aquelas pessoas se relacionam em contextos micro e macro-sociais.

O professor Luiz Rufino nos instiga a pensar a Umbanda decifrando os enigmas lançados em suas práticas culturais e vivências rituais; desde o dia quinze de novembro como um marco através de Zélio Fernandino de Moraes, como os espíritos que plasmam identidades em nosso convívio terrestre, trazendo as orientações e possibilidades de encantamento de mundo, mostrando a importância da vivacidade (potência de encantamento que está, inclusive nesses seres de outros planos) contra as mortandades que assolam a vida terrena. É na miudeza do cotidiano que entramos na disputa pela integridade do ser em sua diversidade e é no coletivo que existe o fortalecimento da luta em prol de um bem-viver<sup>41</sup>.

Nessa lógica, Rufino exalta o chamado dos Caboclos para o entendimento de que nós, seres humanos, não somos o centro do universo e que fazemos parte de um todo integrado e precisamos tomar cuidado com a arrogância de superioridade perante outras formas de vida e que a destruição que vimos fazendo, recai sobre nós mesmos.

Os Exus nos chamam à responsabilidade dessa humanidade que tanto reivindicamos; o que estamos fazendo com ela? É importante agir com responsabilidade social, percebendo que nossas escolhas influenciam outras pessoas e essas escolhas e pessoas estão entrelaçadas conosco nessa teia existencial.

As Pombagiras nos convocam para a libertação do corpo que é tão mortificado pela domesticação baseada nos pecados. A cura vem da liberdade.

A leveza e alegria da vida, geralmente, vão se esvaindo na fase adulta e os Erês vêm de Aruanda brincar com corpos sisudos, jogando guaraná para o alto, pulando sem parar,

---

<sup>41</sup> Cosmovisão indígena.

compartilhando pirulitos para adoçar bocas da assistência que insistem em acorrentarem-se nas amarguras do desencantamento. As Crianças, portanto, trabalham no exercício de sentir a vida de maneira leve, aprendendo a dar vasão ao corpo, trazendo, portanto, vivacidade. É a através da brincadeira que se vive mais seriamente a travessia do mundo.

“O vô Joaquim é linguarudo! Falou que sou mais velho que ele, né, tia!?” Foi com essa frase e muito sorridente que Doum, um Erê da Praia, deu início ao nosso diálogo no Terreiro em uma sessão de homenagem às Crianças. Referiu-se a uma fala de Pai Joaquim sobre as vivências espirituais, nos fazendo refletir que a nomenclatura dada aos espíritos não tem a ver, portanto, com idades cronológicas que mensuramos.

O Erê relatou que em sua última encarnação trabalhou com cura de doenças físicas e nesse contexto via muitas pessoas tristes. Solicitou aos seres do Astral outras possibilidades de trabalho e intercâmbio nos aprendizados e evoluções; escolheu, então, apresentar-se como Erê, trabalhando com alegria e leveza.

Afirmou que desenvolve seus trabalhos com crianças terrenas de até sete anos de idade e questionou se eu tinha reparado que os *gafanhoto*<sup>42</sup> que aproximavam-se dele estavam dentro dessa faixa etária. Explicou que muitos seres encarnados<sup>43</sup> trazem de outras vidas mágoas, culpas, tristezas e sentimentos mal resolvidos e sua função era ajudar a desfazer essas questões. Argumentou que as crianças de até sete anos têm mais memórias de vidas passadas, por isso, esse é o melhor tempo de resolver tais problemas. Doum relatou que vô Joaquim trabalha no desligamento do *povaraco*<sup>44</sup> que desencarnou e fica perdido pelo cemitério, a Calunga menor, onde termina a passagem terrena, mas onde começa a passagem para outras moradas.

Doum também afirma existir um trabalho em conjunto entre as entidades, cada uma em sua função e dentro de uma ordem para formar o todo. Para isso, o Erê tirou seu pirulito da boca e pediu que eu olhasse cada detalhe do doce; o pirulito como o todo e as espirais como sendo as funções das diferentes entidades. As Crianças (Erês), por exemplo, organizam o chakra coronário e depois as demais entidades fazem trabalhos nas outras partes. Doum diz, em nosso diálogo, que os Erês são para dar leveza e alegria aos consulentes e afirma que grande parte das pessoas que estavam presentes na Gira de Erê, no mês de setembro de dois mil e dezoito, não davam muita credibilidade aos conselhos dados pelas entidades; “a maioria

---

<sup>42</sup> Forma com que o Erê chama as crianças.

<sup>43</sup> Seres que têm o corpo material, de carne e osso, na Terra.

<sup>44</sup> Forma com que algumas entidades chamam “pessoas”, “povo”.

*que tá aqui não acredita em nós, tia! Se acreditasse, não voltariam aqui com esses tantos mesmos problemas*". As pessoas, segundo Doum, precisam repensar as ações das entidades e não irem ao Terreiro esperando milagres e imediatismos sem ter a consciência de que a força está dentro de cada um e depende de suas próprias reformulações internas.

Existe, portanto, uma negociação no ato de fazer ou não o que os espíritos dizem. Doum sempre dá passes sorrindo, pulando e batendo palmas; sua forma de trabalho cria uma atmosfera de inteira alegria. A própria medianeira desse Erê da Praia tenta explicar a sensação que têm ao incorporar a Criança, de forma sorridente, diz sobre essa alegria e leveza sentida com a aproximação energética da entidade.

Figura 13 - Pirulito de Doum da Praia



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Relembro uma roda que Doum fez com algumas crianças aparentando ter até sete anos, onde brincavam e conversavam. A entidade pedia que as crianças soprassem, através de um canudo, o guaraná que colocou em sua concha fazendo borbulhas, simulando as ondas do mar. Todas realizavam a ação em meio a risadas. Até que Doum começou a falar de seu cavalo e uma delas questionou onde estava o animal referido. O Erê logo respondeu que estava do lado de fora do Terreiro esperando por ele. Em seguida, pegou a concha e dois canudos para fazer borbulhas com outra criança que soprou até perder o fôlego. Doum, por

sua vez, perguntou: “*Tá sem ar? Suncê morreu? Eu já morreu!*” e continuou fazendo as borbulhas na concha, concluindo com “*Respila! Não morre não. Vamos fazer ondinha*”.

Cátia Carvalho conta sobre determina sessão onde muitos fogos assustaram um Erê que rapidamente pediu para *subir*<sup>45</sup>, enquanto o outro perguntava o motivo de tanto medo já que estavam mortos.

Cosme e Damião  
 Ó Damião, cadê Doum?  
 Doum tá passeando  
 No cavalo de Ogum  
 Dois, dois  
 Sereia do Mar  
 Dois, dois  
 Mamãe Iemanjá

(Ponto de Erê)

A Umbanda vai sendo construída com o passar dos tempos de uma forma plural, buscando a legitimidade de seus rituais e a desconstrução de uma série de preconceitos enraizados em nossa sociedade. Através dela, é possível, portanto, descortinar inúmeros elementos fundadores de um Brasil em que, ainda hoje, é carregado de racismo estrutural. Nesse contexto, os Pretos Velhos podem ser interpretados como aqueles que atravessaram a Calunga Maior (mar) e disputam suas narrativas, com sua fala mansa, seu jeito acolhedor e suas mandingas, a reivindicação de uma forma de praticar a vida contrária a todo terror colonial.

Nossa tarefa é atirar a flecha no tempo rogando amor e fúria. Amor que substancie nosso olhar encantando para o mundo e fúria que alimente nosso inconformismo contras as injustiças e a nossa rebeldia diante das desigualdades. Assim, para os trabalhadores da lei de pomba cabe refazer os cursos das histórias para afinarmos nossa presença enquanto crítica e não meramente como conformidade nos nossos terreiros. (RUFINO; SIMAS, 2019, p.71)

Todo esse enredo faz parte de culturas invisibilizadas, mas bastante presentes de forma, por vezes, imperceptível ou automática nas falas, gestos, ações, musicalidade, corporeidade das pessoas que nem sequer identificam-nas, por, também, fazer parte de um silenciamento praticado por um mundo eurocentrado, preconceituoso, violento, racista, etnocida...

---

<sup>45</sup> Desincorporar do médium e retornar ao plano espiritual.

Porém, o invisível reexiste na disputa, mais que resistir na lógica do ser atacado, reexiste no encantamento como política de reinvenção da vida nas frestas; na Capoeira, nos batuques, na vela acesa, na cachaça deixada na esquina, na fumaça do cachimbo do vovô<sup>46</sup>, nas ervas, nas rezas, nos Caboclos da Jurema, nas Giras de Umbanda, nos Barracões de Candomblé, no Samba, nos turbantes, nas tranças; mostrando que é possível viver na encruzilhada, percebendo esta, como local de encontro, da coexistência, onde um caminho não invalida outro.

---

<sup>46</sup> Referência a Preto Velho, entidade presente nas Umbandas.

## 2 NA BANDA E NA QUIMBANDA DE UM *NEGO VEIO* DA CALUNGA



*“Eu só quero me rezar  
Tá faltando o rezador  
Vou chamar o Preto Velho  
Que ainda não chegou”  
(Ponto de Preto Velho)*

O ano era dois mil e dezenove e foi aos vinte e cinco dias do mês de maio que me despedi de Pai Joaquim, agradecendo por sua atuação forte em minha pesquisa que seria defendida e reconstruída em um projeto de mestrado futuro. O Preto Velho, de forma materializada, ficaria ausente por uns tempos do TMO devido ao afastamento de seu aparelho por questões de saúde. Seria este, portanto, o último dia de trabalho incorporado de *Nego Veio* em meio a assistência do Terreiro. Sem saber quando voltaria a conversar com a entidade, tratei de agradecer imensamente e diante dos escritos e edições do vídeo etnográfico, materializava suas palavras e idealizava suas energias na pesquisa que desenvolvia para a pós-graduação. Pai Joaquim mostrava-se grato afirmando a possibilidade de ser um instrumento de propagação da espiritualidade, um Mensageiro de Oxalá, expondo para além dos muros do Terreiro o que é esse trabalho do plano espiritual a fim de desconstruir os cativeiros de ignorância que podem gerar tantas violências e dificuldades nos caminhos dos seres humanos.

Em janeiro de dois mil e vinte, o Terreiro encerra seus trabalhos em uma homenagem a Oxóssi para um recesso, programando a volta na festa de Ogum, em abril. Planos adiados. Um caos instaurado mundialmente, fez com que o Terreiro mantivesse suas portas fechadas para a segurança de todo corpo mediúnico e assistência.

O projeto de pesquisa foi interrompido, junto às aulas do mestrado; porém, não completamente. Leituras, lives, diálogos com queridas pessoas estudiosas em temáticas semelhantes deram-me energia para refletir e (re)pensar os caminhos. Medos, ansiedades, angústias, nos mais variados contextos econômicos, políticos, sociais, e a saudade da família, comuns nessa época, tomaram conta de mim e, por um tempo, tudo parecia estagnado. Foram dias com dores de cabeça e uma sensação de aperto no peito. Passada uma semana, abro os olhos ao amanhecer e volto a dormir; o *carrego* foi para longe durante um sonho com a

guerreira! Saravá, Cabocla Jurema! Minha gratidão. Acordei mais tarde do que de costume, com leveza para pensar, sonhar, acreditar e voltar aos planejamentos e atos político-poéticos em salas de aula virtuais, em debates produtivos, nas escritas variadas, em encantamentos de pesquisa e formulações de possibilidades na vitalidade da vida em sua plenitude.

Nesse sentido, é interessante refletir no sonho como uma das possibilidades de se encontrar caminhos para essa problemática pandêmica assolando toda estrutura, impactando e, por vezes, imobilizando ações já um tanto quanto pré estabelecidas; não é, portanto, uma fuga da realidade, mas um dos caminhos para a construção da mesma (OLIVEIRA, 2007) é o sonho como “*uma experiência transcendente na qual o casulo humano implode se abrindo para outras visões da vida não limitada*” (KRENAK, 2020, p.30) e, assim, inspirando novas estradas, percepções e movimentos, dei continuidade às reflexões, estudos, leituras e escritas “*devagar, devagarinho*”.

A pedido de uma integrante do Terreiro, sabendo de meus registros audiovisuais das Giras, elaboro uma pequena lembrança com fotografias e vídeos registrados em campo para que integrantes da Casa revissem os bons momentos passados e, possivelmente, firmassem-se na alegria daqueles encontros de trabalho e refazimento energético, preparando-se para novas possibilidades.

Dias depois, recebo uma mensagem de uma das dirigentes agradecendo o vídeo, dizendo como foi bom rever o Terreiro aberto a todos. Que sensação honrosa e feliz! Diante de algumas problemáticas no caminho, o que prevalece é a parte positiva, as flores... e “*tá caindo fulô*”!<sup>47</sup>

Sete meses após o início da pandemia, tendo as portas fechadas do Terreiro a partir de abril, movimentações em prol de uma volta moderada começam a latejar nas mentes. Número de mortes devido a COVID-19 em certo declínio, porém, ainda em números elevados. Pessoas em processos inversos de total descaso e naturalização de mortes, relaxando as medidas protetivas, protestando contra o uso de máscaras, usando máscara em locais apenas por obrigação de permanência; pessoas que já se infectaram abandonando todos os cuidados recomendados pelos Órgãos de Saúde; mas o Terreiro mantém suas portas fechadas.

Os trabalhos não foram suspensos por completo desde março, porém, em números bastante reduzidos, de forma mais individualizada e em casos extremos, além das firmezas e organizações do Terreiro de forma interna e, geralmente, pelos membros da Casa, moradores do próprio quintal e pelo Pai de Santo.

---

<sup>47</sup> Ponto cantado nas Umbandas: “*tá caindo fulô lá do céu cá na Terra, ô lelê tá caindo fulô*”.

Na primeira e última Gira de dois mil e vinte, o Caboclo Pena Branca me perguntou se eu tinha conseguido aprovação naquilo que eu queria e se eu iria, então, dar prosseguimento aos trabalhos com o Terreiro. Confirmando que havia sido aprovada para cursar o Mestrado, a entidade afirmou que se passariam tempos difíceis depois daquela sessão de janeiro, mas que eu voltaria ao Terreiro, com renovações na própria Casa, seguindo meu propósito de pesquisa.

Interpreto hoje esses tempos difíceis como o alastramento do novo coronavírus no Brasil. Senti certo alento pela possibilidade de não morrer frente a essa crise, já que eu voltaria ao Terreiro para continuar a pesquisa, me imaginando ainda encarnada. Mas, de qualquer forma, isso não era o bastante; e a preocupação com meus familiares, amigos e amigas, além das tantas pessoas que viraram números de vítimas fatais da COVID-19? Negros, pobres, indígenas, estes últimos que muitas vezes tornam-se invisíveis até nas próprias estatísticas, apagados e retirados de seus contextos de forma violenta e discriminatória.

Indígenas, Caboclos são figuras importantes nas ritualísticas do Terreiro Mensageiro de Oxalá, entidades recorrentes em todos os trabalhos da Casa. De acordo com o quilombola Antônio Bispo dos Santos<sup>48</sup>, nossa primeira grande confluência foi cosmológica, onde os africanos escravizados e os povos originários desta terra começam a se entender através de plantas, águas, ventos, astros; a linguagem cosmológica, portanto, se sobrepõe as linguagens diferenciadas que cada um falava em suas regiões de origem, na oralidade. Esse é um dos exemplos da importância da pluralidade de existências e o respeito a Natureza como um todo, no envolvimento existencial, seres que compartilham com outros seres na Mãe Terra.

Dizem as bocas por aí que foram os povos originários do Brasil responsáveis pela aproximação dos Bantu com o território brasileiro, no sentido de orientação sobre a mata, rios, pedreiras, e no entendimento das folhas que aqui existiam. Sem esta aproximação com os povos originários seria difícil sustentar a vida e o culto religioso aqui. (FERREIRA, 2021, p.61)

Junto a isso, a integração do humano com a Natureza, também, é a forma com que se renova o axé, a energia, a potência, na cosmogonia Banto. O ser humano pode sempre fortalecer sua energia vital conectando-se com outros seres e elementos da Natureza que,

---

<sup>48</sup> Pensador quilombola, também conhecido como Nêgo Bispo.

também, são providos de moyoo<sup>49</sup>, dessa forma, ao poluir rios, mares, desmatar florestas, exaurir solos, é cavar nossa própria desestruturação e perda de energia vital.

Essa idéia de uma parceria sagrada entre o homem e a terra é verdadeiramente ecológica por fazer do espaço como um todo objeto de preservação patrimonial. Neste aspecto, índio e negro entendiam-se de tal maneira que puderam tornar-se eventualmente bons parceiros na história americana. (SODRÉ, 2002, p.34-35)

## 2.1 O chão do terreiro como espaço forjador de conhecimentos

Ao som dos atabaques pulsando, as palmas vão diminuindo, a voz é silenciada, percepção cada vez maior de energia, sinal da cruz, olhos fechados, centro da Gira! Em poucos segundos, o corpo da médium é impulsionado para frente, curvando-se! Os braços ficam totalmente maleáveis, movimentando-se para os lados, cabeça quase no chão com o quadril levantado; ecoa-se no espaço “*hihi...hihihi...*”. Saravá, *Nego Veio!* Chegou Pai Joaquim!

Firma ponto, minha gente  
 Preto Velho vai chegar  
 Ele vem de Aruanda  
 Ele vem pra trabalhar  
 Saravá Pai Joaquim!  
 Saravá, saravá, saravá  
 Ele chegou no Terreiro  
 Ele vem nos ajudar

(Ponto de Preto Velho)

Pai Joaquim faz o sinal da cruz e arria. Bate com cada uma das mãos fechadas no chão e, de joelhos, estala os dedos em torno da cabeça de seu aparelho até levantar-se curvado e vagorosamente seguir ao Gongá. Salva os atabaques e caminha até a porta que dá para a assistência, onde ajoelha-se e, também, faz sua saudação. Cumprimenta outras entidades que chegam no soar dos tambores junto aos pontos cantados, percorrendo a Gira com seu estalar de dedos, chegando em seu assento onde encontram-se os instrumentos de trabalho. Com a pomba<sup>50</sup>, o Preto Velho risca uma cruz nos pés, nas mãos, na testa, dentro de seu chapéu de

---

<sup>49</sup> Força vital, explicitada pelos Bantu, dando possibilidade de vida, estando presente em vários seres e elementos como pedra, flores, plantas, rios, fumaças, águas, árvores, etc.

<sup>50</sup> Espécie de giz, pó branco utilizado em rituais de origem Banto

palha, no copo e três cruces no toco onde se senta, finalizando com movimentos da cana-de-açúcar, enrolada por palha, em cima desse mesmo toco, virando-a para o Gongá.

O espírito utiliza-se da energia da médium e assim faz uso, por consequência, do corpo desse ser encarnado<sup>51</sup> para desenvolver seus trabalhos no Terreiro. O corpo, portanto, é sacralizado a partir das cruces riscadas com pemba, firmando o elo entre entidade e médium. Dessa forma, Cátia Carvalho<sup>52</sup> está apta a receber a energia de Pai Joaquim que também fará uso de sua energia, porém, sem deixar resíduos dos trabalhos realizados naquela noite, o que poderia prejudicar seu próprio aparelho<sup>53</sup>.

O sacramento é firmando nos pés, onde a médium pisa; é firmado nas mãos, que utilizará para pegar os instrumentos de trabalho da entidade; na testa, considerado o terceiro olho da médium que, em trabalho, muitas vezes consegue enxergar coisas junto com o Preto Velho. Ao encerrar a Sessão, Cátia precisa retirar toda a pemba de seu corpo antes de deixar o Terreiro.

Preto Velho que tá na canjira  
Oxóssi da mata mandou lhe chamar  
Quero ver o Velho descer  
Sem o médium balancear

(Ponto para Preto Velho)

Alguns pontos interessantes podem ser refletidos em relação a “pemba”; Tássio Ferreira, por exemplo, nos fala sobre o Nkisi<sup>54</sup> Pemba “*aquele que escolheu virar um pó para nos curar. Em poucos segundos Pemba corre em nosso sangue, nos fortificando, preparando para novas jornadas desafiadoras como a própria expansão dos Bantu*” (FERREIRA, 2019, p.31).

Ele escolheu se transformar em um pó para guardar as cabeças das pessoas, em detrimento de um culto com incorporação em humanos. Pemba se alimenta de sementes sagradas, muitas importadas de África, além de folhas secas e outros mistérios, os quais se aglutinam para nos proporcionar proteção (FERREIRA, 2019, p.26)

---

<sup>51</sup> Seres que habitam o mundo com o invólucro carnal, possuindo, portanto, um corpo físico.

<sup>52</sup> Médium que incorpora Pai Joaquim da Calunga.

<sup>53</sup> Denominação dada ao médium que incorpora os espíritos, as entidades.

<sup>54</sup> Divindades cultuadas em Candomblés da Nação Congo e Angola.

Lá vem vovô descendo a serra com sua sacola  
 É com sua rosário, é com seu patuá  
 Ele vem de Angola  
 Eu quero ver, vovô  
 Eu quero ver  
 Eu quero ver  
 Se filho de pemba tem querer

(Ponto de Preto Velho)

Filho de pemba no ponto de Preto Velho mencionado acima, pode ser remetido a filho dos ancestrais. Na língua kikongo, Mpemba se refere a brancura e a cor branca é a representação dos mortos para os Bakongo, sendo Mpemba, portanto, o mundo dos espíritos, da ancestralidade.

Robert Slenes, estudando o movimento da Cabula, em um “culto de aflição” de forte influência centro-africana, no Espírito Santo no ano de 1900, através dos escritos de João Batista Corrêa Nery encontrou o uso da palavra Enba que, de acordo com as informações de Nery, seria “pó branco, pó santo”. Slenes, amparado em outros dicionários, destacou a semelhança da palavra e de seu significado em áreas da África Centro Ocidental. Em kikongo, a palavra aparece como Mpémba, significando “giz, argila, terra branca; lugar reservado para túmulos”. Em kimbundu a palavra aparece como Pemba, significando “argila branca usada nos xinguilamentos [cerimônias para chamar os espíritos]”. Em umbundu Slenes identificou a palavra como Omemba, correspondendo a “giz”. (POSSIDONIO, 2015, p. 132)

Figura 14 - Ponto riscado de Pai Joaquim da Calunga



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Riscado o ponto, abre-se ainda mais o portal entre os mundos e Pai Joaquim descreve toda sua representação como entidade em trabalho no Terreiro; Jorge Oliveira, dirigente do TMO, afirma que nenhum espírito tem o ponto igual ao outro e que, para quem sabe interpretar, é possível verificar, por exemplo, de onde a entidade vem, quais suas formas de trabalho, quais elementos pode vir a utilizar em seus atendimentos e qual sua sustentação vibratória. A imagem acima mostra, portanto, a firmeza momentânea objetivando a concentração de determinadas forças para o desenrolar de suas atividades, dando-lhe suporte para essas ações.

Pai Joaquim da Calunga expõe, em diálogo durante uma Gira, que apesar de ser da Direita<sup>55</sup>, trabalha com a força da Esquerda<sup>56</sup>, com Exu Caveira, em uma linha muito tênue de uma força para a outra, sendo assim, seu Rosário é usado de forma cruzada no corpo de Cátia Carvalho. Na Calunga Pequena é o local em que esse Preto Velho auxilia as almas recém-desencarnadas e explica esse trabalho com a palha, apontando, também, para a bengala de Pai João da Mina como se fosse a representação do que somos por fora, enquanto, por dentro, o espírito, é representado por essa fibra e nós da palha, sem, portanto, o revestimento material (representado pela cana-de-açúcar nas narrativas de *Nego Veio*). O trabalho de Pai Joaquim no Cemitério, é justamente fazendo essa separação das pessoas que fizeram a passagem para o outro plano, se desvinculando do envólucro carnal, auxiliando no entendimento, por consequência, da nova realidade, da importância do espírito e da continuidade dos caminhos a seguir.

Êxi se nós puder falar pa xunxê quem é êxi Nego Veio cá, êxi Pai Joaquim da Calunga, nós vai dizer pa xunxê que nós é uma energia, êxi, vinda desse Orixá, êxi, Omolu, êxi!? E nós trabaia em Calunga Menor, êxi no Cemitério; onde todo êxi termina com a passagem da téra, mas onde começa êxi passagem, êxi, de outras moradas, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Pai Joaquim afirma que trabalha com a quebra de demanda e explica a passagem para o outro plano, a morte, como um desenlace. *Nego Veio* pega a palha que seu aparelho levou para os trabalhos, com sete nós, e vai desfazendo, desenlaçando esses nós enquanto mostra a fluidez que isso ocasiona. Quanta beleza Pai Joaquim narra no destravamento de nós, “êxi

---

<sup>55</sup> Campo de atuação geralmente de Caboclos, Erês, Pretos Velhos, dentre outros; trabalhando na “banda”, no polo positivo.

<sup>56</sup> Campo de atuação geralmente de Exus e Pombagiras; trabalhando na “quimbanda”, nas demandas, no polo negativo.

*formoso, né, fia?”*. E segue desatando o bloqueio da fluidez, cantando: *“tá caindo fulô, tá caindo fulô, tá no céu, tá na Terra, ô lelê, tá caindo fulô! Hihi...!”*.

Figura 15 - Pai Joaquim da Calunga desfazendo os nós da palha



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Pai João da Mina<sup>57</sup> afirma que Exu é o primeiro degrau mais fluido depois de nós, encarnados; mas nem toda entidade passa por Exu primeiro, dependendo, portanto, da situação em específico, pois cada espírito tem um caminho próprio de acordo com suas necessidades. Nem todo Preto Velho precisa ter sido Exu, assim como nem todo espírito será, um dia, entidade de Umbanda.

Ele me disse que na alta madrugada  
 É o dono da encruzilhada  
 Batizado com dendê  
 Ele é Exu Caveira  
 No meu peito, laroîê  
 Ele é um Exu de um caminho diferente  
 A Calunga é um ambiente  
 Mas, não é sua prisão  
 Ele comanda cemitério, encruzilhada  
 E a sua gargalhada  
 Vibra no meu coração

(Ponto de Exu Caveira)

---

<sup>57</sup> É a entidade que determina as mudanças no ritual, definidas pelo Caboclo Ogum Matinata, chefe de cabeça de Jorge Oliveira, Pai de Santo do Terreiro.

Pai Joaquim afirma a existência ainda de cativeiros e exemplifica os cativeiros da alma, quando diz que as pessoas endurecem o coração e a mente, pessoas que vestem ou não as *aronangas*<sup>58</sup> rituais, mas que não estão abertas para o novo, para as possibilidades da vida, para a diversidade e os aprendizados; não adianta continuar com as cascas de coco<sup>59</sup> porque é isso que os Velhos, também, tentam quebrar no Terreiro.

Dentro dos variados cativeiros de que Pai Joaquim se remete, é possível refletir a respeito da própria linguagem que, muitas vezes, é inferiorizada na lógica colonial, sendo um dos instrumentos de poder mantenedor de subalternidades. O Velho Joaquim, portanto, é um reflexo de uma sociedade repleta de elementos afro-ameríndios, porém idealizada à maneira europeia, sendo assim, sua própria fala é objeto de recusas perante as “normas cultas” da língua portuguesa; lembrando que o nacionalismo de Getúlio Vargas buscou instituir o português como língua oficial.

A inferiorização de tipos linguagens traz à tona a indagação de onde está, de fato, a ignorância. Lélia Gonzalez afirma, por exemplo, que ao trocar o “l” pelo “r” as pessoas são ridicularizadas sem que se pense em uma outra perspectiva, a marca linguística de um idioma oriundo do continente africano onde o “l” não existe e que, por outro lado, não são recriminadas as contrações de palavras como “você”, virando “cê”; “estar” em “tá”, (ao contrário, é vista de forma criativa e divertida), dentre outros; além do apagamento de “r” nos infinitivos verbais, sem nunca imaginar que todas essas ações da língua podem fazer parte de uma forma de falar que Gonzalez (1984) denomina como “pretuguês”. A própria cidade espiritual chamada Aruanda, pode estar nessa mesma lógica das letras em que diríamos Luanda. Ou seja, Aruanda como uma corruptela de Luanda.

Meu senhor da senzala, meu senhorzinho  
 Ele vem cansado, meu pai Joaquim  
 Um grito de liberdade negro ecoou  
 Quando Oxalá chamou  
 Recebeu toda a paz pela humildade  
 Hoje ele nos traz a caridade  
 Luanda! Ó Luanda!  
 Como é bonito Pai Joaquim em nossa Banda!

(Ponto de Preto Velho)

---

<sup>58</sup> Pai Joaquim se refere a roupa do Terreiro.

<sup>59</sup> Menção a um ponto de Preto Velho: “Vovô não quer casca de coco no Terreiro pra não lembrar o tempo do cativeiro”.

O poder das palavras, como axé da fala, pode instigar a própria transgressão à norma imposta e a forma com que os Pretos Velhos enunciam seus discursos é um exemplo dessa disputa de uma guerra colonial que:

[...] não sintetiza nem sincretiza nada, mas retém a tensão em relação à norma, ao mesmo tempo que a performa e a deforma. Por isso os encantados, quando falam, falam com sotaque e ostensivamente com sotaque. É o código (do santo e da língua de santo) que afronta e subverte o código (da branquitude e do racismo). (HOSHINO, p. 27, 2021)

A própria palavra “macumba” pode ser ressignificada, transpondo a carga pejorativa que ainda leva devido ao racismo religioso. Essa ação pode gerar uma reivindicação do termo para uma disputa nesse campo de guerra colonial. Robert Slenes (2007) lança a perspectiva de “cumba”, emergindo do jongo, como “mestre do feitiço”, aquele que detinha poderes especiais, os jongueiros-cumba. Diante de uma série de significados advindos da cultura centro-africana, me detenho aqui ao poder do “cumba” no tempero da palavra, a palavra como mandinga, como possibilidade de transformação no desatar dos nós apalavrados de um “cumba”.

Simas e Rufino (2018) trabalham com a noção de “cumba”, vinda do kikongo, como alguém que constitui o mundo a partir do poder da palavra, sendo o prefixo “ma” a partícula que faz o plural; “macumba”, portanto, seria uma reunião de poetas encantadores de mundo. Os Pretos Velhos podem ser exemplificados nessa força de condução da palavra, onde conseguem orientar e cuidar das pessoas através de seus conselhos. O professor Luiz Rufino, em nossa entrevista para o vídeo etnográfico<sup>60</sup>, afirma que:

O Preto Velho ele constitui uma sabedoria ancestral, uma sabedoria que é comunitária, né!? Então esse Preto Velho ele tem desde alternativas, apontamentos do ponto de vista da política social, do coletivo, como práticas de cura, práticas de cuidado, né!? Não à toa, é conhecido popularmente nas Umbandas, nas Macumbas como doutor dos pobres, psicólogo dos pobres. É nesse sentido que a gente percebe a força da palavra, a força da sabedoria que monta a palavra na figura do ancião, mas esse ancião sendo aquele que detém a experiência comunitária, a experiência da comunidade, por isso pode auxiliar.

Transcrevo, aqui, tal e qual enuncia Pai Joaquim, uma forma de resistência e assim como diz Conceição Evaristo (2005) em relação à escrita como ação de insubordinação das camadas marginalizadas socialmente e que ousam armarem-se de lápis, caneta, papel; Preto Velho atua no Terreiro não como um idoso ignorante, subserviente, mas, sim, em sua potência

---

<sup>60</sup> Link para o vídeo etnográfico desta pesquisa: <https://www.youtube.com/watch?v=rM5AZDejgww>

de encantamentos existenciais em outros sentidos e formas, resistindo aos cativeiros impostos por uma cultura hegemônica. Dessa forma, é possível pensar sua própria linguagem como uma reivindicação de existencialidade, assim como traz à reflexão Frantz Fanon, afirmando que falar é fundamental para existir absolutamente para o outro. Portanto, a fala vagarosa, mansa e pausada de Pai Joaquim não é uma característica de submissão, mas uma prática de sabedoria, de negociações de discursos, talvez uma de suas mirongas<sup>61</sup> para a quebra das algemas da colonialidade iniciada pela palavra, criando toda uma atmosfera histórica dos anos de escravidão com os pontos cantados ao ritmo dos atabaques soando, enquanto essas entidades, através de todas as vivências, emanam as energias de amor, resistência e força para seus consulentes diante das vicissitudes cotidianas, inspirando, também, outras formas de perceberem a vida.

Quando nós falamos tagarelado  
 É escrevemos mal ortografado  
 Quando nós cantamos desafinando  
 E dançamos descompassados  
 Quando nós pintamos borrando  
 E desenhamos enviesados  
 Não é porque estamos errando  
 É porque não fomos colonizados

(Poesia de Nego Bispo)

Pai Joaquim afirma que a forma com que se apresenta para a assistência vai além do ato de mostrar suas características de um ser que foi escravizado e tirar-se uma lição a partir dessa imagem, mas essa performance é como reviver uma história, transmitindo aquela energia do momento em um consequente aprendizado das etapas trilhadas nos cativeiros das almas. O Preto Velho nos permite, dessa forma, reconstruir o passado através de outra perspectiva, daqueles que foram (e ainda são) marginalizados. Nesse sentido, por exemplo, reconstruir o passado é fundamental para construir um presente e um futuro mais plural e responsável com a diversidade e pluralidade de existências; reviver a atmosfera que Pai Joaquim se propõe, pode ser uma possibilidade de escrever ou contar de outra maneira a história do oprimido e assim ter a oportunidade de disputar o jogo da construção do presente e do futuro.

---

<sup>61</sup>Significando mistério, vem de “milonga” na língua quimbundo, sendo o plural de “mulonga”, a “mironga” pode manifestar-se nas ações dos Pretos e Pretas Velhas de variadas formas.

Pai Joaquim da Calunga aceitou meu convite para participar da pesquisa e agradeceu exaltando a possibilidade de levar a Umbanda, ainda tão discriminada, a conhecimento maior de seus reais fundamentos de Amor, respeito e fé, dentro e fora do Canzuá<sup>62</sup>.

Êxi, fia, êxi nós quer dizer que nós tá cá pa fazê êxi trabaiadô, êxi, na seara de Umbanda, êxi!? Êxi nós viu que êxi trabaiadô de xunxê êxi na luz, êxi na fé, êxi na humildaca, êxi!? [...]. Então nós tá cá pa servir e se exa é a maneira de nós servir, através dos trabaiadô de xunxê, nós tá cá pa fazer isso que é possível fazer e que nós pode fazer, êxi!? Êxi esperando sempre que a gente seja útil, que traga luz pa exis fio cá, que tá cá dentro do Terreiro e que tá fora. Nós não tem essa pretensão de ser mar maior do que ninguém, nós tem a pretensão de ser êxi um que leva a luz de Oxalá, êxi!? Êxi nós é agradecido, êxi, pela oportunidade de servir sempre, êxi!? E xunxê trazido pa nós exa uma oportunidade, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

No início do século XV, os portugueses começam as grandes navegações objetivando a conquista de ouro em África e a participação do comércio de tecidos e especiarias, tendo acesso às fontes diretas e a maximização dos lucros. Para tanto, iniciaram a aventura de uma nova rota marítima, contornando todo continente africano para chegar às Índias. Tendo o controle da rota, obteriam o poder do comércio marítimo, aumentando cada vez mais o poder territorial e econômico. Quando o êxito foi alcançado nas incursões marítimas chegando em África, os portugueses começam a estabelecer redes comerciais com várias sociedades do continente.

No ano de mil e quinhentos ocorre a invasão portuguesa às terras já habitadas por diversas populações nativas e em mil quinhentos e trinta Portugal começa a colonizar, de forma sistemática, o que foi nomeado, posteriormente, Brasil, devido a invasões à colônia e o prejuízo pela grande concorrência no comércio pelo Índico, por exemplo.

Com a escassez de pau-brasil, por já ter sido muito bem explorado e comercializado, e sem ainda a perspectiva de ouro e prata na colônia, Portugal precisava produzir gêneros de baixo custo em sua própria colônia que tivessem procura no mercado europeu. Sendo assim, a mão de obra precisaria ser barata para uma produção em larga escala; a solução foi, então, a mão de obra escrava.

Durante o período colonial, a investida em migrações forçadas foi maciça gerando não só mortes físicas, mas também simbólicas.

Existe, no Benin, na cidade de Porto Novo, um monumento chamado a porta do não retorno, por onde passavam seres humanos que seriam embarcados nos navios negreiros e passariam a ser considerados ancestrais. Nesse local, portanto, foram talhadas em madeiras

---

<sup>62</sup>Casa, Terreiro.

imagens de egunguns<sup>63</sup>. Além disso, era necessário que o escravizado esquecesse seu passado para que não morresse de banzo<sup>64</sup> na diáspora, devido ao seu exílio e desterritorialização resultando em um dos males mais profundos que era essa saudade doentia, conforme argumenta o antropólogo Muniz Sodré, tendo por consequência uma das formas de suicídio comuns, onde o escravizado, na falta de sua terra original, ingere terra até morrer; sendo a morte, também, um recurso contra o cativo.

A experiência da escravidão, de acordo com o historiador Luiz Antonio Simas, é uma experiência de morte e esquecimento para quem vinha e para quem ficava. Mas, “*quem atravessa a Calunga grande, certamente não desencantará na praia*”. (RUFINO; SIMAS, 2018, p.14).

Na lógica da dialética hegeliana do senhor e do escravizado apresentada por Sodré, existe a consciência de si dependente e consciência de si independente; o senhor sendo independente e vivendo para si e o escravizado sendo dependente, a sua essência de vida é em função do outro, no caso de quem o escraviza. Nesse sentido, em entrevista concedida por Pai Joaquim, o Preto Velho questiona se o branco não é escravo do negro em cativo; no sentido de uma necessidade quase que vital de existência do negro escravizado para que o branco esteja em seu “posto”; o que desdobra no “impasse existencial” que o antropólogo expõe no livro “Cidade e Terreiro”, dizendo que o senhor só tem poder porque depende da existência do escravizado.

Outro ponto interessante nessa dialética seria pensar nossa própria condição e relação com o mundo: “[...] veneno e remédio são irmãos e moram no axé da mesma folha; determinada coisa é minha cura ou minha condenação? Liberta ou escraviza? Quem é o verdadeiro escravo? O cativo ou seu dono?” (SIMAS, 2013).

A escravidão é uma desterritorialização, é tirar a raiz dos indivíduos que atravessaram o Atlântico, ocasionando uma morte simbólica (quando não física mesmo, nessa travessia ou mal chegada na nova terra), mas o fato é que existia a incessante tentativa de apagamentos de identidades e pertencimento dos indivíduos, o que em termos culturais africanos, significaria a perda de força vital (que além do trabalho em si, também a força vital era roubada do escravizado pelo senhor); ou seja, um enfraquecimento que se daria pela submissão ao outro ou, até mesmo, pela morte do “ser” (na percepção Banto, por exemplo). Mas, para grande parte da população africana, a morte é relacionada à espiritualidade e não como encerramento

---

<sup>63</sup>Espírito de ancestrais.

<sup>64</sup>Palavra de origem Congo que significa tristeza.

da vida, só há morte quando há esquecimento (RUFINO; SIMAS, 2018). As resistências vêm de encontro a esta perspectiva colonialista de prisões de corpos e mentes.

No início do século XV, o açúcar era a especiaria mais valiosa e em mil quinhentos e trinta e três é formado o primeiro engenho de cana-de-açúcar no Brasil, na então colônia São Vicente.

A produção desta especiaria era voltada ao mercado externo e como gerava altos lucros aos mercadores, eram destinadas extensas terras apropriadas ao plantio e grandes investimentos de capital. O engenho era formado pela casa grande, senzala, capela, moenda, casa de caldeira e a casa de purgar; formando o engenho, de fato, e podendo ter cerca de cinco mil moradores. Quando o açúcar estava pronto, era enviado à Portugal e, posteriormente, aos Países Baixos a fim de ser refinado e comercializado.

Com todo esse processo, visando cada vez mais lucros, era necessário dispor de mão de obra em grande escala e que não afetasse o ganho; sendo assim, negros escravizados eram os responsáveis por tamanha produção e Pai Joaquim da Calunga foi um exemplo de negro trabalhador dos canaviais em terras brasileiras.

Êxi nós era um nego, um crioulo, da pele preta e êxi nós trabaiô desde gafanhoto em canaviá. [...] Êxi nós num tinha como escolher se ia fazer ou não, nós tinha que fazer êxi trabaiadô cortando a cana, êxi, tirando a cana e êxi fazendo os trabaiadô com a cana, êxi!? Êxi nós ficava, êxi, de sol a sol, êxi, nesse canaviá, êxi, fazendo chuva também fazia os trabaidô; tinha Era que nós num sentia nem exa carne de nós, êxi!? Mas, nós pôde escolher uma coisa que xunxês pode escolher ainda nesse Era, nesse Era não tem mais exa escravidão, nesse Era não tem mais êxis canaviá, não dessa forma que Nego trabaiô, mas ainda tem; êxi tem muito povaraco em Téra sem escolha, êxi que desde gafanhoto faz coisado sem escolha, mas êxi pode escolher como êxi vai sentir cá [Pai Joaquim coloca a mão no coração] e como êxi vai sentir cá [Pai Joaquim aponta para a cabeça]. Êxi é a forma que Nego Veio progrediu em espírito, êxi!? Êxi nós viveu muitas Era no canaviá, êxi nós envelheceu em canaviá. Êxi com os aprendizado que êxi teve, êxi de não amargurar êxi espírito, êxi coração desse, êxi passou êxis aprendizado pra outros nego. Outros que não tinha exa pele negra, exa pele mais clara, êxis também era escravizado [...] tinham várias forma de escravidão, mermo aqueles que mandavam eram mais escravo que nós! Hihhi...! Porque êxis era escravo desses que eles queriam mandar; êxis era escravo do que eles queria ganhar através de nós e exa escravidão muitos desses não conseguiu largar, êxis continuam ainda. Êxi Nego Veio quando tá cá e êxi vê muito fio cá tomando a bença, êxi nós vê muitos se curvando pra pedir a bença de nós, mas êxi continua com o peito amargurado, êxi continua com os pensadô amargurado e êxi continua escravo desses mano desses. É por êxi que Nego Veio cá vem. [...]. Êxi, fía, êxi não é por acaso que nós tá cá, êxi!? Êxi nós num conheceu exa África, exa Mãe, êxi!? Êxi quando nós encarnô, êxi, como êxi nego, êxi nego escravo, nós fazido êxi encarnação todo cá. Êxi nós faz parte dessa egrégora, êxi, de Umbanda, êxi cá, por êxi motivo, êxi!? Êxi nós num tem êxi conhecedô, êxi, dexi África, mas nós tem êxi conhecedô dexes mistério dexes Orixá porque nós fazia culto à êxis Orixá cá, êxi!? Êxi quando nós diz que nós fazia êxi cantadô, êxi, nós fazia êxi beberico, êxi, de marafo, êxi nós fazia êxi pra êxi alegrar êxi alma de nós, êxi espírito de nós e manter a conexão, êxi, com as força dos Orixás, êxi!? Com a fé de nós, êxi!? [...] Êxi xunxês num precisa tá em êxi toco, êxi, apanhando ou tá preso, êxi, em canzuá, êxi!? Êxi xunxês faz escravidão com os próprios mano de xunxês.

Êxi xunxês ainda continua vivendo êxi escravidão, êxi!? E muitos de xunxês faz êxi aprendedô, êxi, dexi processo de xunxês e muito de xunxês continua fazendo êxi erro, êxi!? Quando nós vem cá em Téra fazer êxis trabaiaidô que nós faz em Terreiro, nós vem pra cá pra lembrar xunxês da essência, êxi, que é mais importante pro progresso de xunxês. Êxi num é memo, Nego Veio!? [Pai Joaquim da Calunga reportando-se à Pai João da Mina]. Êxi quantos dexes cá vem cá porque tá escravizado, êxi!? Escravizado, êxi, na ilusão dexi de que êxi material é mais formoso e êxi vem escravizado porque êxi vem pedir cá êxi sucesso, progresso material. Êxis tão escravizado no medo dexis, êxis tão escravizado em angústia, êxi é a maior escravidão, fia. Êxi quando êxi faz exa libertação e aprende que exa essência é mais formosa desse espírito, êxi não tem mais escravidão. Êxi xunxês ainda tão em cativoiro, êxi, nessa Era de xunxês, êxi ainda não acabou. (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Diversas resistências existiram nos tempos de escravidão, as reformulações de vida e os tipos de rituais praticados em solo brasileiro podem ser exemplos da luta de povos forçosamente trazidos de África para o trabalho escravo, fazendo parte das construções culturais do que hoje temos em nossa sociedade e, conseqüentemente, de religiões advindas de matrizes africanas, nesse caso específico, a Umbanda.

O canavial e Pai Joaquim da Calunga, o negro que fora escravizado e hoje volta à Terra como um trabalhador na Umbanda, nos auxiliam a refletir um caminho possível para essas histórias de cativoiros, resistências culturais, reconstruções e brasilidades tensionadas em nosso chão que vibra na ancestralidade afro-ameríndia tão silenciada em espaços educacionais onde existe a hegemonia do pensamento racionalista produzido pelo Ocidente. A corporificação/presentificação de Pai Joaquim no TMO traz o protagonismo do subalternizado que pratica o encantamento de mundo em oposição à morte como desencanto que pode acometer a qualquer instante os corpos, encarcerando-os no modelo único heteropatriarcal, branco, debaixo da chibata do pecado e nas obrigações da reprodutividade e da virilidade.

Figura 16 - Pai Joaquim da Calunga



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

A partir das vivências e aprendizados no Terreiro Mensageiro de Oxalá desde dois mil e quatorze, fui tentando entender nas escutas ativas, nas Giras e nos envolvimentos, também, em palavras, como era o cotidiano do Terreiro entrelaçado com os seres de Aruanda e como desde o Terreiro é possível pensar a Educação.

É importante observar o trabalho em conjunto, que é explicitado pelo Pai de Santo Jorge Oliveira, do médium com a entidade, precisando haver uma preparação para essa confluência. A medianeira de Pai Joaquim realiza alguns procedimentos no dia anterior da Sessão, como por exemplo, fazer resguardo, ingerir alimentos mais leves, procurar atividades mais tranquilas, a fim de entrar na sintonia da espiritualidade com quem estará nos trabalhos do dia. Na sessão de Preto Velho, a médium vai em busca da cana-de-açúcar com sete nós; corta no tamanho desejado pela entidade, enrolando-a com a palha da costa; da outra parte da cana, faz cortes menores que são utilizados por Pai Joaquim dentro de seu copo com água ou no pequeno alguidar, oferecido para seus consulentes, além de, também, mastigá-la enquanto dá consulta. Antes de sair de sua casa em direção ao Terreiro, Cátia Carvalho toma banho de erva e acende uma vela para o anjo de guarda.

Êxi nós trabaia com o número sete porque êxi é um número formoso dentro de toda a espiritualidade, êxi!?! Trabaia com as Sete Linhas. Êxi tudo em Umbanda, em espiritualidade é formado de sete força maiô; êxi as Sete Linha desse Umbanda, êxi, na cromoterapia xunxê tem as sete cores mais formosa principal. Esses níveis energético são sete principais níveis. Êxi é um tema simples de nós, espiritualidade, entendê, mas que ainda é complexo pra xunxês que tá acostumado a ver tudo ou é matéria ou num é matéria. Mas, existe entre o “é matéria” e o “não é matéria” várias reflexões a fazer, êxi!?! Mas, que são de níveis energéticos. Então nós trabaia com esses sete por causa desses coisado, êxi!?! (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

O Preto Velho explica o motivo pelo qual seu aparelho precisa encontrar uma cana de sete nós e cortar da maneira certa para os trabalhos do dia. Ele o intui sobre os cortes em que, dependendo da Sessão, por exemplo, pedaços em três nós deverão ser cortados e inseridos em seu pequeno alguidar e os outros quatro nós ficarão inteiros, sendo, então o pedaço da cana, envolvido por palha, utilizado nas mãos dessa entidade. Seu aparelho explicita sua relação de trabalho com a cana, apontando para a especificidade de Pai Joaquim gostar de firmezas de cana fincadas em solo, na terra e em plantas onde, com o tempo, vai secando, absorvendo as energias do ambiente e dispersando no solo; a cana, como um conjunto de fibras, fica seca parecendo um esqueleto, o que vai remeter a relação de Pai Joaquim com a Linha da Esquerda, com o falangeiro Exu Caveira e, também, com os fundamentos do Orixá Omulu com a questão da terra, de onde viemos e para onde vamos.

Figura 17 - Pai Joaquim da Calunga



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Cigarro de palha aceso e vela entre os dedos do pé, Pai Joaquim da Calunga está pronto para começar seus trabalhos de consultas no Terreiro.

Os consulentes se aproximam, por vezes formando uma fila um pouco espaçada para conversar com esse amável Velho de muitas experiências endossadas em agradáveis conversas. Por outro lado, quando a ocasião precisa de mais firmeza nas palavras, Pai Joaquim cria um ar de seriedade no rosto de seu aparelho e chama os consulentes para a realidade dos fatos, que é apaziguada no final da consulta por um abraço reconfortante daquele que só visa o bem de quem vai buscá-lo pelas vicissitudes da vida terrena.

Em uma Sessão de Homenagem à Oxum e Iansã, conversando do lado de fora sobre as entidades de Umbanda e observando as pessoas que cada vez mais chegavam no Terreiro, de repente escuto entoar um som que, depois de um longo tempo de observações específicas, soou-me familiar: “*hihi...*”. Vou em busca deste som e deparo-me com Pai Joaquim da Calunga em frente ao Cruzeiro das Almas com uma pessoa que observei desde a abertura dos trabalhos e que, em alguns momentos, reportava-se a mim comentando sobre as crianças que brincavam no quintal e sobre os Orixás; inclusive, referindo-se a um integrante da corrente mediúnica: “*Viu bebida em mim, é? Mas, não viu meu Orixá, não?*”. A então consulente estava visivelmente inquieta, tensa; Pai Joaquim a conduziu para o Cruzeiro e começando os trabalhos, cantou:

Oxalá, Oxalá  
Tem pena de nós tem dó  
As voltas do mundo é grande  
Seus poderes é maior

Figura 18 - Pai Joaquim da Calunga e Caboclo Três Estrelas



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

O Preto Velho acendeu uma vela e colocou no pé esquerdo, estalando seus dedos e emitindo seu brado: “*hihi...*”. Em dado momento, parou suas mãos abertas em direção a cabeça da consulente; tudo isso sob os olhos atentos do dirigente da Sessão, o Caboclo Ogum Três Estrelas do Oriente. Por fim, direcionou-se ao Sr. Três Estrelas dando-lhe a vela e informando que faria o *subidô*, desincorporando, portanto, em frente a Ronda, dando passagem<sup>65</sup> ao Caboclo Oxóssi Caçador que, acoplado sua energia no mesmo aparelho, voltou ao espaço da Gira.

Outro trabalho que presenciei de Pai Joaquim com seus cânticos foi em uma Sessão específica de Preto Velho no mês de outubro do ano de dois mil e dezenove. Enquanto a consulente acendia uma vela diante do Cruzeiro das Almas, a entidade fazia gestos com a cana em suas costas e no chão em volta de seu corpo, cantando o ponto:

Quando o galo canta  
 Em louvor a Maria  
 As Almas rezam  
 Tantas Ave-Maria  
 Ave-Maria cheia de graça  
 O Senhor é convosco  
 Bendita sois  
 Entre as mulheres  
 Bendito é o fruto do vosso ventre  
 Nasceu Jesus

<sup>65</sup> Dar passagem significa uma entidade desincorporar do médium e logo em seguida outra entidade ocupar seu lugar, continuando, portanto, o médium incorporado.

Figura 19 - Pai Joaquim da Calunga em trabalhos



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Dentro de um canavial  
Um negro se libertou  
E lá não tinha pra ele  
Nem senzala, nem feitor  
E lá não tinha pra ele  
Nem chibata, nem senhor

(Ponto de Preto Velho)

Encerrada as consultas, o *Nego Veio*, ajeitando seus instrumentos de trabalho em um cantinho do quintal do Terreiro, preocupando-se em não deixar bagunça, cantava este ponto citado acima até que a Cabocla Jurema vem avisá-lo que estava na hora de subir<sup>66</sup>, dizendo: “*bora, Veio, depois alguém arruma pa xunxê isso*”.

[...] ele procura trazer reflexões, ele coloca a pessoa da assistência, né, o seu consulente não para uma questão somente de fazer trabalhos, dar passes; ele trabalha ali com a questão do passe, da energização, né, com aquele consulente e muitas vezes o consulente tá falando coisas e ele tá ali já fazendo o trabalho dele só de tá escutando, creio, né. Mas ele procura, também, fazer reflexões junto com o consulente; levar a pessoa a refletir porque eu acho que isso é o que vai fazer com que aquela pessoa alcance o progresso dela [...]. O objetivo fundamental deles é fazer com que traga pra gente reflexões que vão levar a gente a um estágio de progresso; a ideia é como se fosse um grande hospital ali e normalmente a gente chega ali em situação emergencial, então não adianta, também, a entidade querer que o consulente tenha uma reflexão naquele momento de angústia, de ansiedade, de sofrimento, de carência, é uma carência muito grande. Primeiro momento de atendimento das entidades é pra suprir aquela carência, aquela necessidade do consulente, mas desde esse primeiro momento ele planta uma sementezinha, né (por

<sup>66</sup> Subida da entidade é o modo pelo qual muitos umbandistas referem-se à desincorporação do médium.

isso que vem novamente aquele ponto do *pau seco*<sup>67</sup>), ele coloca aquela sementinha ali pra pessoa continuar depois cuidando dessa semente pra florar, né, eu acho que é isso. [...] os consulentes que ele tem, conseguem desenvolver um trabalho numa continuidade, é um atendimento que ele começa num estágio e ele vai dando aquela continuidade, perfazendo aquela questão da paciência, da resignação, fazendo com que a pessoa vá trilhando aquele caminho que chega o momento que ela não precisa mais emergencialmente ali daquela entidade, acho que é isso, pra dar autonomia. (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho)

Pai Joaquim diz que ao invés do vinho oferecido por um médium que ajudava a servir a comida e a bebida para as entidades e assistência no dia de Homenagem aos Preto Velhos, preferia o *marafó*<sup>68</sup> de cana, mas que não é permitido pela doutrina do Terreiro, porém, mesmo assim realiza seus trabalhos, colocando, portanto, a cana dentro de um copo com água.

Nos entrelaçamentos de Pai Joaquim com Seu Caveira, lanço aqui uma grande subversão de Exu quando coloca o sapato para poder continuar andando descalço. Assim como essa sabedoria da malandragem, Pai Joaquim se adéqua aos parâmetros do Terreiro e no trânsito, com sua sabedoria ancestral, vai buscando nas brechas, a essência de seus trabalhos nas Giras, nas negociações diante dos conflitos da colonialidade; o próprio nome “Joaquim” é reinventado através de outra perspectiva, assim como o Rosário que usa no TMO, explicitando a cruz como a encruzilhada, onde há caminhos diversos.

Êxi quando nós vem cá êxi com esse nomado de Pai Joaquim cá, êxi nós não tá sendo êxi fortalecedor de quem fez batedô em nós cá, êxi!? Êxi até porque nós não escolhia nomado nosso, êxi!? Êxi nomado nosso era colocado em nós, êxi!? E êxi nomado de nós, êxi nós aprendeu a fazer força com êxi nomado de nós, êxi!? E êxi nós firma, nós trabaia com esse rosário, êxi cruz, êxi de nosso Senhor, não porque nós tá, êxi, fortalecendo essa ideia de que foi aonde desencarnou esse cá [Jesus Cristo], mas quando nós tá dizendo que êxi tem várias possibilidade. (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Não só nós médiuns, como também as entidades, vêm de diversas origens, né, diversas falanges e elas se agregam ali à nossa egrégora espiritual chamada Terreiro Mensageiro de Oxalá, que existe há mais de cinquenta anos, para o bem comum; mas elas trazem essa interface entre o fundamento delas, a origem delas e o que o Terreiro também tem como seu fundamento e origem [...] Então há uma interface, né, há uma adequação entre o que é a origem e o fundamento da entidade em conjunto com o Terreiro. (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho)

No canavial este Preto Velho gostava de tomar cachaça e fazer *cantadô*, mas interrogava-se em nosso diálogo, olhando, inclusive para entidade ao lado, dizendo: “*aqui*

---

<sup>67</sup> Ponto: *É bonito de se ver pau seco florar; é bonito venha ver; Preto Velho trabalhar*. Referência a dificuldade, porém, possibilidade de transmutação; de um pau seco, as flores, também, podem nascer.

<sup>68</sup> Aguardente feita de cana-de-açúcar.

*com que povaraco ia fazer cantadô!? Nesse Canjon<sup>69</sup> demora muitas Eras pra voltar, por isso, povaraco quer fazer proseadô*". Esta última afirmação foi referente à festa, pois os dirigentes da Casa orientaram que os Pretos e Pretas Velhas aproveitassem a comemoração e não demorassem muito em consultas, por não ser dia de muitos trabalhos. Porém, não foi o que aconteceu, muitos consulentes ficavam um tempo extenso em consultas e após sair de uma entidade, paravam em outra para mais um tempo de comunicação entre abraços e conversas com esses Velhos trabalhadores da Umbanda.

Na enxada, no tempo da escravidão, Pai Joaquim trabalhava na força de Ogum e em todas as suas encarnações teve essa força em si.

Ao mesmo tempo que eu vejo ele como um velhinho bonzinho, eu vejo ele, também, como aquele que pega na cabeça, assim, do boi e segue, sabe!? Aquele que quando a gente tá numa situação de aflição grande, de perigo, né, e ele - "oh! To aqui com você, pode seguir. To aqui com você!" - De força, né. E ele também é uma entidade que, assim, tem uma visão muito além do que a gente pode ver, né, muito além. E tive um processo de transformações pra mim agora nesse final de dois mil e dezoito pra dois mil e dezenove que já tem, pelo menos, uns cinco ou seis anos que ele tá me avisando, que ele tá falando, né - "Oh! Fica atenta com isso; faz isso" - [...] Eu vejo ele como um velho ancião, né, abrindo, assim, os caminhos com um cajado dele pra gente ir seguindo. Fazendo um pouco, eu acho que é uma entidade que busca compartilhar com você o que ele já passou, o que ele andou lá atrás, tava lá atrás quando você nem existia, aí de repente você tá passando por uma coisa agora que ele tenta trazer pra você um aprendizado, um conforto, uma palavra de incentivo para que você tenha forças e você tenha fê que aquilo ali você vai passar e superar (Trecho da entrevista-consulta concedida por Cátia Carvalho).

Êxi nós era, êxi, um pele preta, êxi!? Êxi nós era mermo um Nego Veio, êxi!? É claro que nós num nasceu veio. Hihi...hihi! Êxi nós era um pele preta desde gafanhoto e êxi viveu algumas Era. E naquela Era era considerado várias Era, êxi!? Êxi um aparelho, êxi, da idade<sup>70</sup> desse cá era bem Nego Veio na nossa Era, êxi!? Êxi nós num vivia muito porque êxi corpo de nós num aguentava, êxi!? Êxi era muito maltratado e os que mais se revoltavam viviam ainda menos, êxi!? Êxis se entregavam, êxi!? Viviam como morto-vivo. [...] Êxi nós escolheu vencer exa luta com elevação de nós, êxi!? E de quem nós conseguiu fazer êxi ensinadô, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga).

Ele sempre coloca essa relação com a força do Orixá Omolu, através da questão do trabalho com as palhas; [...] e aí tem umas coisas muito bonitas do fundamento dele, na minha concepção, que eu aprendo muito com o trabalho dele, essa questão da cana, qual a simbologia da cana dentro dessa Linha de trabalho? A cana, eu nunca tinha visto até ver os trabalhos dele com umas firmezas de cana, que a cana, quando nova, quando própria pra uso, né, pra você consumir, ela tem uma textura, ela tem uma materialização [...] ele gosta muito de trabalhar com firmezas dela fincada em solo, fincada em plantas, né, em que ela vai secando com o tempo, né, consome as energias do ambiente e aí ela vai dispersando naquele meio, no solo, Se você for estudar os fundamentos do Orixá Omolu, tem muito a ver com essa questão da terra,

<sup>69</sup> Casa.

<sup>70</sup> O aparelho de Pai Joaquim, Cátia Carvalho, tem quarenta e três anos de idade.

que é da onde a gente sai, a gente volta e a cana acaba ficando totalmente seca. A cana é um conjunto de fibras e ela acaba ficando seca, então ela fica como um esqueleto e aí remete a questão da relação dele com essa Linha da Esquerda, com o Caveira, com a falange de Caveira; que é a essência da gente, né, que trata da essência da gente, que quando a gente tá num cemitério, que a gente é enterrado, o que fica por último, né? [...] em termos de matéria, né, o que fica por último são os ossos, é o último momento de desintegrar da gente. O primeiro momento de desintegrar é a pele, é a carne que entra em putrefação e isso é devolvido pra terra e muitas vezes florescem plantas belíssimas, né, se a gente for visitar um cemitério, lá encontram-se várias árvores frondosas, né, que dão frutos, inclusive, e isso aí acaba dando pra terra e voltando pra própria natureza e o que fica por último é a questão dos ossos. E ele fala muito do fundamento dele que é isso, né, que ele é auxiliar no desenlace desses espíritos, que estão recém-desencarnados, com a matéria (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho).

Ê Caveira  
 Firma seu ponto  
 Na folha da bananeira  
 Exu Caveira  
 [...]  
 E peço a ele que me proteja  
 Onde quer que eu esteja  
 Nessa longa caminhada  
 E eu confio em sua ajuda verdadeira  
 Ele é Exu Caveira  
 Senhor das Encruzilhadas

(Ponto de Exu Caveira)

Enquanto saudava as firmezas dentro da Ronda, Pai Joaquim entoava o cântico citado acima para Exu Caveira; é ele quem comanda o cemitério.

Êxi, fia, êxi como nós falou êxi, nós trabaia êxi em linhagem êxi de Quimbanda, êxi, de Caveira, êxi!? E êxi em Banda de Orixá Obaluaê, êxi!? Êxi nós sempre trabaia com a presença da paia ou da cana. Êxi paia cá que nós colocamo cá, êxi tem êxi mermo nó da cana, êxi!? [...] Nós faz os trabaiaidô em Calunga, êxi, fazendo justamente exa separação pa povaraco que desencarna que tinha êxi cá [Pai Joaquim apontando a cana-de-açúcar, afirmando que representa o que nós somos na matéria] e agora tem êxi cá [Pai Joaquim apontando a palha, referindo-se ao que nós somos em espírito]. Tem muito povaraco que faz desercarnadô e num sabe êxi valor que êxi tem cá, êxi acha que êxi aqui acabou, êxi acabou tudo. Mas, é êxi cá [Pai Joaquim referindo-se ao espírito] que firma êxi povaraco, êxi!? Êxi cá nós faz o trabaiaidô com cana pra êxi fazer exa firmeza, assim como a paia. Êxi tudo que exa terra leva e êxi tudo que êxi faz êxi transformadô, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga).

De acordo com o aparelho de Pai Joaquim, a médium Cátia Carvalho, Obaluaê (ou Omolu) é um força da natureza relacionada a questão da vida e da morte; da terra que é de onde viemos e para onde vamos. Pai Joaquim, portanto, está na força desse Orixá, tendo já uma passagem de trabalho dentro dessa vibração de Obaluaê como um falangeiro Exu Caveira

e hoje trabalha como um falangeiro da Linha das Almas, sendo um Preto Velho, nos ciclos das existências diversas, onde as fases vão dando o tom do ser do agora.

Êxi xunxê pensa em vida pra xunxê e morte, êxi?! Êxi xunxês não pensam em ciclos, xunxês pensa em início, meio êxi fim, êxi?! Êxi só que não existe êxi início, meio êxi fim. Existe esses momento, êxis posição e êxis proseadô de xunxês com o caminhadô de xunxês. Êxi Nego Veio cá, como xunxês, também tá em ciclos, êxi!? Êxi Nego Veio cá êxi nêxi Era, êxi, tá no ciclo de trabaiaador das Arma [Almas], êxi!? Mas, nós já fez êxis trabaiaadô êxi na Banda e êxi na Quimbanda, êxi na força de Obaluaê, êxi, com Exu êxi Caveira, êxi!? Êxi nós fez esse ciclo, êxi?! Continua êxi progresso, êxi no mermo agrupadô, êxi!? Êxi nós continua no mesmo agrupadô êxi de Obaluaê, êxi!? [...] Êxi nós permanece nesse ciclo desse agrupadô, êxi, só que êxi na força das Arma [Almas] desse Obaluaê. Nós num transformô, nós num é duas entidade, nós num é uma entidade uma hora, êxi, outra entidade outra hora. Êxi nós é uma força, êxi que vibra naqueles níveis; nós tava num nível e nós foi pa outro nível, êxi?! Êxi num quer dizer que é mar meió ou menos meió, êxi é o que nós precisa pra esse progresso de nós, êxi, e desse nosso trabaiaadô êxi pa nós ser mar melhô pa xunxês, mar melhô pa nós e dentro do agrupadô de nós, êxi!? Êxi cada coisado, êxi, tem o seu lûgar, êxi, cada coisado tem êxi processo de xunxês, êxi caminhadô, êxi!? E xunxê vê nós continua usando êxi todo esse fundadô, êxi fundamento êxi porque quando xunxês muda êxi de nível, xunxês muda êxi ciclo, xunxês não tá saindo dessa força de xunxês; êxi quando êxi Caveira êxi era um nível de trabaiaadô êxi da Quimbanda, êxi de Exu, êxi era êxi o fundadô êxi da essência, êxi!? Porque êxi Caveira, êxi é a última camada êxi que xunxê encontra quando xunxês pensa no universo de xunxês de corpo de xunxês, êxi!? Êxi é a mesma coisado quando xunxê vai desbastando êxi cá, êxi!? [Pai Joaquim mostrando a cana]. Êxi no início êxi tá duro, êxi!? Êxi difícil, êxi!? Depois xunxê vai começando a ver um melado saindo desse cá, êxi!? Êxi mar mole, êxi com esse odor, êxi, mais macio, mais flexível, êxi!? Êxi é a essência desse, êxi!? Êxi se xunxê deixar fazer secadô, êxi fica igual esse cá, êxi!? [Pai Joaquim se referindo a palha da costa]. Êxi quando nós trabaiaava nesse ciclo de Exu, êxi, da êxi Caveira, êxi, nós trabaiaava com a essência desse povaraco, êxi!? E hoje nós continua cá, êxi, nesse mermo trabaiaadô, êxi nós continua com o mermo perguntadô: êxi qual é o cativoiro de xunxê? Êxi o que que tá dentro de xunxê? O que que num tem fim pa xunxê? O que que num tem começo pa xunxê? Hihi... Nós nunca vai deixar de perguntar êxi; êxi nós perguntava num ciclo, num nível, agora nós continua perguntando, êxi, em outro nível, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Dia seis de março de dois mil e vinte e dois, chega o tão esperado dia de reencontro material com Pai Joaquim da Calunga! Na data combinada com o Pai de Santo e a médium que recebe a entidade em questão, retorno ao Terreiro após esse tempo extenso de distanciamento físico por conta da pandemia, a fim de fechar um ciclo com as palavras de *Nego Veio*.

Que Preto é esse, ô Calunga?  
Que chegou agora, Calunga  
É Pai Joaquim, ô Calunga!  
Que veio de Angola, Calunga!

(Ponto de Preto Velho)

Entoando esse ponto acima, Pai Joaquim chega no TMO salvando o Gongá, Caboclo Taú, os atabaques, o Terreiro e o Pai de Santo, pedindo, inclusive, que ele firmasse uma vela para Ogum no Gongá. Risca seu ponto, uma caveira, canas dentro de um alguidar, um copo de vidro com água<sup>71</sup> e um copo de barro com água e pedaços de cana dentro, além da vela acesa<sup>72</sup>, a pemba e o cigarro de palha. Feito isso, o Velho Joaquim salpica manjeriçã e alecrim no ponto e esfarela a pemba no copo com água. Envolvendo tudo com seu Rosário, afirma que existe um agrupamento de forças naquela simbologia traçada no chão. E foi assim que o Preto Velho preparou e praticou sua aula naquela entrevista-consulta marcada.

Figura 20 - Ponto riscado de Pai Joaquim da Calunga envolvido no Rosário



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Com a cana apontando trechos do Rosário, Pai Joaquim vai explicando os significados dos agrupamentos de contas e das contas individuais. O Rosário inteiro representa o ciclo das vivências, onde temos fases em comunidade (as contas agrupadas) e fases individuais (as contas espaçadas); momentos em que estamos agrupados e isolados, porém, mesmo isolados, temos a proteção dos agrupamentos à direita e à esquerda. Sendo assim, Pai Joaquim enfatiza a importância da consciência coletiva para que o grupo tenha fluidez e isso, consequentemente, espelhará no individual. O Preto Velho exemplifica essa argumentação, justificando o uso de máscara por seu aparelho naquele momento de nossa entrevista-consulta, dizendo que é necessário pensar na comunidade, em uma responsabilidade social, onde o todo

<sup>71</sup>Canalizando as energias.

<sup>72</sup>A vela é utilizada como elemento que liga o plano material ao plano espiritual.

precisa estar bem e em segurança para que, individualmente, possamos seguir com fluidez; seu aparelho, portanto, está na lógica do Rosário, olhando para os agrupamentos e entendendo o que é bom para ele, para nós e para a comunidade (agrupamento). É interessante refletir sobre a cosmovisão dos povos Bantu no sentido de perceberem a vida de modo circular, conectando todas as partes. (FERREIRA, 2019, p.114).

Enquanto em uma perspectiva judaico-cristã a conta isolada é o mistério, o Preto Velho instiga a reflexão de que essa conta somos nós em determinados momentos descobrindo nossas forças, nossas fraquezas, nossas esperanças, quem somos nós, o que descobrimos em nós mesmos. E nesses caminhos, sempre vamos lembrar dos agrupamentos, podendo voltar a algum deles ou seguir por outras veredas.

Êxi não tem nada com igreja cá, êxi!? Êxi é fundamento, êxi!? Êxi é fundamento de nós, êxi!? Êxi é fundamento das Arma [Almas], êxi!? Êxi é fundamento de Obaluaê, êxi!? Êxi que é o ciclo, êxi!? Êxi que nós num tem início, êxi não tem fim, êxi!? Êxi vale pa todo, fia. Êxi Nego Veio quer que xunxê num esqueça nunca êxi, êxi!? Êxi nós tem fase. Êxi nós tem fase que nós tá cá, nós tá cá, nós tá cá, nós tá lá; mas nós segue esses ciclos, esse fluxo de energia, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

É interessante refletir sobre o catolicismo africano discutido por Mariana Mello e Souza (2000), onde as práticas católicas que eram inseridas pelos portugueses, no Congo e Angola, por exemplo, eram cruzadas às religiões desses povos sem uma mudança profunda nas perspectivas e ganhando significados diferentes do que era tido numa vertente católica. Inclusive, é importante ressaltar que a cruz não foi inserida com o advento do cristianismo em África, já sendo, portanto, importante signo para o entendimento e comunicação dos mundos visível (dos vivos) e invisível (dos mortos). Na perspectiva bacongo, a cruz simboliza a vida como sendo um ciclo contínuo.

Segundo Fu-Kiau, o rito básico, e mais simples, a ser feito por todos aqueles que se querem tornar mensageiros do mundo dos mortos e condutores de seu povo ou clã, é fazer um discurso sobre uma cruz, desenhada no chão. Com isso são frisados os poderes religiosos que todo chefe deve ter, uma vez que poder temporal e religioso estão intimamente entrelaçados. Ao se colocar sobre a cruz, que representa o ciclo da vida humana e a divisão entre os dois mundos, o chefe afirma a sua capacidade de fazer a conexão entre esses dois mundos, e assim, conduzir de maneira adequada a vida da comunidade. (SOUZA, 2000, pp.8-9)

E nesses agrupamentos, mostrados no Rosário, Pai Joaquim afirma que na Banda trabalha-se com espíritos (*manos*) do mesmo agrupamento e na Quimbanda trabalha-se com os *manos*, também, porém, em caminho inverso. Afirma que quando precisamos fazer algo

mais completo, é necessário mexer em vários fluxos e mostra isso, rodando a cana no sentido horário e anti-horário em cima do ponto riscado.

Nessas narrativas, o professor ancestral, Pai Joaquim da Calunga, me inspira o fazer docente nessa perspectiva da mistura dos fluxos e energias. Muitas vezes, em planejamentos de aulas, é necessário envolver Banda e Quimbanda, promovendo uma melhor ligação para o entendimento de estudantes, objetivando que determinada temática faça sentido em suas vidas e resulte em potências para uma existência plena, nessas disputas nos ciclos tramados.

Então êxi que é Banda e Quimbanda; êxi são caminhos opostos, mas complementares, êxi?! E êxi Nego Veio saiu de um mesmo agrupamento na forma de um Exu, êxi, falando êxi pela vibração de Pai Obaluaê, êxi Quimbanda; Nego Veio muda de ciclo [...], de energia quando vem pras Almas, trabalhando, também, com a força do Orixá Obaluaê na Banda, êxi?! Hihi... (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

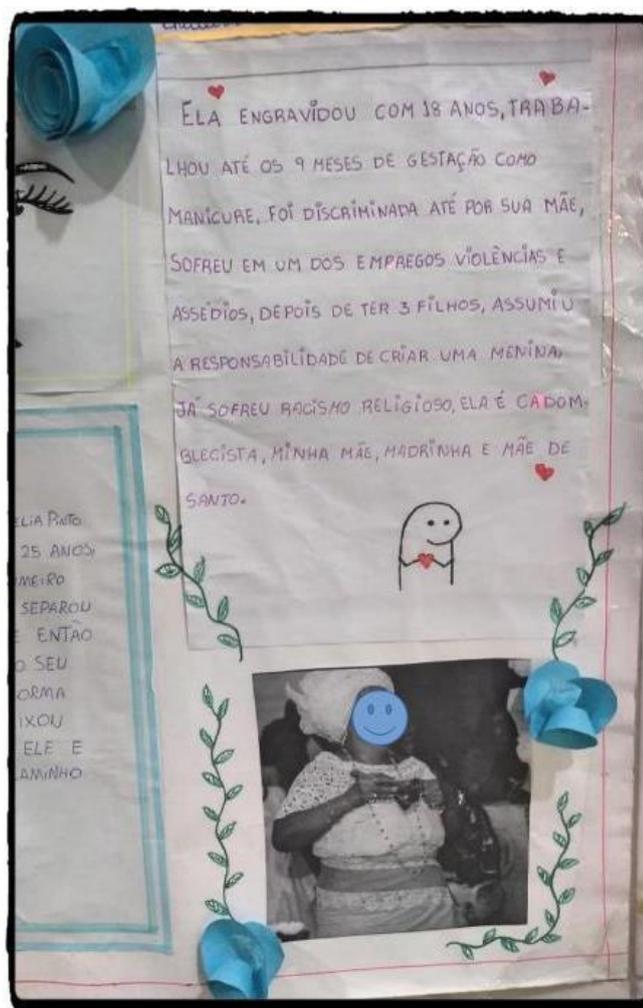
Mês de março, dois mil e vinte e dois! Levo para estudantes uma discussão sobre o dia Internacional da Mulher, envolvendo perspectivas de lutas e conquistas pela equidade de gênero, enfatizando a diversidade existente no próprio feminino. Diante desse planejamento, mexo com um fluxo de energias. As lutas continuam e proponho que cada estudante escolha uma mulher que inspire orgulho, força, amor, luta, reexistências, etc; as narrativas trazidas, em geral, são histórias das mães, tias, avós, irmãs como “potências femininas”, as demandas estão lançadas: jovens grávidas expulsas de casa; violências físicas e psicológicas de homens sobre mulheres em relacionamentos amorosos; mulheres impedidas de trabalhar fora de casa; precariedade de moradias onde mães perdem seus pertences em incêndios, alugam quartos pequenos para viver com seus filhos; onde mulheres são excluídas no círculo familiar por não se enquadrar nos padrões impostos do “feminino”; toda uma luta por sobrevivência dessas mulheres em uma sociedade patriarcal, machista, misógena... Nessa etapa da proposta de atividade, outro fluxo de energia é movimentado. Pensamentos machistas levam rasteiras nas argumentações coletivas dos agrupamentos nas salas de aula, aquilo que “sempre foi”, vai sendo desestabilizado para uma possível transformação.

Exu ele trabalha com as forças negativas, né? Mas, não trabalha para o mal, né. Acho que isso que as pessoas têm que entender, né, que a força dele é uma força negativa, ele trabalha em cima dessas forças negativas, tirando essas forças negativas. Tudo que for pra fazer um trabalho assim pesado, o envolvimento do Exu é muito grande. (Trecho da entrevista concedida por Jorge Oliveira)

Aparentemente uma bagunça, mas um caos organizador é instaurado (Laroyê!), estudantes se emocionam ao contar suas histórias e ao ouvir as outras histórias contadas; após

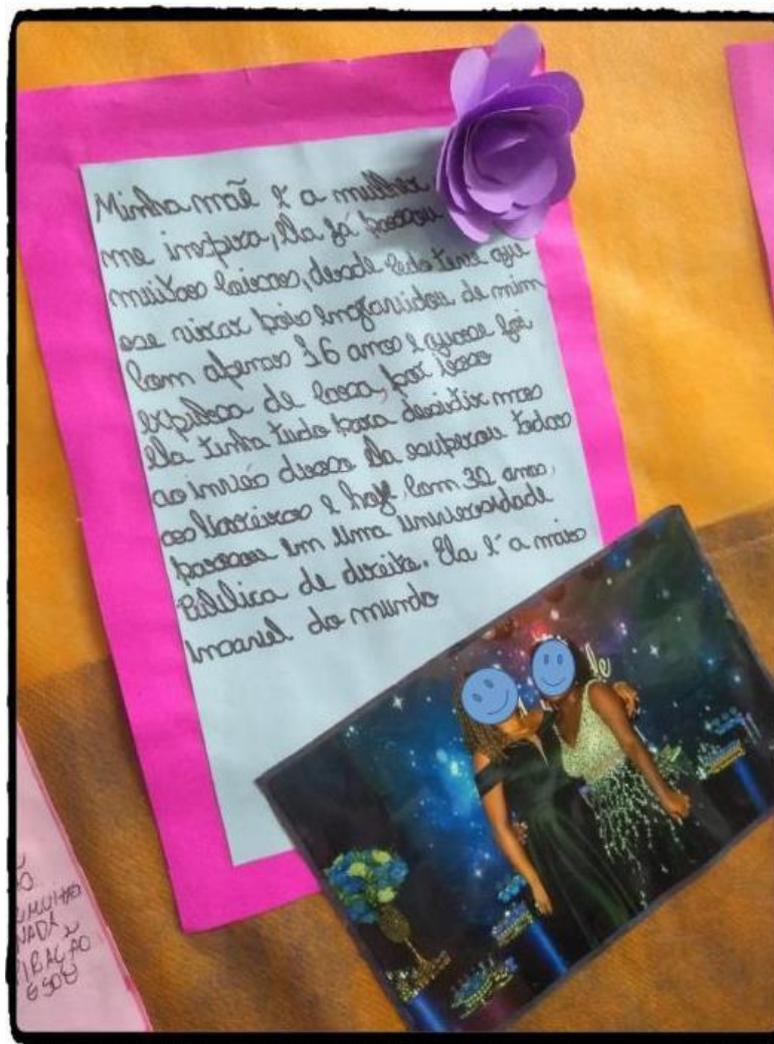
isso, montamos um mural com todas essas narrativas das “potências femininas”, as inspirações das transmutações ensinadas por Pai Joaquim! O entendimento de quem nós somos, de qual é a nossa força e como podemos caminhar de forma melhor para nós mesmos e para o nosso agrupamento (sociedade). Saravá, meu *Professor!*

Figura 21 - Trabalho sobre Potências Femininas



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 22 - Trabalho sobre Potências Femininas / Ensino Médio



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Esses agrupamentos referidos por Pai Joaquim podem ser exemplos de quilombamentos, no sentido de uma subversão ao que está imposto, o próprio Terreiro e a escola quando voltada a Educação plural e democrática podem ser quilombos<sup>73</sup> nesse sentido de espaços de (re)existências diversas na guerra colonial.

O kilombo é a reinvenção de África. A possibilidade de reintegrar sua identidade, ainda que esta esteja aos cacos, perdida entre o solo de origem, as águas da Kalunga e as terras dos povos originários (índios). Muito mais que aglutinar pessoas negras em busca de liberdade, o kilombo é o exercício da cosmovisão africana, de poder pensar em outra lógica, de agir por estratégias pessoais em um sistema político já conhecido. (FERREIRA, 2018, p.63-64)

<sup>73</sup> Kilombos em kikongo significa “agrupamentos”. (FERREIRA, 2019, p.58).

Pai Joaquim conta, em entrevista, que trabalha com Nossa Senhora do Rosário, a Mãe de todas as Mães, usando o Rosário para fazer as mandingas. E a mandinga feita em sala de aula desfiou o Rosário de Pai Joaquim naqueles jovens estudantes.

Senhora do Rosário  
Foi quem me trouxe aqui  
Água do mar é santa  
Eu vi, eu vi, eu vi

(Ponto cantado por Pai Joaquim da Calunga ao iniciar a explicação do uso do Rosário)

Em uma Sessão específica de Preto Velho, Pai Joaquim pediu que chamassem as entidades dirigentes, Xangô Três Cachoeiras e Ogum Três Estrelas, expondo sua vontade e concordância em ser o sujeito de minha nova pesquisa e a permissão além disso, para *baixar* no Mensageiros de Oxalá em outros momentos a fim de dialogarmos mais sobre os fundamentos, a espiritualidade e sua função como uma entidade da seara de Umbanda, denominada Preto Velho. A permissão foi dada. A, então, Mãe de Santo, que não estava perto nesse exato momento, permitiu enfatizando que Pai Joaquim poderia voltar quando eu precisasse para o trabalho; este foi um relato de uma médium do Terreiro que estava com Dona Ica, a anterior *babá*<sup>74</sup> do Centro.

Em uma sessão de Homenagem aos Pretos Velhos, realizada no dia doze de maio de dois mil e dezoito, sempre perto da comemoração do dia da assinatura da lei Área, treze de maio, Pai Joaquim chega em seu aparelho, sempre de forma branda, sem muitos movimentos no ato de acoplar sua energia. Sai do espaço da Gira e, no quintal do Terreiro, procura seu toco para dar início aos trabalhos daquela noite. No meio do caminho começa a entoar seu mantra, curvado, estalando os dedos, com sua cana envolvida por palha, fazendo toques no chão:

Cativeiro, cativeiro...  
Cativeiro, cativeiro  
Cativeiro, cativerá  
Cativeiro, cativerá  
Aiuê, meu cativeiro  
Cativeiro, cativerá

(Ponto de Preto Velho)

---

<sup>74</sup>Palavra que designa chefe nos Centros de Umbanda.

Sentando em seu toco, o Velho Joaquim pede para uma pessoa da assistência, que estava por perto, ajudá-lo enchendo dois copos de água, além de acender seu cigarro de palha. “Êxi, fia! Xunxê não quer fazer uma caridade pa Nego Veio não, fia? Êxi xunxê pode riscá exi pau pa nós? Nós vai dar um abraço em xunxê que nós tá feliz em ver xunxê cá, êxi!?”.

Na sessão de Homenagem a Preto Velho desse mesmo ano, realizada no dia onze de maio, Pai Joaquim foi em direção ao seu toco, cantando:

São Pedro é o chaveiro do céu  
Ô deixa as Santas Almas passar  
É hora... É hora...  
É hora das Santas Almas trabalhar

(Ponto de Preto Velho)

Ao passar por uma consulente, que estava na fila para consulta com outra entidade, o Preto Velho pegou em sua mão entoando “hihi...” e batendo com a cana no chão por alguns instantes. Na sequência, seguiu para seu toco, pedindo ajuda a uma médium que o acompanhava, para obter seus instrumentos de trabalho.

Figura 23 - Pai Joaquim da Calunga acendendo seu cigarro de palha



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Figura 24 - Arrumação dos assento Arrumação dos assentos de Pretos e Pretas Velhas



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Todo esse campo de possibilidades se dá através do medianeiro que, diante de nossos olhos, exterioriza a performance do espírito. Cátia Carvalho, canal de comunicação de Pai Joaquim da Calunga no TMO, em entrevista, fala da sensação ao incorporar esse espírito:

Você começa a ter um pouquinho de sentimentos que não são seus, né, são da entidade que você está incorporando. Então eu sinto uma sensação de muita alegria como se fosse assim, eu entrei pra incorporar, quando ele arria ali eu já estou assim - 'poxa, eu estou alegre de estar aqui, eu cheguei e estou feliz de estar aqui; obrigada por eu estar aqui, eu vim pra ajudar' - e é uma coisa muita da energia assim de, sabe quando você é criança e chegou seu pai ou seu avô? Aquela pessoa assim que te dá segurança, né? E que você pensa assim - 'pô, estou em boas mãos?!'. É isso. É um pouco da energia dele, né, do que é ele, que seria ele, o Pai Joaquim - 'eu cheguei, obrigado por eu estar aqui e eu estou alegre por estar aqui' - e tem aquela energia minha no processo da incorporação - 'poxa, que bom que você está aqui, seja bem-vindo aqui'. E quem é a Cátia? Porque ali eu estou como o espírito desencarnado e agora Cátia e quem é a Cátia? A Cátia é aquela pessoa que também veio doar a energia dela - 'seja bem-vindo, obrigada por estar aqui e eu também estou aqui com a mesma vontade, com a mesma felicidade do senhor'. E é isso que a gente traz junto para a assistência, para o Terreiro, pra mim mesma, né, pra gente mesmo. Eu acho que é isso.

Para haver a incorporação, Cátia Carvalho afirma que a maioria das entidades faz um movimento de rotação para que se movimente e manipule melhor os chacras do médium; como se houvesse um fio condutor, uma linha que segura o médium ao fechar os olhos, podendo sentir melhor aquela energia para o acoplamento desencarnado-encarnado. No início

de desenvolvimento mediúnico, a rotação é maior e evidente até que haja a familiarização da energia, diminuindo o movimento.

Ao afirmar que também está presente com Pai Joaquim, a médium aborda um assunto bastante pertinente sobre o ato da incorporação: consciência, semiconsciência e inconsciência ao firmar-se o elo com a entidade. Como saber que está incorporada?

Eu percebo que eu estou incorporada, de fato, pela questão da energia, né. A energia ela é muito forte, você sente essa presença de uma maneira muito forte. Não só no ato de incorporação, mas fora desse ato de incorporação, também; muitas vezes eu sinto essas energias próximas estando em qualquer lugar, aqui numa entrevista com essa, no meu trabalho, no meu dia a dia, dependendo do momento, você sente essa proximidade de energia. Energias que são familiares pra você, né, pra mim, que é a questão das entidades que você já está acostumada a fazer um trabalho junto com eles ou energias que não têm afinidade, tem energias que são mais densas, energias que são mais leves porque as energias elas trazem sensações, sentimentos pra gente, né, então tem energias que trazem uma frustração, uma angústia, né, uma coisa pesada; tem energia que te deixa leve, feliz, sereno [...] e o momento que você percebe que está incorporado, como falei, a incorporação ela vem sendo progressiva, né, ela culmina ali nesse momento que é abrir o olho e - 'e aí, como é que eu sei que é a entidade, né?' - porque a partir desse momento que você, opa, fiz esse processo de acoplamento de energia, seja por um giro maior ou menor, no momento que você abrir o olho, ali já é a entidade, ainda que você esteja ali atuando juntamente com a sua consciência porque todos os trabalhos são esses, eu não tenho inconsciência; eu lembro só de uma sessão ou duas que eu tenha tido realmente inconsciência, fora isso eu tenho consciência e semiconsciência em todas as sessões ao longo de todos esses anos que eu venho desenvolvendo a mediunidade no Terreiro. Na verdade, o momento que você sabe que você tá incorporado é o momento em que você já sente aquela energia, os movimentos já não são de seu comando, você não consegue fazer os movimentos conforme você quer. (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho)

Se você é uma pessoa que estuda, que faz a tua parte, o teu papel, né, você melhora muito a qualidade dessa conexão, né, e melhorando isso a entidade consegue trabalhar melhor, se expressar melhor. Acho que cada um tem que fazer a sua parte; [...]. Tem que ter conhecimento e é o que a maioria das pessoas não querem. A gente vê muito o refrão de que quem tem que saber das coisas são as entidades, eu não preciso de nada, só estou aqui para ceder meu corpo; mas não é, né!? Acho que o foco é outro. (Trecho da entrevista concedida por Jorge Oliveira)

Cátia Carvalho, em entrevista, sugere a positividade do questionamento sendo este um viés de fortalecimento da fé, onde é possível perceber que os fenômenos têm uma explicação e, também, relação com as nossas necessidades nos caminhos que vamos seguindo; com o entendimento é possível firmar cada vez mais os trabalhos com as entidades. E é assim que Pai Joaquim afirma precisar de um aparelho que trabalhe com ele e não que apenas deixe a entidade utilizar sua matéria, é uma parceria do kávalu de Santo.

Em uma Sessão de Criança, no Terreiro, um Erê dialoga comigo sobre essas mesmas questões e volta no tempo lembrando a beberagem de jurema<sup>75</sup> para a perda de consciência a fim de tornar a energia possível para a incorporação. A perda de consciência foi dita como algo que, hoje, não é tão comum e que a consciência é positiva para que a entidade acople sua energia no médium, afirmando que o trabalho de uma entidade é metade entidade, metade médium. Sendo a energia do ser encarnado muito densa, é necessário que a entidade baixe sua faixa vibratória para que haja a consumação do ato de incorporar.

O Erê continua seu relato dizendo que muitos encarnados, nessa evolução dos tempos, sendo a consciência possível e muitas vezes necessária aos trabalhos espirituais, usam-na para enganar aqueles que vão em busca de uma comunicação com o invisível. No geral, ao invés de começarem a distinguir o que é charlatanismo do que não é, muitas pessoas tornam-se incrédulas. A Criança enfatiza que é possível perceber o charlatão e o conselho que dá é absorver as positivities do diálogo com a, então, entidade, descartando o que, por ventura, não for positivo. Por outro lado, é preciso estar de mente e coração abertos para receber as mensagens dos espíritos através do medianeiro, mesmo que, a princípio, não as identifique como boas ou o que julgue merecer; é necessário refletir, pois o momento pode ser diferente.

Quando eu digo que sou consciente é que eu não apago, não durmo, não saio dali, né, eu participo porque é um trabalho em conjunto. E quando eu digo que eu sou semiconsciente, tem momentos que eu não consigo mesmo saber o que está acontecendo, né, o que está sendo feito, eu não consigo ter essa consciência plena; eu não vejo muitas coisas no decorrer do trabalho, como se você estivesse num lugar cheio de pessoas e de repente, em alguns momentos, naquele lugar não tem ninguém ali, não tem nada acontecendo. [...] Tem coisas que não acontecem pros meus olhos. Uma grande coisa interessante é que a gente não fica, no nosso dia a dia posterior, com as lembranças daquilo que mesmo foi consciente pra gente; o que é muito interessante porque existe uma ética de trabalho, né, lá e em todos os lugares; então, assim, quando um consulente vai pra uma consulta é uma grande responsabilidade que gente tem e a consciência ela vem pra isso, né, pra gente não ser um ser passivo, a gente ter a nossa responsabilidade sim e arca com ela; uma grande preocupação do Terreiro, das entidades que estão na dirigência é essa. [...] A consciência também é boa pra isso porque tem muitas coisas que eu escuto nas consultas que eu também aprendo e esse aprendizado fica. A consulta, o problema resolvido ou não, aquilo não fica, mas o aprendizado fica pra gente, né, então eu acho que a consciência nesse momento ela é muito interessante. E a semiconsciência, eu não sei porque, ali às vezes a entidade talvez possa manipular essa questão junto à gente pra que a gente não fique com a influência, né, de um trabalho [...] pensando no aspecto do aprendizado, aquilo não vai representar uma positividade [...]. (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho)

---

<sup>75</sup> Ritual onde a bebida é feita a partir de raízes da árvore Jurema, usada para o transe e posterior comunicação com os seres invisíveis; só podendo fazer isso quem tiver a permissão plena da Jurema Sagrada. Alguns Centros de Umbanda também fazem uso dessa bebida ritualística.

A movimentação do corpo do medianeiro pode acontecer a partir da vontade que sente. A entidade não está dentro do corpo do médium e sim próxima, enviando os impulsos energéticos que geram a vontade do movimento.

Jorge Oliveira explicita que existem vários tipos de mediunidade e conexões e afirma que em seu tipo de incorporação, a entidade usa seu corpo físico, de uma maneira geral, para falar, pois não ouve a espiritualidade nesse momento.

O elo firmando entre espírito e encarnado é realizado de maneiras diferentes, segundo o Preto Velho Pai João da Mina, ele diz que em seu caso, foi uma questão de sangue, ou seja, Jorge Oliveira, aparelho deste Preto Velho, foi seu neto na presente encarnação, embora não tenham se conhecido, pois quando Jorge nasceu, esse seu avô já havia feito a passagem para o plano espiritual há anos. Pai João afirma que nem toda conexão é dessa natureza, é uma missão de sangue; tudo depende da mediunidade de cada um, tem uns que já nascem com a mediunidade pronta, outros vão fazer toda a passagem terrena e não vão trabalhar deste modo com a espiritualidade, pois ninguém é igual a ninguém. Pai Joaquim da Calunga, por outro lado, explicita que a relação com seu aparelho não é de parentesco sanguíneo.

A afinidade de nós, êxi, com exi aparelho cá, êxi, é devido à êxa vontade de ser útil, êxi!? [...]. Êxi é importante xunxês sabê que nós num é um personagem, êxi nós é uma energia, uma vibração, êxi!? Nós é um espírito, êxi, amigo, êxi fazendo êxis trabaiadô e nós vibra numa vibração de êxis Orixá que vem de êxi Oxalá Maior, êxi!? Nós é êxis falangeiro, êxi!? E êxi aparelho cá, êxi como êxi mano falou cá [referindo-se à Pai João da Mina], êxi não tem, êxi, relação sanguínea com nós, êxi tem uma relação, êxi, de outras Era. Êxis espíritos com afinidade, êxi que já vem alimentando em êxi exa vontade de ser útil há algumas Era, êxi!? Êxi quando começou a caminhar cá em Téra, êxi não chegou, êxi, com mediunidade, êxi, pronta, mas êxi já chegou com êxi caminho pra mediunidade. Exa se apresentou a êxi na Era ainda de gafanhoto e exa depois se afastou, exa tem outra história com povaraco de sangue dexe, êxi!? E êxi não veio pra cá não foi à toa, êxi!? Êxi tinha que seguir [...] êxi trabaiadô com as banda e as quimbanda que caminha com êxi, mas êxi conheceu êxi manifestação cá em Canzuá. E é por isso que êxi é agradecido e êxi quer servir sempre a êxi Canzuá, êxi!? Êxi memo que êxi não fique satisfazido com tudo, êxi que todo lûgar tem êxi doutrina, num é memo, êxi!? (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

As conversas com as entidades no TMO foram muitas e diversificadas, inclusive sobre a comunicação dos seres invisíveis através de sonhos. Segundo as entidades, no Astral, o trabalho funciona de maneira distinta; não é preciso, por exemplo, emitir sons, pois a comunicação é feita através do pensamento. Muitos encarnados têm ou podem ter sonhos em que não veem a entidade movimentar a boca e mesmo assim entendem o que é falado, experimentando, portanto, esse tipo de comunicação. Esses sonhos também podem ser

justificados pela necessidade de trabalhos em conjunto com a entidade que precisa da energia do ser encarnado, no caso de seu mediano, para realizar determinadas tarefas.

O chacra que emana energia necessária à incorporação é o vital. Quando em desdobramento<sup>76</sup>, o médium continua com a energia vital e ligado ao seu corpo físico, chamado invólucro carnal; portanto, a entidade pode levar o médium ao Astral a fim de realizar trabalhos quando precisa dessa energia que não mais possui por estar desencarnada.

De acordo com algumas entidades entrevistadas, o espírito só se apresenta para o médium se houver alguma necessidade como, por exemplo, para acreditar que ela, de fato, exista; para certificá-lo que está incorporando de verdade, etc. Cátia Carvalho relatou já ter sonhado com um homem sério, negro, parado em frente a sua cama, ao abrir os olhos, o viu e nada falou. Sumiu. Ela acredita ter sido Exu Tranca Rua, entidade que incorpora no Terreiro e o motivo de sua visão poderia ter sido para mostrar que ela não estava sozinha, apesar de passar por um momento conturbado de sua vida terrena no momento dessa aparição. Virou-se e voltou a dormir.

A forma de iniciar-se o nome da entidade com Pai / Mãe, Tio / Tia, Vô / Vó é justificada, por Pai Joaquim da Calunga, pelo tipo de linhagem. Pai é aquele que coordena uma demanda, que dá uma direção, Pai é aquele que cuida e ensina enquanto somos crianças, enquanto estamos na ignorância, preso à matéria. O Tio é quem auxilia o Pai, também transmitindo ensinamentos, porém não sendo o responsável direto pelo “filho”. E o Vô é o tipo de linhagem está relacionada a sabedoria, a ancestralidade, é aquele que cuida da alma.

Êxis são classificações, êxi xunxês têm todos êxis pra cuidar de xunxês porque cada um de xunxês atravessa em vida de xunxês uma fase em que xunxês tem um pai, às vezes nessa merma fase xunxês têm um vô e xunxês têm um tio, êxi!? Êxi cada um de xunxês, de acordo com a necessidade do espírito de xunxês, vai escolher pra se afinizar com pai ou com tio ou com vô. (Trecho da entrevista-consulta concedida por Pai Joaquim da Calunga)

Pai Joaquim afirma que tudo que é feito e utilizado pelas entidades têm fundamento. A aproximação ao chão que faz em seu aparelho, levando suas mãos o máximo para baixo assim que chega na Gira, tem a ver com a força da terra, relacionado ao Orixá Omolu, salvando e recebendo, portanto, toda essa energia e ancestralidade, deixando o aparelho menos curvado a medida que já recebeu energia suficiente. *Nego Veio* relata que quando começamos a usar sapatos e andar eretos, vamos nos distanciando da força da terra, o que também tem um

---

<sup>76</sup>Ato de sair do corpo material / físico ao dormir. Em determinado estágio do sono, o espírito desprende-se do corpo, porém, mantendo seu vínculo a ele.

propósito de ser. Ao deixar seu aparelho, o Preto Velho afirma a necessidade de devolver para a terra a energia recebida não só das próprias entidades, mas de todas as pessoas que descarregam os problemas nas consultas e diz *“êxi vai todo com nós e nós dá, êxi, encaminhadô dessa energia que ficou com êxi pra êxi não sair com êxi cá; êxi quando faz fechadô dos trabaio, quando sarva das Arma [Alma], nós termina de levar”*. O Preto Velho, portanto, faz toda uma limpeza na médium antes de desincorporar para que ela não sinta nenhum peso ou problema que tenha sido experienciado naquele dia de trabalho. Os médiuns precisam sair com leveza e positividade do Terreiro; essa, inclusive, é uma das orientações dadas pelas próprias entidades.

Figura 25 - Pai Joaquim da Calunga em momento de incorporação



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Numa noite linda  
 Que tinha luar  
 Preto Velho orou a Zambi  
 Pra cativoiro acabar  
 Trabalha, preto, trabalhou  
 Trabalha, preto, trabalhou  
 Trabalha, preto  
 Cativeiro acabou  
 Trabalha, negro, trabalhou  
 Trabalha, negro, trabalhou  
 Trabalha, negro  
 Cativeiro acabou

(Ponto de Preto Velho)

Cátia Carvalho relata em nossa entrevista que a essência do trabalho desse Preto Velho é a palha, perpassando por todos os outros itens que ele utiliza.

As entidades trabalham com o cigarro na questão da pulverização das energias, né, tá transmitindo energia e também tá descarregando energia e isso ele trabalha com aquela combustão em que você, também, transforma em vapor, né, você vai pulverizando melhor. Então, é o fumo, a questão do trabalho e é o fumo à base de palha que é o elemento principal dos trabalhos dele, né. O chapéu a mesma coisa e acaba sendo uma caracterização daquela negro, velho, escravo, que trabalhou no canavial, né [...] E a questão do Rosário é porque ele trabalha nessa coisa da Linha das Almas [...] e ele trabalha com ele cruzado porque aquilo ali também é da Linha da Esquerda, né, por isso a questão do Rosário cruzado. (Trecho da entrevista concedida por Cátia Carvalho)

Figura 26 - Pai Joaquim da Calunga com Rosário cruzado e as guias



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Figura 27 - Peça de tronco de árvore [toco] que Pai Joaquim senta para realizar os trabalhos



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

### 3 QUEBRANDO AS CASCAS DE COCO: NOS CAMINHOS DE UMA EDUCAÇÃO PLURAL E DEMOCRÁTICA



*“É bonito de se ver  
Pau seco florar  
É bonito venha ver  
Preto Velho trabalhar”*

*(Ponto de Preto Velho)*

De forma diversificada, a Educação pode ser feita por caminhos plurais e inacabados, através de uma perspectiva dialógica. Assim sendo, no contexto pandêmico, ao gerar aulas online, foram também lançadas novas possibilidades de ensinamentos e aprendizagens em conjunto com todo o corpo discente e quem mais mergulhasse nessa tarefa de ressignificações e ações em relações saudáveis, equilibradas e potentes a favor da vida em sua plenitude.

No mês de março de dois mil e vinte, com o comunicado de fechamento das escolas e a necessidade do isolamento social, muitas questões foram postas para a sociedade, dentre elas, a Educação. Como dar prosseguimento às aulas através de plataformas online propostas pela Secretaria de Educação? Alunos e alunas sem acesso à internet, com pacotes reduzidos de dados móveis para acompanhar todas as atividades e possíveis vídeo-aulas<sup>77</sup>. A dificuldade encontra-se até na comunicação da escola com estudantes no que se refere à entrega dos kits de alimentação<sup>78</sup>.

Para uma reflexão mais contextualizada, é possível verificar no Mapa da Desigualdade 2020, os pontos de acesso à internet banda larga fixa em relação ao número de domicílios, mostrando que, segundo o IBGE, 20,3% dos domicílios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro usam apenas internet móvel, o que ratifica ainda mais a problemática do acesso à plataforma usada pela escola, sendo a cidade de Duque de Caxias com a porcentagem de 41,8% da população com rede fixa de internet, de acordo com a Anatel.

---

<sup>77</sup> Existe, também, a problemática de professores e professoras que não conseguem acesso à plataforma devido à precariedade de internet ou meios de utilizá-la: computadores, smartphones, etc.

<sup>78</sup> A merenda escolar transformou-se em kits de alimentação onde estudantes e/ou responsáveis iam, em datas marcadas pela direção e coordenação, buscar na escola.

Desânimo, falta de interesse enfatizada pelo contexto caótico, problemas de ordem financeira, doenças e perdas familiares deram o tom do cotidiano desses e dessas jovens estudantes.

Planejadas as primeiras aulas virtuais, desenvolvo textos, áudios explicativos para inserir nos slides objetivando uma melhor compreensão de estudantes do Ensino Médio, marco vídeo-aulas e proponho atividades, mas tudo isso gerou um enorme incômodo. Com o passar de algumas poucas semanas o acesso discente foi diminuindo e novos problemas eram informados pela direção da escola: professores lançando conteúdos demasiados na plataforma, estudantes sem entender diversas disciplinas, boicote à sala de aula virtual, familiares morrendo<sup>79</sup>, contaminações aumentando, violências domésticas e tentativas de suicídio permearam as notícias escolares.

Diante dessa problemática, e trocando angústias, preocupações e possibilidades, compartilho com a professora de História Sylvania Brito minha vontade de criar algo diferente com estudantes e até mesmo ex-estudantes do CIEP. Resolvemos juntar, então, a princípio, Sociologia e História para alguma atividade fora da plataforma<sup>80</sup> que pudesse ter maior engajamento de estudantes em prol de uma consciência coletiva. A ideia foi um auxílio mútuo diante da nova realidade vivida. Através da ludicidade, portanto, estudantes produziram materiais em forma de imagens, vídeos (onde poderiam protagonizar, corporificando sua presença), histórias (podendo ser do próprio cotidiano periférico diante da pandemia), poesias, desenhos, músicas e o que mais surgisse da criatividade. O intuito posterior, seria fazer circular esses materiais, nos meios sociais/virtuais, como forma de propagação positiva para o público em geral, com a finalidade de que, por meio do conhecimento e da arte, existisse um fortalecimento mútuo de combate à COVID-19 e seus desdobramentos (políticos, econômicos e sociais). Interessante perceber os aprendizados obtidos nos debates e criações, além da vontade de compartilhar os materiais criados orgulhosamente pelos grupos.

---

<sup>79</sup> Soubemos que um estudante da Escola morreu vítima da COVID-19, além de professoras e professores contaminados antes da primeira dose de vacina.

<sup>80</sup> Geralmente o Whatsapp faz parte de aplicativos ilimitados, sendo assim, estudantes têm a possibilidade maior de comunicação através desta ferramenta.

### 3.1 Os caminhos do projeto

Com o amadurecimento rápido das ideias e a empolgação nesta atividade em conjunto, convocamos um encontro online com alunos e alunas do Ensino Médio e quem mais pudesse participar para dialogarmos sobre as possibilidades de criações e meio de divulgá-las.

Após a reunião, criou-se um grupo de WhatsApp, e o projeto foi intitulado “Tocando Corações”, inspirado pelos versos da poetisa brasileira Cora Coralina que dá nome à Instituição Escolar: “*Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas*”.

Somavam-se trinta integrantes no grupo principal do projeto, dentre estudantes, três professoras, ex-alunos e ex-alunas, tendo em vista, também, a importância destes/as como parte da história da escola, que tem como um de seus papéis, o diálogo com a comunidade, trabalhando dentro e fora dos muros da Instituição; essa foi a proposta no convite de participação do projeto Tocando Corações.

Começamos a discutir temas específicos, como a importância da Ciência, o acesso à Universidade e a questão de adiamento necessário do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); o aumento da violência doméstica em tempos de isolamento social; Meio Ambiente e os Povos Indígenas; abordamos questões como o reconhecimento do próprio lugar de vivência de estudantes da escola, incentivando as pesquisas e a percepção de influências da origem de nomes dos locais onde esses estudantes moravam, advindos do tronco linguístico tupi-guarani, com auxílio da professora Marize Vieira<sup>81</sup>. Além disso, lançamos à reflexão o próprio cotidiano da Baixada Fluminense em tempos de pandemia, como moradores e moradoras vivenciavam essa realidade e quais as problemáticas envolvidas em suas lutas diárias. São as “*epistemologias do sul*” (SOUSA, 2007), trazendo à tona saberes que ficam à margem da sociedade em detrimento daqueles que estão na hegemonia do poder.

A princípio, após discussões em grupo, um aluno ficou responsável por criar um prospecto do projeto e um ex-aluno, inspirado na questão da mortalidade da população negra, criou o desenho oficial. Elaboramos, a partir disso, uma página no Facebook<sup>82</sup> para divulgação dos materiais produzidos por esses/as jovens a fim de que pudéssemos manter os

---

<sup>81</sup> Professora de História do CIEP, indígena de nome Para Reté, da etnia Guarani, doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense.

<sup>82</sup> Endereço eletrônico da página do Projeto: <https://www.facebook.com/Tocando-Cora%C3%A7%C3%B5es-112021077205201>

vínculos essenciais da trajetória de vida, atravessando em conjunto esses momentos difíceis. Através, portanto, de variadas formas de expressão, o objetivo da página foi a divulgação dos materiais pertinentes ao atual contexto; informativos e solidários para auxílios recíprocos, pois a própria pessoa autora do material pode sentir-se fortalecida à luz do conhecimento e da possibilidade de tocar outra pessoa de alguma forma. São jovens estudantes, livres e diversos/as em potencialidades que criam as bonitezas poéticas na luta contra o desencantamento da vida, enfatizando, em ações, que através do fortalecimento de laços de solidariedade, é possível construir uma realidade melhor.

Após um dos integrantes do grupo do projeto enviar as primeiras filmagens de seu cotidiano na Baixada, mostrando a necessidade de sair para trabalhar e o que enfrentava nessas saídas, sugeri que fizéssemos uma abertura musical para todos os materiais produzidos; com diálogos, criamos uns versos que este ex-aluno gravou como um Rap.

Nessa temática da história do cotidiano da Baixada Fluminense em tempos de pandemia, três ex-alunos e duas alunas relatavam o que estava acontecendo nas ruas por onde precisavam circular; filas enormes da Caixa Econômica, confusão por vendas de lugar nessas filas em busca do direito disponibilizado à população de baixa renda; calçadas cheias; a falta de responsabilidade social, tanto na ausência do uso de máscara quanto nas inaugurações de praças e ruas asfaltadas por políticos locais, incentivando, portanto, aglomerações. Em tempos de propagandas eleitorais, foram feitas carreatas, comícios, discursos junto ao povo, sem uso de máscara e o distanciamento de segurança; parecem mundos completamente opostos; em um deles a pandemia ainda mata milhares, no outro, já superamos as muitas mortes, azarados/as, vulneráveis ainda sofrem, algo que faz parte da tal “normalidade” dita e empurrada para nós, pois a economia não pode parar.

Poesias surgiram, novas ideias de temáticas a serem abordadas, discussões de roteiros para edição de vídeos e alguns encontros online. Algumas temáticas desdobravam-se em novos grupos, desmembrados do oficial para melhor debate, envolvimento e criação do material a ser divulgado.

Muitos alunos e alunas, timidamente, abriam diálogos de forma particular no *Whatsapp* ou no *Messenger* do *Facebook*, questionando alguns pontos da Sociologia ou expondo seus medos diante do vírus e decepções de, por exemplo, não cursar o último ano escolar de forma presencial. Estava aí, também, uma ótima oportunidade para incentivar na participação do projeto, assim como fazia nas correções de tarefas no *Google Sala de Aula*<sup>83</sup>.

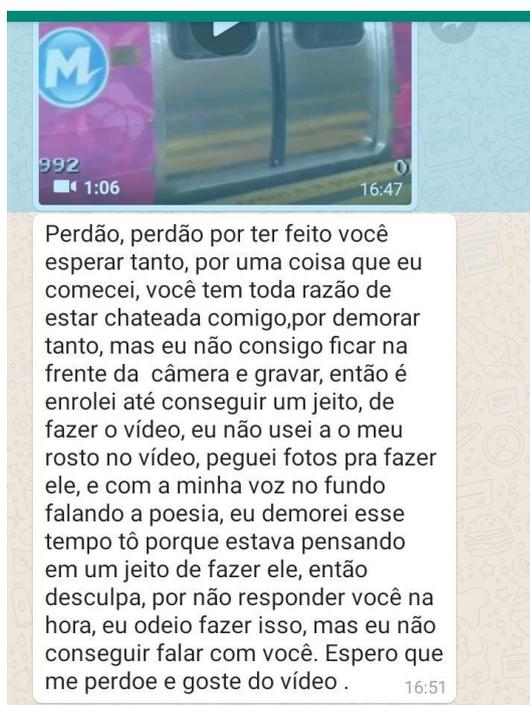
---

<sup>83</sup> Plataforma utilizada pela Secretaria de Educação para as aulas remotas na rede estadual.

Depois de conversas e explicações mais detalhadas sobre a importância do projeto e da participação, novos estudantes mostravam-se dispostos a entrar na proposta, mas não sabiam como e não se achavam capazes de criar materiais como aqueles que já viam nas redes sociais. Algumas alunas, por exemplo, diziam não querer aparecer em gravações e, também por isso, não se percebiam úteis para qualquer colaboração que fosse.

A partir disso, a fim de expandir outras possibilidades, novas ideias foram expostas, mostrando para esses/as jovens suas potencialidades em ações diferentes: um roteiro, uma história, desenhos, ideias, pesquisas, discussões, novas temáticas, textos, edições, músicas, poesias, *rap*, cooperações.

Figura 28 - Captura de tela de mensagem de WhatsApp do Projeto Tocando Corações



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

A mensagem acima foi o desdobramento de uma conversa; a menina, interessada no projeto, enviou-me algumas ideias que estava escrevendo, solicitando que eu avaliasse o conteúdo. Achei importante e de grande relevância, abordando questões sobre mulheres; sugeri que ela refizesse alguns versos e complementasse com algumas outras problemáticas desse contexto. A estudante, então, propôs uma parceria nossa na composição e assim fizemos. Após isso, combinamos que ela gravaria um vídeo da maneira que achasse ideal, recitando a poesia.

Sempre dei prazos estendidos para a entrega dos materiais e minha disponibilidade para o diálogo era certa. Porém, passou muito tempo e percebi o sumiço da menina, enviei algumas mensagens espaçadas apenas como lembretes; até que dias depois recebo esta mensagem. Conversamos bastante e enfatizei que podemos elaborar materiais de variadas formas, com criatividade e comprometimento. E foi isso que ela fez.

Passou tanto tempo  
 O tempo que trocávamos de lugar na condução  
 Passou tanto tempo  
 O tempo que éramos espremidas no vagão  
 Mas, por que isso não muda?  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que eu deveria sair com a chave na mão  
 Qualquer olhar suspeito causava intimidação  
 Mas, por que isso não muda?  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que eu não poderia sair sem você  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que eu teria só que obedecer  
 Mas, por que isso não muda?  
 Passou tanto tempo  
 O tempo de ser vista só como objeto sexual  
 Passou tanto tempo  
 E tudo continua desigual  
 Mas, por que isso não muda?  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que eu trabalhava sem receber  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que eu era inferior a você  
 O tempo que não era uma forma de amar  
 Mas, isso pode mudar!  
 Passou tanto tempo  
 O tempo em que sair de casa com a máscara era uma obrigação  
 Mas, por que isso já mudou então!?

*(Lutas no Tempo – poesia de Vitória Amaral e Bruna Almeida)*

Diante das aulas de História, com a professora Silvania Brito, sobre segunda Guerra Mundial e o surgimento de super-heróis e heroínas, estudantes do terceiro ano foram incentivados a criar histórias e as respectivas personagens desenhadas de heróis e heroínas atuais.

Recebemos materiais interessantes, onde é possível, também, perceber as angústias e otimismo de cada um/a introjetados nas histórias. São personagens do cotidiano, médicas, orixás, enfermeiros e seus super-poderes de, por exemplo, fazer máscaras surgirem àqueles/as que insistem em descumprir os protocolos dos Órgãos de Saúde e a mais aguardada fórmula da cura diante do inimigo invisível. Todas essas histórias permeadas pela importância da responsabilidade social.

Com tudo que a pandemia veio arremessando na nossa frente, em seus desdobramentos, dando mais visibilidade aos problemas sociais enfrentados por aqueles/as que moram nas periferias, foi possível perceber que o ritmo acelerado de contágios e as mortes pela COVID-19 dependiam, também, de uma série de fatores como, por exemplo, a localização das pessoas, as condições de moradia, condições sanitárias e econômicas, ficando explícito que o fato de que as possibilidades de obter informações, enfrentamentos e superação dessa problemática, não são iguais para toda a população.

A pandemia instiga inúmeras reflexões, inclusive sobre a própria questão habitacional, as casas pequenas e suas numerosas famílias, com precariedades múltiplas, devido às bases desiguais que as geraram. Isso leva à ideia de que uma parcela da população não possui moradias dignas; junto a isso, há o descaso do poder público, a dificuldade de acesso aos direitos sociais, enfatizados pela política de morte, escancarada nos incentivos ao trabalho, nas flexibilidades irresponsáveis, nas dificuldades de auxílios emergenciais diante da batalha travada entre a economia e a vida dos corpos sujeitos às mais variadas formas de violência pelo Estado.

Dentro dessa perspectiva, em uma das conversas com um ex-aluno participante assíduo do projeto da escola, depois que enviou seu vídeo para a edição e compilação do material que estava sendo feito, o rapaz comenta sobre algumas de suas experiências nesses tempos difíceis, dizendo que estava naquele dia ajudando a levantar algumas paredes de uma casa que havia sido destruída por um incêndio. O ex-aluno explicitou que foi feita uma *vaquinha* para que a dona da casa pudesse ir, aos poucos, reconstruindo o que o fogo levou em meio a esse momento delicado em nossa história. É o famoso “nós por nós” das favelas e periferias, as redes de solidariedade que buscam, de alguma forma, dar conta do que seria o dever dos Órgãos governamentais, transformar os recursos em prol da vida do povo em geral, mas o que acontece é uma calculada prioridade pautada em um discurso de escassez e, sendo assim, é preciso fazer algo para que não se morra de fome, sede, frio, tiro ou coronavírus nas áreas mais pobres da cidade. A prioridade é a defesa da vida e tudo que se relaciona com ela na luta contra os desencantamentos tão acentuados por Rufino e Simas (2020), onde debatem sobre um adoecimento do ser humano, a perda de vivacidade, o cativeiro dos corpos como consequência da lógica de dominação, da política, que tem produzido incessantemente mortandades, impostas em uma sociedade baseada na raça, no gênero, na heteronormatividade e no capital.

Outro exemplo, diante dessa realidade, foi a justificativa de um aluno pela demora na entrega de seu material sobre a temática discutida. O argumento foi que morava em uma casa

com várias pessoas, e o silêncio era algo incomum nas constantes movimentações; sendo assim, talvez conseguisse em alguma noite mais calma, afirmou. Nessa mesma lógica, outra aluna enfatizou sua problemática em participar do projeto, devido a sua rotina; tentava estudar, trabalhando em uma barraca de açaí e, no fim do dia, vendendo bolos em uma praça. Outros tantos que trabalham durante o dia, à noite aglomeram-se com amigos e amigas nas ruas, deixando de lado as problemáticas escolares de falta de sinal de internet, da precariedade dos dados móveis, das apostilas autorreguladas<sup>84</sup> que podem ser entregues depois, a vivência da rua na pandemia com a necessária saída (ou não), mostram o retrato de comunidades maltratadas que são sempre expostas muito mais pela falta, pela pobreza, pela desinformação, do que pela potência que são e podem ser até mesmo diante das adversidades, por exemplo.

A segregação é realizada não só nos espaços e nas ideologias, mas, também, em como as atenções governamentais reagem a determinadas regiões, ou não, tornando partes da cidade invisíveis, enfatizando as desigualdades e os descasos com a população até os dias atuais; uma das características mais cruéis da expansão urbana brasileira é de que não ter lugar adequado infraestruturalmente para todas as pessoas é uma questão política e não espacial, de fato. As populações mais pobres são obrigadas a tentar manter suas vidas em locais desvalorizados, perigosos do ponto de vista ambiental, sem empregos, com falta de incentivos econômicos e com toda uma precarização de serviços públicos, criando uma polarização intensa de centro-periferia.

Ainda com uma quantidade reduzida de estudantes acessando a plataforma Google Sala de Aula e realizando as atividades propostas, mesmo que em dias variados, nos textos devolvidos como atividade concluída, em dois mil e vinte foi possível perceber as problemáticas expostas e, dentre elas, a violência doméstica, o medo, a incerteza, conflitos familiares, o aumento do trabalho e a crença na incapacidade de se alcançar um sonho, o acesso à Universidade. Alguns estudantes encontraram, nessas atividades de Sociologia, uma forma de descrever seus próprios cotidianos e experiências de vida, principalmente, diante do contexto pandêmico. Estão postas, portanto, as possíveis “trajetórias quebradas”, na definição do sociólogo Tiaraju D’Andrea, cercadas de entraves, improvisos, dificuldades, distâncias físicas, sociais, econômicas e culturais. Lendo atentamente, trocando informações e incentivando cada sujeito e sujeita periférica (D’ANDREA, 2020) nessas tarefas escolares, torço sempre para que essas trajetórias não se rompam no processo da vida na periferia.

---

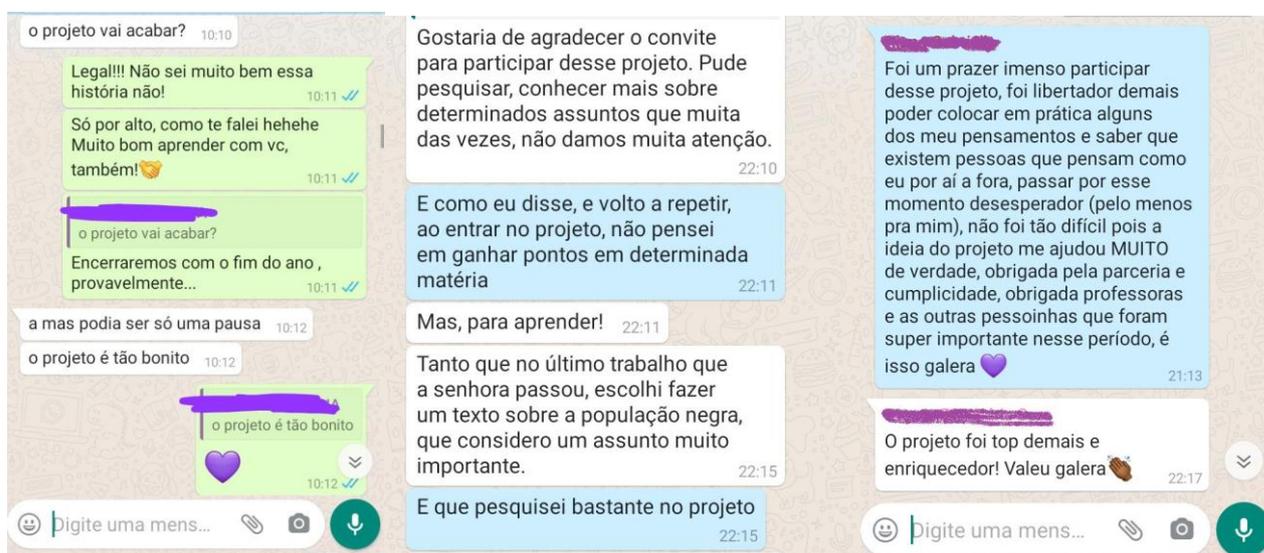
<sup>84</sup> Materiais de todas as disciplinas, exceto Educação Física, elaborada e distribuída pelo Estado para estudantes da rede de ensino.

### 3.2 Afetamentos nas experiências de envolvimento

Não é fácil conseguir o engajamento de estudantes para o envolvimento nesse projeto, muitos diálogos, convites, exemplos com materiais já produzidos formam base para a sustentação do Tocando Corações. Muitos estudantes, no início, esboçaram variadas ideias de produções, empolgados com a possibilidade de contribuir de alguma forma para o conhecimento da realidade vivida e a possibilidade de minimizarem as mazelas através de laços de solidariedade e afetos. Porém, dias depois, o desânimo tomava conta e a desistência viria, por consequência. A pontuação em disciplina, a princípio, não foi exaltada, porém, foi algo implícito por consequência do desenvolvimento de alguma atividade naquele contexto; diante disso, foi muito bonito receber o áudio de um ex-aluno dizendo: *“O importante é passar a visão que, mesmo sendo ex-aluno, a gente tá na atividade e não tá ganhando nada de questão de ponto, mas em questão de sabedoria e troca de experiência”*.

A ideia do projeto era acontecer até o fechamento do ano letivo de dois mil e vinte, porém, o posicionamento de certos integrantes do grupo, incentivou a continuação dessa aventura educacional.

Figura 29 - Capturas de tela do aplicativo WhatsApp – Tocando Corações



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Revisando e revivendo os materiais já produzidos, em meio a todas as dificuldades do caminho, é encantador e gratificante perceber o potencial da juventude e a responsabilidade da Educação no sentido da troca, da escuta, da persistência e disponibilidade para com o

outro, na prática da desconstrução de cativeiros ainda enraizados pelo colonialismo, operando na domesticação dos corpos, na mutilação de seres, no desencantamento do mundo (RUFINO; SIMAS 2018); esquecendo, nessa correria capitalista, individualista e competitiva, o que é o ser humano e os seres diversos que compõem o grande todo existencial, o que Ailton Krenak (2020) ilustra ao dizer que parecemos crianças brincando sem parar e desatentas às consequências de irresponsabilidades, destruindo o planeta e enfatizando cada vez mais as desigualdades já tão exacerbadas na sociedade, onde a quarentena imposta pelo vírus tornou mais visíveis as injustiças, discriminações e exclusões.

Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (KRENAK, 2020, p.5)

Caminhando nessa trajetória de encruzilhadas (RUFINO, 2019), como possibilidades, fluxos e encontros diversos, em alguns meses passados de início do projeto, uma estudante do terceiro ano, em determinada aula online, expôs seu contentamento ao participar das discussões e materiais produzidos no Tocando Corações. Argumentou que essa oportunidade de novas práticas e exposições, deu a ela a vivacidade de continuar seus questionamentos, buscas e estudos dentro de temáticas que já eram de seu interesse e, de acordo com suas próprias palavras em um áudio no *WhatsApp*, serviu como mais um método de auxílio para o equilíbrio de sua saúde mental em tempos de isolamento e na sua própria construção social.

A preocupação em como gravar da melhor forma para a posterior exposição também estava bastante presente entre integrantes do Tocando Corações e não apenas em relação aos conteúdos.

Figura 30 - Captura de tela do aplicativo WhatsApp – mensagem de estudante do Prjeto



Fonte: Acervo pessoal, 2020.

Outro exemplo interessante nesse desdobramento, foi a poesia de uma estudante na que cursava o primeiro ano do Ensino Médio. Em uma tarde, após debates no grupo virtual, a menina enviou uma mensagem privada no *WhatsApp* dizendo que escreveu sobre a morte de Miguel<sup>85</sup>. A aluna afirmou que gostaria de minha leitura prévia por não sentir-se segura com sua escrita. Diante de meus olhos, então, abria-se uma potência de resistências e consciência crítica no sentido de refletir e levar a problemática ao limite, desnaturalizando os fatos.

<sup>85</sup> Caso ocorrido no ano de 2020, na cidade do Recife (PE); Miguel, de cinco anos, estava na casa da empregadora de sua mãe, enquanto esta, teve de sair para passear com o cachorro, o menino pegou o elevador sozinho à sua procura e caiu do nono andar desse prédio.

Aí tu me diz como é que pode  
 Em época de pandemia  
 Vivermos revolução!?  
 Sendo que ou você luta por seus direitos  
 Ou fica em casa com proteção  
 E como pode mais um preto morto?  
 É só mais um número, virou estatística  
 Agora é só mais um corpo  
 Como pode em época de pandemia  
 Vivermos revolução!?  
 Sair pra protestar de máscara  
 E álcool em gel na mão!  
 E como pode aquele assassinato lá?  
 Onde a empregada saiu com o cachorro pra passear  
 E quando volta pro apê da madame  
 Seu filho não tá mais lá  
 Como pode a mulher do prefeito  
 Mandar uma criança pro nono andar?!  
 Agora assume o fato  
 O juiz diz que foi acidente  
 Mas, o povo grita “assassinato!”  
 E a madame diz que paga  
 Nessa todos os burgueses saem ileso  
 Mas, fique sabendo  
 Não tem dinheiro no mundo  
 Que faça nossa vida ter preço!

(Poesia “Revolução”, escrita pela estudante Júlia Rocha)

Expondo a ela a aprovação e entusiasmo, indaguei como gostaria de produzir um material com essa poesia para ser publicado na página do projeto e divulgado nas redes sociais/virtuais; de pronto, a menina sugeriu a possibilidade de ser Miguel Martins, ex-aluno que fez parte da composição da música de abertura do projeto, a declamar sua poesia. Mediei a interlocução e Miguel ficou imensamente feliz com o convite depois de ser afetado, também, com a leitura da poesia, revendo-se em bons momentos vividos com versos e Raps na rua.

Após o compartilhamento dessa poesia intitulada “*Revolução*”, a autora escreveu no grupo principal do projeto: “*É um grande prazer ver alguém lendo o que eu escrevi, uma coisa que, de outra forma, ficaria guardada apenas pra mim. Esse projeto tem, realmente, um significado muito grande*”.

A alegria em ver e compartilhar um material pronto pode surtir o efeito do contágio positivo, do sentimento de orgulho e desejo de continuar pela própria sensação que se tem ao produzir, foi assim que este ex-aluno expôs sua satisfação em fazer parte do projeto e a vontade de reler poesias que o tocam de alguma forma, para tocar o coração de outras pessoas, também; além de criar seus próprios versos no que diz ser uma poesia marginal.

As vivências podem ser potentes bases geradoras de olhares político-poéticos para o cotidiano. Gomes (2016) argumenta que a poesia para existir precisa de uma dimensão de concretude no que diz respeito ao próprio discurso e assemelha isso a uma laje, o espaço de sociabilidade, festa e olhares múltiplos; construções na precariedade dos espaços relegados às populações mais pobres; como aquele mirante de Faustini (2009) no Cesarão<sup>86</sup>, após se mudar da Baixada Fluminense, em suas descrições de afeto à periferia, olhando lá do alto toda a comunidade, o pôr do sol, as movimentações de quem foi atrás do sustento diário, as crianças e adolescentes em uma apropriação do lugar na luta em prol do encantamento da vida.

Para o início do ano letivo de dois mil e vinte e um, outras possibilidades foram vislumbradas como a adesão ou auxílio de novos professores e professoras no Tocando Corações, assim como novos estudantes e ex-estudantes na lógica da integração e potências múltiplas e a própria divulgação dentro e fora da escola.

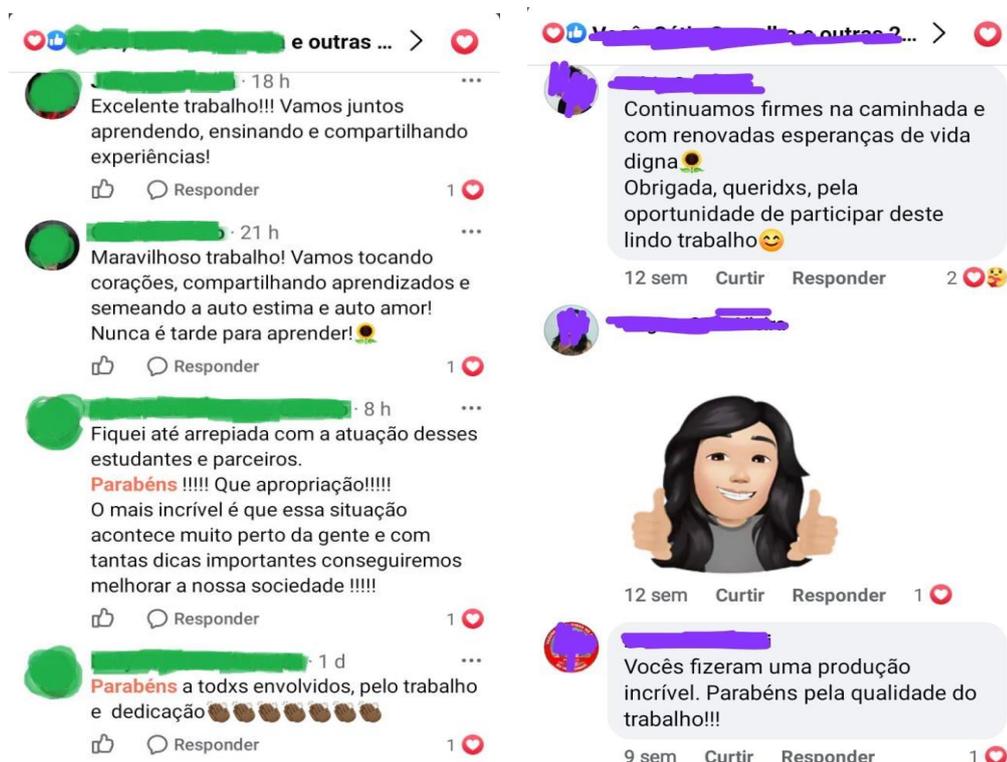
A ocupação do espaço mesmo dentro da própria escola é um desafio, nem todas as pessoas conheciam o projeto ou entendem o seu propósito. O Tocando Corações, como um movimento idealizado no CIEP e para o CIEP Cora Coralina, estará aberto às renovadas ideias, ações, produções e integrações diversas, apostando, também, na interdisciplinaridade como algo agregador. Até o momento, já contamos com algumas participações externas à escola na produção de vídeos publicados na página do Facebook: a psicóloga Ana Flávia na temática sobre “Outubro Rosa”, assim como depoimentos de pacientes oncológicos enfatizando a importância do autocuidado e de um diagnóstico precoce, como, também, informações a respeito dos cuidados e direitos sociais. Já na abordagem sobre a importância da Ciência, a doutora em Biociências Jessica Oliveira gentilmente fez sua participação com estudantes da escola.

O material criado, com encenações e muitas informações a respeito da violência contra a mulher, também, surtiu bons efeitos onde pudemos ter retorno; inclusive de questionamentos sobre qual número ligar para fazer a denúncia desse tipo de violência.

---

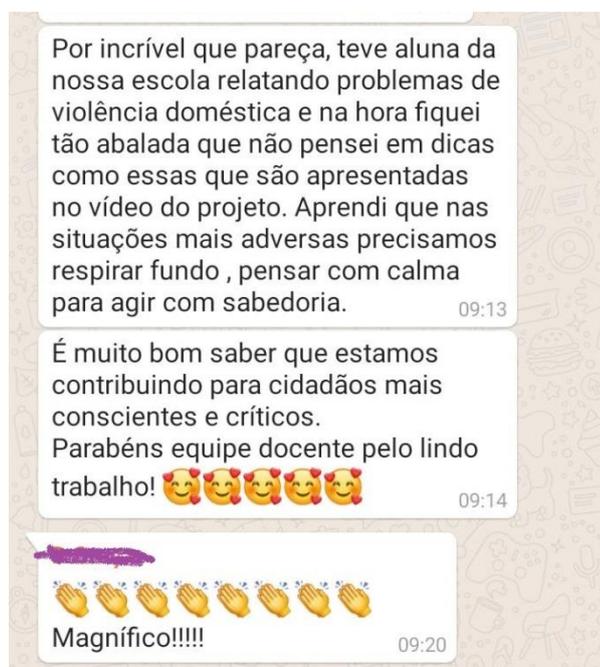
<sup>86</sup> Comunidade localizada em Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 31 - Capturas de tela da página, no Facebook, do projeto Tocando Corações



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Figura 32 - Captura de tela de mensagem de profissional da escola, no aplicativo WhatsApp



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Realizamos uma série intitulada “*Você me conhece?*” onde discutimos, no grupo de *WhatsApp*, questões sobre invisibilidades negras e indígenas, criando, posteriormente, materiais com algumas pessoas escolhidas por estudantes. A ideia inicial desses materiais foi dada por Lady Almeida, professora de Filosofia da unidade escolar, onde generosamente e de forma muito comprometida, auxiliava nas supervisões de textos escritos por estudantes, também sugerindo fontes de pesquisa. Tivemos publicações sobre Cacique Raoni, Luiz Gama, Carolina Maria de Jesus, Tia Ciata, Maria Firmina dos Reis, Tereza de Benguela, além de outras personalidades que ficaram em construção, como, por exemplo, Lima Barreto, Tuíra Kayapó e Ailton Krenak. Além disso, contamos com a (re)leitura de textos, versos e poesias como por exemplo, “Vozes-Mulheres” da escritora brasileira Conceição Evaristo.

As projeções continuaram e as professoras Sylvania Brito e Lady Almeida lançaram a proposta do cultivo da ancestralidade, dando visibilidade à Baixada Fluminense, com representações negras e indígenas do e no CIEP Cora Coralina!

[...] Acho de extrema importância falar de todas essas personalidades, grandes representações da nossa História, de luta, de resistência. Mas, nós também estamos aqui e também somos tudo isso, luta, resistência! Acho que seria legal! Representado pelos nossos estudantes! [...] (Trecho de uma mensagem enviada pela professora Sylvania Brito no grupo de WhatsApp do projeto).

[...] Também poderíamos homenagear os mais velhos do território (da escola, do bairro), nossos anciãos. A ideia é estudantes reconhecerem a importância dos seus mais velhos, avós, pais, mães, as tias do bairro que têm muita história pra contar, que conhecem o lugar como ninguém. Trabalhando a memória afetiva ancestral. Estudantes dariam visibilidade aos *griot* da região, do seu lugar, do seu território, seria lindo! (Trecho de uma mensagem enviada pela professora Lady Almeida no grupo de WhatsApp do projeto)

Final de dois mil e vinte, entramos em recesso. Com toda a problemática da pandemia e as discussões sobre vacinas, a ideia foi reabrir o Tocando Corações, no ano de dois mil e vinte e um com um encontro online entre nós, professoras do projeto, estudantes que estavam integrados a ele, e convidando, a princípio, todo o Ensino Médio da Escola a participar da roda de conversa sobre a importância da vacinação contra a COVID-19, além de expor a proposta do projeto que completou um ano em junho de dois mil e vinte e um!

O encontro foi realizado no dia oito de junho e contou com a presença de vinte e cinco estudantes; muitos não conheciam o projeto. A todo o momento, tentamos espalhar, pelas redes sociais virtuais, informações e materiais do Tocando Corações, insistindo com Direção e Coordenação da escola essa parceria, mesmo sabendo de toda complexidade de trabalhos e demandas de ambas as partes.

Finalmente em dezoito de junho anunciamos o retorno do projeto com nova publicação na página do *Facebook*, na intenção de propor, sempre, reflexões e debates pertinentes ao nosso contexto social; através de informações é possível auxiliar na quebra de *fake news*, ignorâncias e violências variadas que tanto atrapalham nossos caminhos. E voltamos com poesia! Espalhando afetos, forças e inspirações!

No mês seguinte, o material foi elaborado com música. Miguel Martins, em diálogo comigo, compôs sobre nosso contexto atual; dessa criação, demos o título de “*Experienciando realidades*”. A primeira exposição, o lançamento, foi no encontro online com o Ensino Médio, enquanto novos estudantes se inteiravam dos objetivos do grupo e dos debates a serem feitos para novas produções.

A periferia ensina vivências  
Sabedoria...  
É outra coisa

Ano difícil  
Reinventando a vida  
Vivendo num país  
De saúde involuída  
Máscara no rosto mudou nosso visual  
E a gente vai se adaptando  
A nova vida virtual  
Nosso estudo tá na tela  
Na rua nossa mazela  
Movimento intenso  
Muitos deles sem cautela  
A gente vai seguindo  
Sempre atento ao social  
Nossa vida tá em jogo  
Não é papo banal  
Salve a nossa alegria  
E o nosso ritual  
De ser forte a cada dia  
Como o povo ancestral  
Queremos essa vacina  
Porque é prioridade  
Merecemos ser tratados com dignidade  
Fé...

(Letra: Miguel Martins e Bruna Almeida)

Como a cada dia éramos surpreendidos e surpreendidas com novas demandas e pressão de volta às aulas presenciais mesmo sem a completa imunização dos servidores, além das formas de avaliações e atividades a seres realizadas para estudantes que acessavam e, também, para quem não acessava as plataformas online, o processo de produção do Tocando Corações ficou um pouco mais demorado. Com a necessidade de complementação da renda,

dando aulas extras, precisamos estar em várias escolas, onde cada uma delas age e trabalha de formas diferentes o que gera menor tempo de dedicação àquilo que muitas vezes é desvalorizado; o projeto que visa caminhos plurais para que estudantes construam sentidos, refletindo sobre o cotidiano, a vida, sobre sua plenitude e compromisso com a diversidade. Sendo assim, não é meramente pensar em sobrevivências em qualquer tipo de trabalho e a escola como produtora de diplomas “vazios”.

Levar a discussão sobre Ciência, *fake news*, saúde, vacina e as problemáticas sociais foi cada vez mais importante em vários espaços onde o projeto pôde entrar; em uma reunião escolar, foi dito entre os participantes um medo de que vacinas feitas em um curto espaço de tempo, na verdade, estariam a serviço de uma trama genocida: eliminar pobres! Sendo assim, na lógica dos versos da música de abertura do Tocando Corações “[...] *conhecimento é poder, produzimos informações, fortalecendo as ações, ampliando nossas visões e tocando corações*”, vamos em busca da desconstrução de ignorâncias que vêm invertendo as situações de calamidade nos mais variados âmbitos políticos e sociais. A eliminação de pretos, pretas, pobres, indígenas, mulheres, homossexuais, periféricos e periféricas acontece, mas de outras formas.

Ano de dois mil e vinte e um, o governo cria nova plataforma para as aulas à distância, o “*Applique-se*”, apresentada pelo ex-ministro da Educação Comte Bittencourt. Nesse aplicativo, desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC), eram lançados podcasts e vídeo-aulas produzidos por professores da rede, além de materiais em PDF e a promessa de ferramentas mais interativas. O Google Sala de Aula, utilizado no ano anterior, tinha conectividade com o *Applique-se*, porém, apenas para mensagens entre estudantes e professores, os tutores do momento, nessas atividades remotas<sup>87</sup>.

No *Applique-se*, a proposta foi uma internet custeada pelo próprio Estado em parceria com as operadoras Vivo, Claro, Oi e Tim. Logo de início, houve suspeita de que sua instalação em aparelhos celulares poderia acarretar roubo de dados; muitos professores receberam, no e-mail institucional, a mesma mensagem de alerta de segurança do Google, informando que a conta foi acessada por um novo dispositivo Galaxy S7. Ficamos sem saber a fundo o que houve, de fato.

Em fevereiro de dois mil e vinte e um foi feito um acolhimento de estudantes na própria escola, de forma escalonada, onde responderiam um questionário socio-emocional e

---

<sup>87</sup> O que não excluía a possibilidade do professor incluir no *Classroom* (Google Sala de Aula) conteúdos diferentes do *Applique-se*.

receberiam orientações sobre o novo ano letivo. O ensino foi instituído como híbrido, mesmo diante de toda a calamidade pandêmica, uma parte dos estudantes, prioritariamente aqueles que não tinham acesso às plataformas online, compareceriam à escola para obter os materiais impressos e solucionar suas dúvidas com os professores que voltaram ao presencial. Estes, por sua vez, tiveram que preencher uma planilha enviada pela direção da escola, onde mencionavam ter ou não alguma comorbidade e se residiam com pessoas vulneráveis à COVID-19 (como aferir, de fato, esses riscos?) para que obtivessem (ou não) o aval do trabalho remoto.

Figura 33 - Estudantes preenchendo o Questionário Socioemocional



Fonte: CORALINA, 2021.

Ansiosos por GLP, as Gratificações por Lotação Prioritária, nossas aulas extras, professores da rede aguardavam a anúncio de carências e enviavam suas disponibilidades para a escola, até que surge uma nova Correspondência Interna (CI), no início do mês de março, onde só poderiam ser alocados em GLP, docentes que não tivessem registrado comorbidades, pois um terço da carga horária deveria ser cumprida de forma presencial e o restante nas plataformas virtuais. Tal procedimento demonstra a covardia e o desrespeito à vida! Com o salário que os docentes da rede estadual ganham, a GLP não é uma escolha, mas, sim, uma necessidade da maioria desses profissionais. A pandemia agravando-se com o descaso (ou projeto) do governo, a falta de responsabilidade social das pessoas, as variantes

do vírus e, diante disso, os professores submetidos a essas condições ditadas pelo Estado, na pressão da volta presencial à escola!

Fala-se em prioridade na Educação. Que tipo de Educação é essa que dizem? Que tipo de Educação reivindicamos? Qual o tratamento real com os profissionais de Educação com salários sem reajustes há anos e vidas expostas nos espaços precariamente protocolados ao enfrentamento do vírus? A greve pela vida foi declarada. Nem todos são adeptos. Medo, necessidade e “vida normal” podem ser possíveis justificativas.

Nova CI é anunciada em doze de março, escolas fechadas devido à bandeira vermelha do Estado do Rio de Janeiro diante da pandemia e, sendo assim, a alocação para GLP é revista; docentes poderiam fazer o requerimento e realizar as atividades de forma remota.

No dia seguinte, a SEEDUC lança uma listagem de municípios com permissão para aulas presenciais entre os dias quinze e dezenove de março e Duque de Caxias compõe o quadro. A GLP continuou liberada de forma remota para professor com comorbidade declarada, porém, muitos perderam essa possibilidade de adicional no salário devido às carências terem sido supridas por aqueles que aceitaram alocação tendo que fazer parte da carga horária de forma presencial.

Durante os meses de março e abril os estudantes tiveram o conteúdo revisado da série que cursaram no ano anterior. Os próximos passos foram impostos devagar, com critérios mudando em curto espaço de tempo. A rigor, parte do primeiro semestre do ano letivo de dois mil e vinte e um foi estabelecido pelo Estado como revisão de conteúdos.

Reuniões de diversas temáticas foram realizadas pelas escolas; além de conselhos de classe, planejamento de atuação dos docentes, escolha de livro didático, Novo Ensino Médio e as pressões de escalas presenciais antes da imunização. Foi triste abrir diálogos em busca de proteção à vida, contra a volta presencial e perceber que algumas direções apenas repetiam a mesma frase: “*só estou cumprindo ordens; somos servidores iguais a vocês*”, mesmo com professores da casa morrendo devido a complicações desenvolvidas pela COVID-19. Tendo minha fala interrompida em uma dessas tentativas, logo uma voz se levantou questionando à direção: “*que horas tenho que chegar amanhã?*”.

Por outro lado, quando em alguma reunião uma esperança de empatia e união em prol da vida se esboçava nos debates contra a volta presencial, a justificativa das direções era a impossibilidade de fazer qualquer coisa diferente do que estava imposto pelo Estado, defendendo uma pseudoneutralidade. Porém, como lançado por Paulo Freire (2013):

Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez mais hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? Lavar as mãos em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.

Novo documento assinado pelo atual secretário de Educação, Alexandre Valle, lançado no dia vinte e um de junho de dois mil e vinte e um, decreta que somente profissionais que tenham a partir sessenta anos de idade e que apresentem, por laudo, comorbidades ficarão no trabalho remoto. Essa nova CI não mencionava a possibilidade da continuação do trabalho em casa para aqueles que moram com vulneráveis ainda não imunizados por completo. Profissionais que tomaram a primeira dose e que não apresentem comorbidades, estavam aptos ao retorno presencial (mesmo aqueles que no calendário de vacinação já poderiam ter tomado e não se vacinaram por algum motivo). O documento também deixa a cargo e responsabilidade da Direção a organização do retorno presencial, tendo em vista a realidade local, o quantitativo de estudantes e professores e sua carga horária.

Novas reuniões foram convocadas por algumas escolas onde leciono nesse período e em uma delas, a brecha da CI foi enfatizada pela Direção que afirmou não pressionar professor algum para a volta presencial tendo em vista o contexto de pandemia ainda preocupante no Rio de Janeiro. Foram realizadas atividades de acolhimento com estudantes de forma presencial para aqueles que optaram por isso, porém, foram reforços escolares e não aulas normais; somente professores plenamente imunizados (com as duas doses ou a dose única) foram convocados a algum dia da escala comparecer na escola em horário reduzido; os outros, mesmo sem comorbidade ou que moram com vulneráveis não completamente imunizados não foram obrigados ao retorno, continuando, portanto, os trabalhos de forma remota. A justificativa final foi a manutenção da vida.

É interessante observar que, no geral, estudantes podiam optar pelas aulas virtuais ou presenciais, independente de terem ou não a possibilidade de acesso as plataformas virtuais; porém, a explicação da diferença entre elas não era bem exposta. Muitos estudantes ficaram ansiosos pela ida ao espaço físico da escola, justificando a dificuldade do aprendizado à distância; porém, não percebiam que essa ida à escola era somente para buscar atividades impressas e alguns dias, com pouca duração, de encontro com o professor para dúvidas, professores que poderiam não ser os seus e poderiam não ser, também, da própria disciplina em questão. O acesso as plataformas, *Applique-se* e *Google Sala de Aula*, na verdade, dariam mais possibilidades de atividades, aprendizados, trocas e contatos com os professores. Por outro lado, a ida a escola traz o acalento do (re)encontro, do afeto mais visível na proximidade

sem intermédio de telas. Tempos difíceis, onde na brecha do precário construímos outras formas de seguir nos diversos caminhos da vida.

A escola distribuía kits de alimentação e livros didáticos, enquanto professores se reinventavam *mergulhados no caos*. E o projeto Tocando Corações ficou na espreita, no aguardo do término das revisões para lançar-se a novos ciclos, nos encontros remotos.

O alargamento de experiências sociais pode gerar frutos de resistências, reconstruções, (re)existências e fortalecimentos, baseados em potencialidades e saberes múltiplos. Além disso, estudantes têm a liberdade de expressarem-se sem as amarras de cristalizações e preconceitos em sua criatividade, linguagens, diálogos, contraposições; transpondo a barreira do medo, da insegurança, exclusão e indiferença, a fim de reafirmar os alicerces do respeito à diversidade e o direito de cada indivíduo no meio social. A mediação docente no Tocando Corações foi dada com o intuito de organizações, motivações, trocas, inserções na temática do projeto, vislumbrando caminhos emancipatórios (FREIRE, 1996); em uma orientação ética e plural. Nesse sentido, o fundamento é problematizar a realidade de estudantes, inspirando a percepção da Educação, em suas variadas vertentes, como tendo um papel importantíssimo no processo de emancipação e liberdade dos indivíduos, produzindo suas ações político-poéticas na sociedade. E nesse ato de responsabilidade que temos diante da Educação, foram (e são) bastante pertinentes as produções trazidas por suas próprias bagagens culturais, vivências, experiências e formas de praticar a vida com o objetivo dos fortalecimentos de laços de solidariedade e esperança nesses tempos difíceis, aliadas à consciência coletiva, responsabilidade social, as reflexões e ações críticas.

Inspirada nas considerações do professor e pedagogo Luiz Rufino (2019), a Escola pode ser percebida e praticada como um espaço para constituir-se sentido na simplicidade do cotidiano, das miudezas (SIMAS, 2013), daquilo que, de fato, nos faz vibrar enquanto existências vivas, e não apenas uma ânsia de produzir diplomas e certificados para “ser alguém” (?) e sobreviver em um contexto trabalhista qualquer, aniquilador de corpos, de seres. Educação como possibilidade.

Figura 34 - Desenho oficial do Projeto



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

O desenho acima, criado pelo ex-estudante Alexandre Ohnesorge, em maio do ano de dois mil e vinte, compõe a foto de perfil da página do projeto no Facebook e foi inspirado na reflexão da mortandade da população negra. O tapete é o alvo; sendo o alvo, em si, todo corpo negro.

Poxa, professora, no meu ver do desenho é o seguinte: o nome do grupo, do projeto é Tocando Corações e quando fala em tocar, eu penso em música; geralmente a gente ouve muitas músicas que tocam o nosso coração ou nosso sentimento na hora. É assim como esse caso do João Pedro<sup>88</sup> aconteceu e tocou muito a gente, como o da Ágata<sup>89</sup>; de todas essas pessoas que moram na favela, negros, que comove o coração com esses tipos de caso, eu pensei em colocar ele tocando esse violão para representar isso [...] (Trecho do áudio enviado pelo ex-estudante Alexandre Ohnesorge explicando sua criação)

É interessante pensar que o desenho de Alexandre é pomba riscada! É ponto riscado, “ponteira”, como diz Pai Joaquim. *Nego Veio* explicita, em entrevistas-consultas, que pomba é quando se desenha algo que existe, que tem fundamento, essência; esse ex-estudante não fez apenas o retrato de João Pedro, mas criou a imagem de suas sensações, sentimentos diante do ocorrido, onde o que existe é o racismo e as violências diversas. Assim como a música do

<sup>88</sup> Menino de quatorze anos morto atingido por tiros, dentro de casa, em meio a operação policial no Complexo de Favelas do Salgueiro, no Rio de Janeiro, no ano de 2020.

<sup>89</sup> Menina de oito anos morta em operação policial no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, no ano de 2019, onde retornava para casa após um passeio com sua mãe.

“Tocando Corações” também é “ponteira” firmada abrindo um canal de possibilidades com outros mundos, outras narrativas.’

[...] A saúde em crise, mas conhecimento é poder  
 Produzimos informações, fortalecendo as ações  
 Ampliando nossas visões  
 E tocando corações  
 Isso é Baixada Fluminense!

(Música do projeto Tocando Corações – Letra: Bruna Almeida e Miguel Martins /  
 Melodia: Miguel Martins)

Figura 35 - Prospecto do projeto Tocando Corações



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

O prospecto acima, capa da página do projeto, foi elaborado pelo aluno do terceiro ano João Cabral. A juventude pulsa em suas potências!

Mesmo diante de mortes sendo naturalizadas, ignorâncias exacerbadas, responsabilidade social esquecida, a coletividade no Tocando Corações, inclusive, o "nós por nós" para sobreviver diante do caos. Dentro de um espaço (virtual), também, fizemos nossos elos solidários, de afetos, de esperanças, de (re)construções; nossas ideias, debates, pesquisas, gravações, cada palavra enunciada foi um grito de resistência diante de todas as violências assombrando os cotidianos. E para marcar a volta do projeto no ano de dois mil e vinte e um, estudantes e ex-estudantes gravaram novo material com poesia escrita por mim nessa comemoração de um ano do Tocando Corações:

Reinventamos a vida em vários materiais  
 Foi o nosso exercício  
 Em atividades virtuais  
 Nós falamos das crises  
 E dos nossos ancestrais  
 Valorizando nossa terra  
 E nossos intelectuais  
 Somos cria da Baixada, tão estereotipada  
 Mas estamos na disputa  
 Ninguém cala a nossa voz  
 Devagarinho, sempre juntos  
 E no lema “nós por nós”  
 Estamos aqui hoje em comemorações  
 Há um ano começamos o Tocando Corações  
 Então se liga agora  
 No que a gente vai falar  
 São muitas vidas perdidas  
 Ainda não dá pra relaxar  
 Use máscara, não aglomere  
 E vá lá se vacinar  
 São duas doses, não esquece  
 Pra poder se imunizar

Diante de minhas inquietações, angústias e medos nesse contexto pandêmico, pensar na Educação por outras perspectivas e imaginar a possibilidade de criações, ações e materializações, também, poéticas com estudantes e ex-estudantes foi um respiro suave, revigorante e incentivador. Integrantes do projeto deram asas, vida, potência ao nosso Tocando Corações, fizeram-no acontecer. Quanta alegria!

Um grito de liberdade  
 E a corrente se quebrou  
 Um grito de liberdade  
 Um grito me acordou

(Ponto de Preto Velho)

Trabalhando na *desamarração* das próprias subjetividades de integrantes do projeto, pensando para além dos conteúdos congelados de currículos, o decorrer desse tempo tem mostrado como é possível e enriquecedor o processo amoroso no sentido de uma sensibilidade revolucionária, inspirações freirianas de responsabilidade e afetação emaranhadas na ética, resultando em mais quebras de algemas e desconstrução de cativeiros. A lógica do projeto Tocando Corações é uma Educação que parte do pressuposto de liberdade e autonomia, da valorização dos cotidianos, saberes e construção de sentidos para estudantes da Escola e daqueles/as que já encerraram esse ciclo, mas que estão, também, nos processos

de aprendizados e encantamentos da vida, soprando novas possibilidades e alargamentos de mundo, construindo sentidos nas variadas formas de se praticar a vida.

Luiz Rufino defende a ideia de que a Escola é o que praticamos nela, muito mais do que já está naquele local imposto, geralmente, baseado na colonialidade; praticar a Escola, portanto, é terreirizar, aldear, trabalhar produções de vivacidade, inspirando ciclos ao invés de metas, compreendendo que somos seres com interligações, redescobrimo outras formas de perceber, lidar e nos comunicar com a Natureza, por exemplo, em uma nova arquitetura existencial, sem, portanto, sermos, nós, seres humanos, responsáveis pela destruição de nossa casa comum, o planeta Terra. A luta é pela vida em suas variadas dimensões, dando a devida credibilidade, de fato, à diversidade.

Através do Preto Velho Pai Joaquim, com quem me envolvo em uma relação dialógica de pesquisa há, mais ou menos, quatro anos, no Terreiro Mensageiros de Oxalá, é possível costurar sensações, experiências, experimentações, aprendizados, discursos, para as escrevivências, inspiradas em Conceição Evaristo, dentro de toda uma lógica do terreiro-mundo, da poética da ancestralidade, o Preto Velho nessas outras formas possíveis de Educação que vão para além dos muros da escola, assim como as questões de Pai Joaquim, para além dos muros do Terreiro. Nesse sentido, o estudante discriminado; aquele que professa religiões de matrizes africanas, o estudante nordestino, o aluno que trabalha na construção civil, que compõe rap e vivencia a rua; que realiza trabalhos variados para sobreviver na pandemia e ainda faz com alegria sua colaboração no projeto da escola, são inspirações de Pai Joaquim no cotidiano, de força vital, de axé; todos que sofrem essas violências sociais e que reorganizam a vida, nas frestas, nas possibilidades de encantamento. É a população da Baixada Fluminense que acorda cedo, utiliza conduções lotadas e precárias para um longo percurso até chegar ao trabalho; se essas pessoas não criam mecanismos de reexistências, sentidos, alegria, podem sucumbir ao desencanto (RUFINO; SIMAS, 2020).

Os fundamentos de Pai Joaquim nas transmutações, nas negociações “*devagar, devagarinho*”, também estão na estudante que, assistindo ao vídeo sobre violência contra a mulher produzido no projeto, relatou ter ficado arrepiada por já ter passado por isso com sua mãe e enfatiza a necessidade de união, respeito e refazimentos; nos depoimentos das pessoas que foram diagnosticadas com câncer de mama, no material sobre o Outubro Rosa, afirmando que é preciso ter força, coragem, fé na vida e seguir em frente nas batalhas; na estudante tímida que gravou um vídeo sobre as problemáticas das invisibilidades negras e indígenas. É a quebra de cativeiros. São estudantes e ex-estudantes pensando e agindo de formas diferentes, transpondo barreiras e se expondo nos debates e gravações de vídeos, escrevendo poesias,

sugerindo e problematizando temáticas diversas, percebendo suas potencialidades e sendo partes integrantes, de fato, do Tocando Corações para além de apenas pontos na escola.

Diante disso, em uma apresentação no Encontro Estadual de Ensino de Sociologia (7º ENSOC), evento ocorrido em novembro de dois mil e vinte, após a apresentação do Tocando Corações na sessão de “relatos de experiências”, nos foi apontada a questão do conteúdo da disciplina Sociologia como sendo posto de lado, a fim de focar, naquele momento, nas afetividades. Por fim, esse apontamento foi amenizado devido ao contexto de pandemia; aceitou-se o fato.

Mas, que fato seria esse? A preocupação com datas, nomes, conteúdos cristalizados são grandes *correntes* firmadas ainda nos espaços educacionais. O cativo curricular é explícito e mantido há tempos em discurso, muitas vezes, homogeneizador com posterior critério seletivo para o acesso à Universidade, por exemplo. É preciso bastante cuidado para que, através do que chamamos de Educação, não violentemos seres plurais, diversos nesses ciclos da vida.

No projeto Tocando Corações, estudantes tiveram a possibilidade de perceber sentido em estudar Sociologia, os debates sobre invisibilidades negras e indígenas, os problemas acarretados e exacerbados pela COVID-19 e vários outros assuntos estiveram presentes junto a afetividades; o conteúdo é algo mais amplo e diverso; podendo, também, estar no sentir e dentro de uma lógica da circulação de saberes, nas transformações e possibilidades de alterações na relação com e entre estudantes.

Encerrando o encontro do 7º ENSOC, uma pessoa levantou o questionamento sobre como proceder em relação à avaliação no ano seguinte. Provas online? Trabalhos em grupo com apresentações em plataformas? O que deveríamos projetar para esse futuro? Acredito que com tudo que foi discutido e produzido no Tocando Corações, naquele momento, a maior projeção futura (próxima) era a manutenção da vida material e simbólica, na luta contra o desencantamento tão pressionado nesses tempos difíceis.

É preciso quebrar essas cascas de coco! Corpos, mentes e corações endurecidos, estagnados, prisioneiros de certezas e padrões impostos. De que cor é a carapuça de Exu<sup>90</sup>? Exu gargalha entre aqueles que brigam pela verdade única, pela reivindicação de uma única forma de se praticar a vida. Correndo entre as pessoas no mercado, interroga sobre a cor de sua carapuça, porém, o senhor dos caminhos, do imponderável, da encruzilhada, em cada banda tinha uma cor, ou seja, para quem olhava em um lado, seria vermelha, de outro, preta.

---

<sup>90</sup> Histórias denominadas de Itan, na cultura africana (FERREIRA, 2015).

Esta narrativa nos inspira a refletir a necessidade do questionamento, da dúvida; a incompletude é figura presente e ninguém consegue saber o rumo pleno dos ciclos vivenciados pelos seres e como isso pode se dar. Portanto, é extremamente perigoso e despotencializador almejar a certeza, a verdade absoluta que anula quaisquer outras possibilidades de mundo; onde, em caminhos retos, a coexistência nas diferenças é apagada. “*Nós que somos adeptos da encruzilhada, desconfiamos daqueles que andam nos caminhos retos*” (RUFINO; SIMAS, 2018, p.24).

Pensando na Educação como inventividade, inacabamento, o projeto Tocando Corações buscou construir e expandir, com estudantes, variadas maneiras e possibilidades de ser, inclusive em uma lógica de libertação, no sentido de aprender e poder ser coisas diferentes do que está imposto e previsto. Esses estudantes, portanto, podem driblar o precário e os estereótipos enraizados sobre si por aqueles que entendem a vida de forma puramente utilitária (KRENAK, 2020), onde o consumo e a escassez são fundamentais para o funcionamento social, descartando seres que não se enquadram na lógica dominante. A colonialidade, arrastando suas *correntes* até os dias atuais, gera essas “sobras viventes” de que falam os professores Rufino e Simas (2020), enfatizando os desencantamentos de mundo. Alguns desses seres descartáveis conseguem chegar a sobreviventes, outros a “supraviventes”, a exemplo desses integrantes do Tocando Corações, politizando e poetizando os cotidianos, corporificando sua presença em variados espaços; refletindo e debatendo a importância da conectividade entre os seres, em uma convivência harmônica da diversidade nesta casa comum, o planeta Terra.

A guerra está posta há tempos, a luta continua, e uma das formas de transgressão aos cativéis coloniais pode ser realizada através da própria essência poética introdutória dos materiais desenvolvidos no Tocando Corações, em sua música de abertura:

[...]  
 Conhecimento é poder  
 Produzimos informações  
 Fortalecendo as ações  
 Ampliando nossas visões  
 E tocando corações

Ainda refletindo em torno dos cativéis, foi lançado por uma pessoa, membro da escola na posição de educadora, em um grupo de professores e alguns grupos de estudantes, no *WhatsApp*, um vídeo onde o racismo era abordado como algo exagerado por pessoas que não percebem que todos têm as mesmas oportunidades, bastando apenas o esforço individual

para se alcançar metas desejadas, e o importante era enfatizar que somos seres humanos; a intenção foi instigar a reflexão sobre o dia da Consciência Negra. Como consequência, os ânimos se afloraram e muitos professores, indignados, expuseram a problemática do racismo estrutural e o perigo de naturalizar ações discriminatórias, gerando ainda mais violências que podem levar a morte. Uma das professoras do grupo se irritou imensuravelmente com a defesa dos argumentos pronunciados no vídeo, ao mesmo tempo em que confessou seu desânimo depois de todo um trabalho com estudantes de Ensino Médio debatendo temáticas como essa.

A ação dentro da escola, também, ocorre no sentido de empurrar o céu para abrir os horizontes de todos os profissionais de Educação e estudantes, assim como sugere Ailton Krenak (2012). Para reavivar a potência e o encantamento educativo, é preciso perceber que há sempre a necessidade de soprar para bem longe o carregamento colonial (RUFINO, 2019) impregnado e continuar nas batalhas; o trabalho é longo e cheio de enfrentamentos e aprendizados; fundamentalmente é preciso esperar<sup>91</sup> e quebrar as cascas de coco.

É interessante refletir a respeito da Educação como um projeto a longo prazo de mudanças, um fenômeno de múltiplas interfaces; assim como a própria questão cultural na Baixada Fluminense, tão estereotipada em moldes negativos. A ancestralidade, vivências e afetividades podem ser instrumentos de transformação e, a partir disso, perceber a Baixada como produtora de cultura e Educação. *Devagar, devagarinho* o Tocando Corações, dentro do espaço físico ou virtual da escola, pôde lançar sementes positivas nas desconstruções de preconceitos, nas construções de pensamentos críticos, tendo em vista a afirmação da diversidade e o respeito a ela, na luta por uma Educação democrática e plural. Nesse sentido, baseada nos ensinamentos de Preto Velho, também vou pisando devagar nesses espaços mirongueiros, lançando-me ao inesperado e enriquecedor processo de constante educanda, ao mesmo tempo, na responsabilidade da educadora com seus próprios cativeiros a desconstruir.

A Educação está na potencialidade do axé como acúmulo e troca de força vital, não necessariamente encerrado em uma única perspectiva negro-africana; mas um vir a ser freiriano<sup>92</sup> que vai se compondo, se transformando, inspirando atravessamentos nas relações e vivências.

---

<sup>91</sup> No sentido de Paulo Freire, de construir, de juntar-se a outras pessoas para fazer diferente, não desistir.

<sup>92</sup> Menção as ideias do professor brasileiro Paulo Reglus Neves Freire.

Vovô não quer casca de coco no terreiro  
Vovô não quer casca de coco no terreiro  
Pra não lembrar do tempo do cativoiro  
Pra não lembrar do tempo do cativoiro

(Ponto de Preto Velho)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



*“A sineta do céu bateu  
Oxalá já diz que é hora  
Eu vou, eu vou, eu vou  
Fica com Deus e Nossa Senhora”  
(Ponto de subida de Preto Velho)*

Encaminhando esses riscados para um encerramento de ciclo não para um fim, mas lançando o que está aqui presente para a roda das discussões em perspectivas plurais e construindo envolvimento e bases para continuar nos caminhos cruzados no comprometimento com a liberdade e justiça social, me remeto a fala de Doum da Praia, quando afirma que a vida é um espiral como o seu pirulito colorido, as interligações que influenciam o todo. Pai Joaquim da Calunga é a possibilidade das incorporações de saberes cotidianos de corpos que, até então, marginalizados, buscam nas frestas, um reconhecimento vivo, rompendo as correntes do não ser (FANON, 2008), reivindicando, na disputa, sua legitimidade e lugar nas esquinas plurais. É na escola que esses corpos plurais circulam, corpos que muitas vezes são silenciados devido a uma lógica racista que constitui o espaço praticado. Negros, indígenas, mulheres e todos que fogem à lógica hegemônica, heteropatriarcal, judaico-cristã. O tempo extenso de exclusões, leva a problemática das piores condições econômicas e sociais para essas pessoas, ainda mais exacerbadas em tempos de pandemia, junto a ausência de reconhecimento cultural.

Cada vez que o Velho Joaquim *baixa*<sup>93</sup> em seu aparelho, cada palavra enunciada, cântico entoado, tambor alimentado, cada vela acesa no Terreiro e no Cruzeiro, é sinal de que *devagar, devagarinho* continuamos na disputa, resistimos e, mais, existimos!

É necessário reconhecer o carrego do espírito da colonialidade e disputar esse mundo que ainda é pautado nas subalternidades e diversas outras violências; é preciso investir na encruzilhada!

Somos enquadrados em uma lógica de ensino dominante, onde tudo que destoia de uma narrativa linear, homogênea é descartado; a “desaprendizagem”, sugerida por Simas e Rufino (2019), soa como um grito pulsante de guerra contra a colonialidade, uma batalha em

---

<sup>93</sup> Ato em que o espírito/entidade incorpora em seu aparelho/médium.

prol de outras práticas e construção de mundos. Educação como fenômeno que imanta todas as outras coisas, Educação como axé no sentido de transformações radicais implicadas com as vidas, lançando para longe o desencante. É a transgressão (hooks, 2013) ao modo totalizante e excludente de mundo.

É nas ações pedagógicas que existe a possibilidade de tratamento dessas violências do colonialismo que é fundamentado no racismo e, por consequência, tem total descomprometimento na relação humana responsável com plenitude de vidas.

Diante dessa gira, fundamentada nas entrevistas-consultas com Pai Joaquim, nos fundamentos desse Preto Velho e nas vivências que tive no Terreiro Mensageiros de Oxalá, mergulhada nas filosofias de Terreiro, o projeto Tocando Corações pode ter sido uma das formas de praticar os ensinamentos que emergiram desse espaço, forjando possibilidades outras de Educação no contexto da escola. Segundo a professora Lady Almeida, o projeto foi uma atividade que levou em conta a fala de estudantes, a autonomia e afeto, em uma relação de aprendizagens horizontais.

A professora Sylvania Brito também enfatizou a afetividade do grupo e o protagonismo desses estudantes que traziam de volta, para nós professoras, e para seus próprios colegas de turma, o fortalecimento através dos materiais criados, a autoestima, a responsabilidade e a prática da coletividade nessas movimentações.

Ex-estudantes que, inclusive, voltaram ao CIEP Cora Coralina para realizar estágios, destacaram o projeto como a primeira oportunidade de praticar e aprender a responsabilidade da Educação como algo a ser construído a todo instante, percebendo esses estudantes diversos e fazendo com que suas próprias narrativas sejam contempladas nesse espaço a fim de que se fortaleçam para as batalhas cotidianas, inspirando a vitalidade da existência, do ser nas relações.

Dessa terra: Pindorama!  
Do colo de Pacha Mama  
Escrevo essa poesia  
Exaltando as culturas  
Que firmaram as estruturas  
Dessa nossa encantaria  
Território indígena  
Invadido, saqueado  
Sofrem os povos originários  
O instrumento do poder é o pecado  
Fundamentado na ganância de poderes monetários  
Estupros, mortes, marginalização  
São ainda assim tratados  
Os donos desse chão  
Que lutam por justiça  
E pela demarcação!  
Numa grande potência  
Se deu forte confluência  
De indígenas e negros vindos de África  
Numa travessia Atlântica  
Completamente trágica  
Mas a cultura da diáspora  
Fez todo um renascer  
Para nesse território  
Ser possível sobreviver  
Somos frutos da reexistência  
Das potências criadoras  
Dos povos que sofreram  
Em mãos exploradoras  
Ainda hoje invisibilizadas  
Por muitos discriminadas  
Pela ignorância  
Diversas vezes violentadas  
É Terreiro invadido  
É terra não demarcada  
É o discurso de ódio  
E muita gente contaminada  
Reproduzindo falácias  
Da massa colonizada  
E isso tudo vai criando consequência

Nos cotidianos e escolas  
Precisamos agir com mais prudência  
Fazendo reformulações  
Recontando essa História  
Por outras narrações  
E dentro desse enredo  
Bato palma e ele vem  
Pai Joaquim da Calunga  
Ensina como ninguém  
A importância do coletivo, da responsabilidade social  
Desde os tempos de dureza do canavial  
Hoje fala dos agrupamentos  
Como fundamento crucial  
Preto Velho nos ensina  
O poder do conhecimento  
A potência da encantaria  
Pra viver nesse mundo  
Armado de alegria  
Pois é ela o contra ponto do ódio  
No riscado de Exu  
Melhor do que bater  
É se esquivar e saber  
A hora certa de acertar  
Uma gargalhada bem na cara  
De quem quiser te derrubar  
Preto Velho vai pisando devagar  
Sabendo a hora certa de se presentificar  
Reivindica existência  
Na força da brasilidade  
Exaltando a importância de nossa pluralidade  
Saravá, meu professor!  
Foi na Umbanda que conheci  
Um caminho transgressor  
A essa vida fundamentada  
Nas amarras do colonizador

E por esses caminhos, pisando devagar, na disputa poética pelas existências que tentam apagar, fecho a dissertação com alegria, saravando Pai Joaquim que me permitiu e ajudou a desatar alguns pontos, amarrando possibilidades outras em minhas próprias práticas como professora de Sociologia de uma escola pública na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 1ª edição, 2019.
- ALBUQUERQUE, Marcos. **Destreza e sensibilidade**: os vários sujeitos da jurema (as práticas rituais e os diversos usos de um enteógeno nordestino). Monografia. Universidade Federal de Campina Grande. Paraíba, 2002.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, José Cláudio. Baixada Fluminense: reconfiguração da violência e impactos sobre a educação. **Revista de Educação Movimento** - UFF, Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, 2015.
- AMARAL, Rita; DA SILVA, Vagner. Religiões afro-brasileiras e cultura nacional: uma etnografia em hipermídia. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v,3, n.6, jul/dez, 2006.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.
- BEZERRA, Nielson. **A cor da Baixada**: escravidão, liberdade e pós-abolição no Recôncavo da Guanabara. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2012
- BEZERRA, Nielson. A historiografia tradicional e a invisibilidade da escravidão na Baixada Fluminense. In: BEZERRA, N; A. NASCIMENTO (orgs.). **De Iguassú à Baixada Fluminense**: históricas de um território. Curitiba: Appris, 2019, p.85-104.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução de Vânia Cardoso e revisão de Luciana Hartmann. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis: UFSC, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa, 1989.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s)**: uma aproximação. Educ. Soc., 79: 125-161, 2002.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Belo Horizonte: **Educação em Revista**, v.26 | n.01 | p.15-40, 2010.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé, Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CARDOSO, Vânia. O espírito da performance. Ilha: **Revista de Antropologia**. Florianópolis, v.10, n.1, p.197-214, 2009.
- CARDOSO, Vânia; HEAD, Scott. Encenações da descrença: a performance dos espíritos e a presentificação do real. **Revista de Antropologia**, SP, v. 56, n.2, p. 257-289, 2013.

CASA FLUMINENSE. Mapa da Desigualdade – Região Metropolitana do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: < <https://www.casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa->> Acesso em 15 dez. 2020.

CONCONE, Maria Hellena Villas Bôas. Caboclos e Pretos Velhos da Umbanda. In: PRANDI, Reginaldo. (Org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p.281-303.

CORALINA, CIEP 032 Cora. **Imagem publicada em 12 de janeiro de 2021**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ciepcoracoralina032/photos/pb.100064101666539.-2207520000./1141005416341127/?type=3>> . Acesso em: 27 de jun. 2022.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter um antropológico blues. Rio de Janeiro: **Boletim do Museu Nacional**, 1978.

D'ANDREA, Tiaraju. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitas periféricos**. São Paulo: Dossiê Subjetividades Periféricas, V39n01, 19-36, 2020.

PERILLO, Augusto. **Covid na Baixada**. [S.l.], 2020. 1 vídeo (27min 08s). Publicado pelo canal Augusto Perillo. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=YBv8g1lQhFE&t=157s&ab\\_channel=AugustoPerillo](https://www.youtube.com/watch?v=YBv8g1lQhFE&t=157s&ab_channel=AugustoPerillo)> Acesso 20 set. 2020.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. **História da África e do Brasil afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Z Cultural. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1968.

FAUSTINE, Marcus Vinícius. **Guia Afetivo da Periferia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FERREIRA, Marta. De menina à rainha/de rainha à menina: identidades tecidas em narrativas afrodiáspóricas; In: **Revista de Ciências Humanas e Linguagens**; Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII, v.2 - n.3, p. 1- 524. Jan – Jul, 2021. ISSN 2675-6781

FERREIRA, Marta. Live: Lançamento de livros – Sala 01. In: **Seminário Internacional Redes UERJ**, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tz3nKwz6ti4>. Acesso em 15 jun. 2022.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro**. Rio de Janeiro: Telha, 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido - 1ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

Cineclube Mate com Angu. “**Nunca fui, mas me disseram...**”. 2007. Youtube: Cineclube Mate Com Angu. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=E8sUcveY6XA> > . Acesso em: 28 jul. 2022.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante, In: Alba Z. Guimarães (Org.), **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. cap.1, p.03-21.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1998.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares – 1ªed. - Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES, Renan Lélis. **Poesia pra encher a laje**. São Paulo: LiteraRUA, 2016.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira; In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244. 1984.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOSHINO, Thiago A. P. Filosofias com (o) sotaque: patoás, patuás e amarrações. **Revista Brasileira de Cultura / Cult** – dossiê Pensamentos guerreiros contra a colonialidade, São Paulo, p. 26-27, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2019.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

JUNIOR, A. de Assis. **Dicionário Kimbundo-Português**. Toronto: Edição de Argente, Santos & C.a, L.da. Luanda, 1967.

LOPES, Nei. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pequisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Alexandre. As periferias na pandemia: explicitação da política de precarização e de exposição à morte. Rio Grande do Sul: **Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia**, UFPEL, 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar. In: RAVETTI, G. e ARBEX, M. (orgs.). **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: FALE Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

MENDES, Andrea Luciane Rodrigues. Candomblé Angola e o culto a caboclo: de como João da Pedra Preta se tornou o Rei Nagô. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 6, nº2, p.120-138, jul-dez 2014. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/17276/12712>> Acesso em 06 dez. 2021.

MENDES, Andrea Luciane Rodrigues. **Sua Bandeira na Aruanda está de pé: caboclos e espíritos territoriais centro-africanos nos terreiros e comemorações da independência (1824-1937)**. 2018. 254p. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1063380>> Acesso em 22 set. 2021

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n.34, p. 287-324, 2008.

nascimento, wanderson flor do. Enterreirando a investigação: sobre um ethos da pesquisa sobre subjetividade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 72 (no.sp.e.): 199-208

nascimento, wanderson flor do. Em torno de um pensamento enterreirado. **Revista Brasileira de Cultura / Cult** – dossiê Pensamentos guerreiros contra a colonialidade, São Paulo, p. 21-22, 2021.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**; USP, S. Paulo, 5(1-2): p.113-122, 1993.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007

OLIVEIRA, José. **Das macumbas à umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. São Paulo: Conhecimento Divina Luz, 2008.

OLIVEIRA, Marize Oliveira de. Imagem publicada em 22 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2116212285083041&set=pb.100000828715554.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

OLIVEIRA, Lorena Silva. “É preciso aprender a voltar para casa”. **Revista Brasileira de Cultura / Cult** – dossiê Pensamentos guerreiros contra a colonialidade, São Paulo, p. 23-25, 2021.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1947.

PEREIRA, Júlio C. M. da S. **À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. 196p.

POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora.** Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

POSSIDÔNIO, Eduardo. **Entre ngangas e manipansos: a religiosidade centro-africana nas freguesias urbanas do Rio de Janeiro de fins de Oitocentos (1870 – 1900).** 2015. 183p. Niterói, 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado De Oliveira. Disponível em :< <https://ppghistoria.universo.edu.br/dissertacao/entre-ngangas-e-manipansos-a-religiosidade-centro-africana-nas-freguesias-urbanas-do-rio-de-janeiro-de-fins-oitocentos-1870-1900/>> Acesso em 06 mar. 2022.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REZENDE, Livia Lima. Força africana, força divina: trânsitos entre África e Brasil através da figura umbandista dos pretos-velho. **Revista Mosaico**, [S.l.], v. 7, n. 10, p. 96- 120, 2016. Disponível em :< <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/64729#:~:text=O%20estudo%20permitiu%20que%20fossem,pr%C3%A1tica%20umbandista%20como%20um%20todo.>> Acesso em 06 dez 2021.

ROCHA, Carmem. Curimbas: o som das almas. In: CONTINS, Marcia. PENHA-LOPES, Vânia e ROCHA, Carmem. (Orgs). **Religiosidade e performance: diálogos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015. p.17-32.

ROHDE, Bruno Faria. **Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista.** In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 5, 2009, Salvador, BA. **Anais Eletrônicos do V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador, BA: Faculdade de Comunicação (UFBA), 2009, [n.p.]. Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19445.pdf>> Acesado em 06 ago. 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2021.

RUFINO, Luiz; BORGES, Luzineide Miranda; MANFRENATTI, Tarciso. Pedagogias Nagô: saberes e fazeres no contexto atual. In: CRUZ, Giseli Barreto, da; FERNANDES, Claudia; FONTOURA, Helena Amaral da; MESQUITA, Silvana (orgs.) **Didática(s), entre diálogos, insurgências e políticas.** Rio de Janeiro: E-book Simpósios da XX ENDIPE, 2020. Disponível em: < <https://www.andipe.com.br/c%C3%B3pia-publica%C3%A7%C3%B5es>> Acesso em 10 ago. 2021.

RUFINO, Luiz, SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

RUFINO, Luiz, SIMAS, Luiz Antonio **Encantamento: sobre política de vida.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

RUFINO, Luiz, SIMAS, Luiz Antonio; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças: uma filosofia popular brasileira.** 1ª ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SANTOMÉ, J. Torres. **La Justicia curricular: el caballo de Troya de la cultura escolar**. Madrid: Ediciones Morata, 2011.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 79, p. 71 – 94, novembro 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em: 05 fev. 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. 1ªed., 2ª reimp – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Thais. **Identidades (in)visíveis: indígenas em contexto urbano e ensino de história na região metropolitana do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA). Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016. Disponível em: <

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174831/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Thais%20Silveira.pdf>> Acesso em 07 jul 2021.

SIMÃO, Mário Pires. Como as favelas ajudam a pensar a cidade após a pandemia do coronavírus? **Revista Tamoios**, São Gonçalo, RJ, ano 16, n.1, Especial COVID-19, p.50-62, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio.. **O país de Sete Encruzilhadas**. Revista Caju, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio.. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio.; LOPES, Nei. **Filosofias africanas: uma introdução**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2020.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava**. São Paulo: UNICAMP, 2011.

SLENES, Robert Wayne.. **The demography and economics of brazilian slavery: 1850-1888**. São Paulo, 1976.

SLENES, Robert Wayne. “*Malungu, Ngoma Vem!*”: África coberta e descoberta no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 12, p. 48-67, fev. 1992. Disponível em :<  
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575>> Acesso em 06 out. 2022.

SLENES, Robert Wayne. A Árvore de Nsanda transplantada: cultos kongo de aflição e identidade escrava no sudeste brasileiro (século XIX). In: LIBBY, Douglas Cole & FURTADO, Júnia Ferreira. (orgs.). **Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa, séculos XVII e XIX**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 291-292.

SLENES, Robert Wayne. “Eu venho de muito longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala Centro-Africana. In: LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo. (orgs.) **Memória do Jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007, p. 109-156.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SOUZA, André. Baianos, novos personagens afro-brasileiros. In: PRANDI, Reginaldo. (Org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p.304-317.

SOUZA, Mariana de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. **Revista Tempo**, Niterói, v.6, n. 11, p. 171-188, 2009. Disponível em: <  
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018156012>> Acesso em 06 dez. 2022.

TAVARES, Julio Cesar de. Diáspora africana: a experiência negra de interculturalidade. In: MULLER, Tania; OLIVEIRA, Iolanda (org.). Cadernos Penesb: Discussões sobre negro na contemporaneidade e suas demandas. **Revista do Programa de Educação sobre Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói, n. 10, p. 77 – 85, jan/jun, 2008/2010. Disponível em : <  
<http://ole.uff.br/wp-content/uploads/sites/573/2019/02/PENESB-10.pdf#page=77>> Acesso em 05 mar. 2021.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p.123-134.